

A CABRA

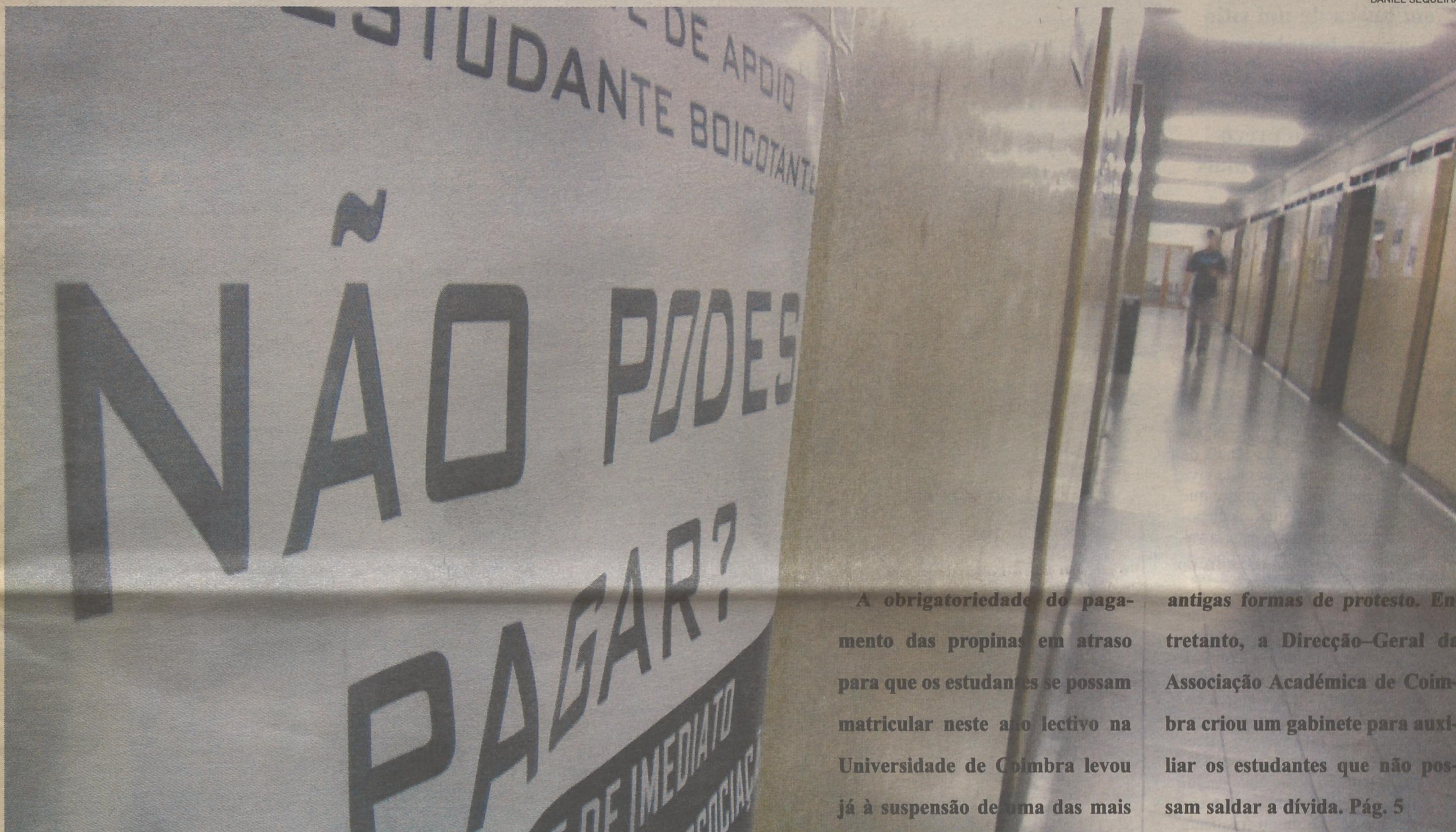
Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
6 DE OUTUBRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO N.º 119

EXIGÊNCIA DE PAGAMENTO DE PROPINAS DETERMINA FIM DO BOICOTE

DANIEL SEQUEIRA



A obrigatoriedade do pagamento das propinas em atraso para que os estudantes se possam matricular neste ano lectivo na Universidade de Coimbra levou já à suspensão de uma das mais

antigas formas de protesto. Entretanto, a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra criou um gabinete para auxiliar os estudantes que não possam saldar a dívida. Pág. 5

É DIFÍCIL MORAR EM COIMBRA

Arranjar alojamento com um preço acessível e em condições aceitáveis é uma das primeiras preocupações de quem vem estudar para Coimbra.

PÁG. 2 E 3



FRANCISCA MOREIRA

Margem esquerda

Diferente da Coimbra dos postais, o “outro lado” do Mondego tem um carácter próprio, insubstituível para quem lá mora. PÁGS. 12 E 13

Pela voz d'Ellas

O discurso directo de Raquel Ralha e Sofia Lisboa, que interpretam Peggy Lee e Brigitte Bardot, entre outras vozes famosas, esta noite no TAGV. PÁG. 17

Via Latina
Ad Libitum

**Contamos com o
teu projecto**

Secção de Jornalismo AAC
239 821 554 | via.latina@gmail.com

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	14
Opinião	4	Desporto	15
Ensino Superior	5	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Estórias	22
Internacional	10	Vinte&três	23
Tema	12		

Quem estuda quer quarto

Encontrar habitação continua a ser um dos grandes problemas para quem chega à cidade dos estudantes

O cenário repete-se todos os anos. Coimbra recebe por esta altura entre três a quatro mil estudantes que encetam verdadeiras maratonas em busca de um sítio para se instalarem.

Nesta procura são pesados vários factores, sendo que o preço começa por ser o mais importante

Joana Moreira
Tiago Pimentel

À semelhança de outros estudantes bolsiros, Tiago Carvalho quando chegou a Coimbra dirigiu-se ao serviço de alojamento dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). Chegado lá, tomou conhecimento da existência da Cooperativa de Habitação onde vive habitualmente. Foi informado que na altura não existiam quartos disponíveis mas que um quarto estaria vago brevemente. Assim, tornou-se sócio e, enquanto aguardava a resposta, procurou um quarto para arrendar. Recorreu ao certificado de habitabilidade da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (da qual hoje, três anos depois, faz parte) e, tal como muitos outros estudantes, ocupou uma casa com condições precárias, pois “estava a ficar sem tempo” para procurar casa: “Tinha que ir embora nesse dia e decidi ficar naquele quarto temporariamente”. Esta situação é muito frequente e são muitos os alunos que mudam de casa pouco tempo depois de estarem em Coimbra. A troca é feita porque encontraram casas em melhores condições, com preços mais acessíveis, porque escolhem outra localização ou porque decidem viver com amigos.

Alojamento alternativo

A Cooperativa de Habitação dos Estudantes da Universidade de Coimbra (CHEUC) constitui uma iniciativa única ao nível nacional. Foi criada há sete anos e surgiu num contexto de combate à especulação imobiliária e à habitação precária. A CHEUC corresponde a uma tentativa de proporcionar à comunidade universitária habitação condigna a preços mais reduzidos, tendo iniciado o seu projecto através da recuperação de uma casa antiga. Para o efeito, foi contraído um empréstimo, sendo que os pagamentos, tanto relativos à quotização como à renda de habitação, cerca de 90 euros mensais, destinam-se à amortização da quantia em dívida. A contribuição económica dos SASUC também foi fundamental. Como afirma o administrador dos Serviços de Acção Social, Luzio Vaz, a cooperativa de habitação “nasceu à sombra dos SASUC”.

Tiago Carvalho sublinha que nem todos os sócios da CHEUC estão alojados na casa. Muitos encontram-

se em lista de espera. Contudo, a antiguidade de sócio não é o factor preponderante para a ocupação das vagas. A este factor sobrepõem-se outros. Assim, na avaliação da candidatura aos quartos a situação económica do aluno é o factor mais importante, embora o aproveitamento escolar também seja levado em conta.

O estudante, que também já foi comensal na Real República Ay-ô-Linda, designação dada aos estudantes que não morando numa república fazem lá as suas refeições, estabelece uma comparação entre a vivência numa cooperativa e numa república. Assim, refere que a grande diferença entre elas é que numa república “as relações e os laços que se criam entre as pessoas são sempre muito mais fortes. Cria-se uma autêntica família devido sobretudo ao facto de os estudantes se juntarem sempre durante as refeições, altura em que há uma troca de ideias e de experiências”. Pelo contrário, numa

cooperativa, embora existam festas e convívios durante os quais se reúnem os sócios, não há uma convivência obrigatória e quotidiana entre os sócios.

Actualmente existem 27 repúblicas em Coimbra. A integração nestas casas também se faz mediante candidatura. No entanto, aqui a aprovação dá-se mediante o interesse e a mais valia que os novos elementos podem trazer à casa. A sua candidatura não terá sucesso se não houver adaptação do candidato ao funcionamento da república e aos seus elementos.

Algumas das repúblicas, como é o caso da República dos Galifões, são proprietárias da própria casa. A maioria dos casos, contudo, arrenda o alojamento ou aos SASUC ou a particulares. Nesta última situação os arrendamentos são condicionados devido a um decreto-lei de 1984, o que faz com que o preço do alojamento seja bastante acessível. Com a nova lei do arrendamento não se

sabe se este regime de excepção se vai manter.

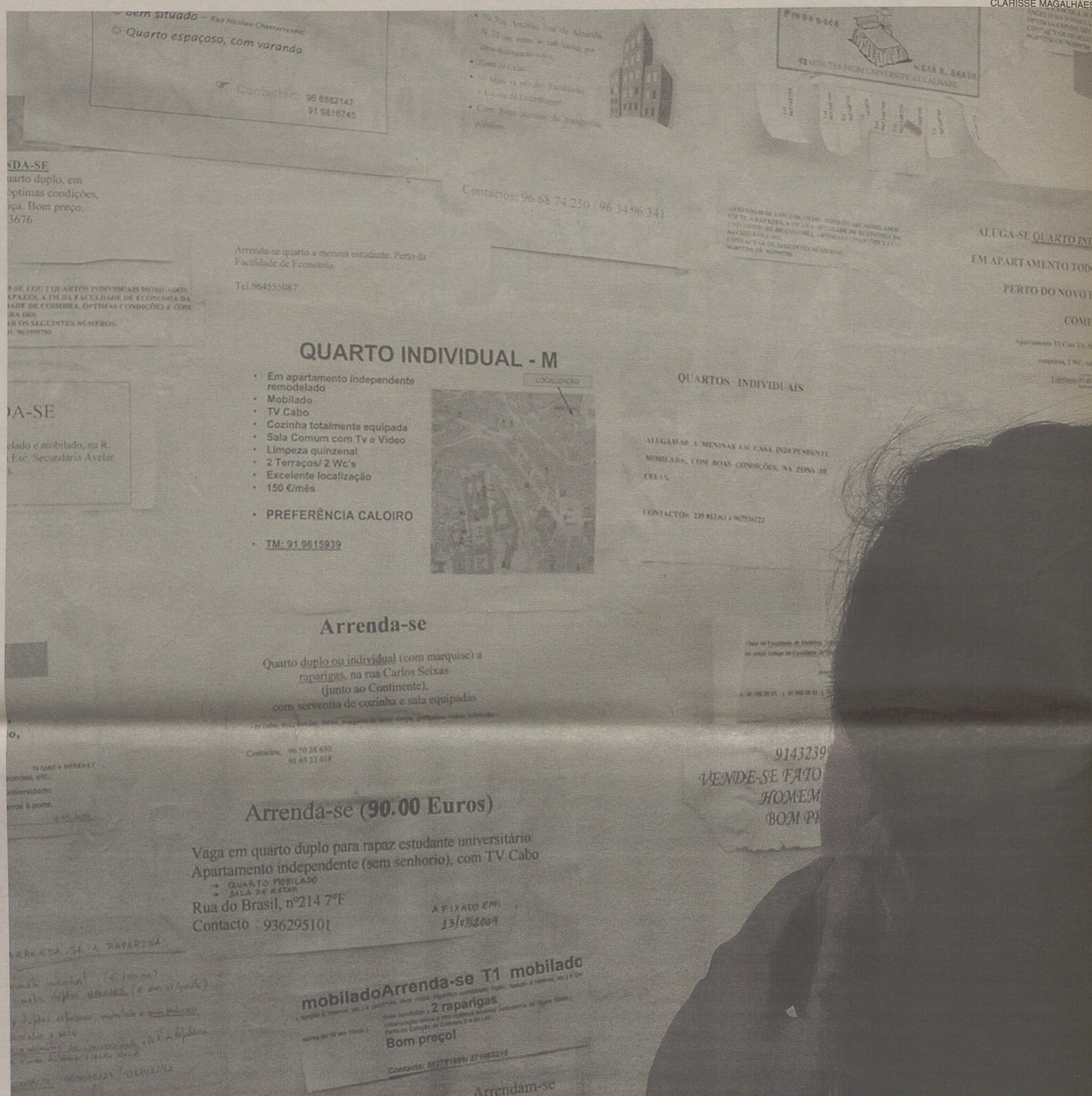
Apoio universitário

Uma outra alternativa às vertentes de alojamento já referidas são as residências dos SASUC. Segundo Luzio Vaz, há neste momento doze residências universitárias, que servem um total de cerca de 1200 estudantes. Na impossibilidade de albergar todos os estudantes da universidade, a prioridade no acesso às residências é dada aos estudantes bolsiros, não sendo excluída a hipótese de os estudantes não bolsiros serem contemplados, sendo que estes pagam cerca de 90 euros pelo alojamento. Os SASUC concedem ainda um subsídio de 100 euros para aqueles que solicitam alojamento numa residência mas acabam por não ir morar para lá. Luzio Vaz avança ainda que há projectos para a construção de mais uma residência no pólo II e uma outra no pólo III, que serão regidas por uma filosofia completamente dife-

rente da que orienta as residências clássicas. No fundo, será uma tentativa de instaurar um espírito similar ao que se vive nas repúblicas de estudantes.

Em jeito de balanço, o administrador dos SASUC reitera a impossibilidade de prestar apoio à totalidade da comunidade universitária de Coimbra. Num universo de 22 mil estudantes, há 4200 a quem é atribuída bolsa. De entre esses 22 mil há ainda, para Luzio Vaz, três ou quatro mil estudantes que não possuem bolsa nem possibilidades económicas, que “passam dificuldades”, considerando ainda a existência de “uma fatia de cerca de dez por cento que vive bem, constituída pela classe média, média-alta e altíssima”.

A lei do arrendamento poderá tornar o cenário actual ainda mais negro no que toca aos preços dos alojamentos para estudantes em Coimbra. Tiago Carvalho admite não conhecer a lei na sua íntegra,



Os anúncios de quartos para arrendar muitas vezes não correspondem à realidade

CLARISSE MAGALHÃES

mas considera que “a procura de casa vai tornar-se selvagem”. No seu entender, não são concebíveis os encargos que recaem sobre as famílias portuguesas com filhos a estudar no ensino superior, espelhando o desinvestimento governamental na educação. “O ensino superior, hoje em dia, é tudo menos público, universal e gratuito”, resume.

Como procurar casa

O certificado de habitabilidade é um instrumento de grande utilidade para os estudantes que procuram alojamento. Permite obter informações bastante úteis relativamente às ofertas de alojamento. No certificado de habitabilidade estão inseridos dados respeitantes ao preço, à localização, ao número de quartos e à existência ou não de contrato e recibo. Desta forma, facilita de modo considerável a tarefa àqueles que procuram um local para morar. Tiago Carvalho considera que o combate à habitação precária e à especulação imobiliária, derivada da grande procura de alojamento por parte dos estudantes, é um dos principais méritos do certificado de habitabilidade. Isto possibilita estabelecer um termo de comparação entre as diferentes alternativas, o que possibilita aos estudantes saberem com

o que podem contar quando procuram alojamento.

A DG/AAC presta um serviço único em Portugal. Os certificados de habitabilidade foram criados há quatro anos, durante o mandato de Humberto Martins. Os critérios de habitabilidade são conferidos aos alojamentos após avaliação efectuada pela equipa da DG/AAC. Para a classificação das casas existem quatro graus de apreciação, que variam entre o suficiente e o muito bom. A lista dos alojamentos aprovados é distribuída ao preço simbólico de 50 cêntimos. Tiago Carvalho afirma que existem bastantes “chumbos” e acrescenta que tal não impede os arrendatários de encontrar um outro modo para ocupar a casa. Relativamente aos recibos, essa é “uma questão incontornável”. Embora seja “injusto e ilegal a pessoa estar a pagar sem ter direito ao recibo, a falta deste não é restritiva nem impede a casa de ser arrendada”. Acrescenta ainda que “o que chumba automaticamente a casa é, por exemplo, o facto do esquentador a gás estar colocado na casa de banho, junto da banheira”.

O início e o fim do ano lectivo constituem os principais picos, quer de procura, quer de oferta de alojamento em Coimbra. Assim, o período

entre os meses de Julho e Outubro é o de maior agitação para o mercado imobiliário da cidade. Durante esta época, imensos anúncios estão espalhados por toda a Coimbra. Os espaços escolhidos pelos anunciantes são sobretudo os principais locais de passagem dos estudantes. Isto leva à formação de verdadeiros murais com publicidade nas cantinas, nas faculdades, na associação académica e até nas casas de banho.

Para além dos certificados de habitabilidade e dos anúncios espalhados um pouco por todo o lado, os estudantes recorrem também aos jornais locais enquanto procuram casa.

Luzio Vaz é taxativo ao afirmar que “Coimbra é uma cidade terrível onde o estudante é extremamente explorado”. Os preços da habitação em Coimbra são altíssimos, comparando com outras cidades que acolhem estudantes deslocados de casa. A falta de acção e fiscalização por parte da Câmara Municipal de Coimbra leva a temer pela inflação de preços e o agravamento da exploração a que os estudantes estão sujeitos com a entrada em vigor da nova lei do arrendamento.

O administrador dos SASUC estabelece um paralelo entre a actuali-

dade e os tempos da criação da universidade, no tempo de D. Dinis. Nessa altura, afirma, “eram nomeados todos os anos dois homens, acompanhados por dois estudantes, que tinham a seu cargo a fixação das rendas a cobrar nas casas, evitando-se assim a exploração”.

Luzio Vaz demonstra-se consciente das condições precárias de muitas das casas arrendadas aos estudantes. Dá alguns exemplos, como casos de indivíduos que controlam o número de banhos permitidos semanalmente e restringem a utilização de electrodomésticos com elevado consumo de energia, como aquecedores e microondas. Estes casos acontecem sobretudo em casas onde os preços incluem já as despesas de água, electricidade e gás. Luzio Vaz lembra ainda “casas onde as janelas estão em péssimas condições ou nem sequer existem”. A acrescentar a estas condições precárias, há alojamentos onde o saneamento se encontra em elevado estado de degradação, com problemas de humidade e que há muito aguardam por obras de manutenção. A este respeito, o administrador dos SASUC é da opinião que estes casos devem ser publicitados, de modo a evitar a proliferação de alojamentos nestas condições.

“Uma experiência de vida comunitária”

Eu sou de Coimbra mas o meu caso é uma excepção: a maior parte dos estudantes que mora nas repúblicas não é de Coimbra. Escolhi este modo de vida porque tinha muita curiosidade e queria ter uma experiência de vida comunitária. Já frequentava as repúblicas há alguns anos. Aqui, as pessoas partilham as tarefas. É um espaço comunitário que proporciona grande contacto com as gerações anteriores.

Nos centenários temos a oportunidade de estar com os antigos e de ouvir as histórias das pessoas que passaram por Coimbra. Sente-se que as paredes já assistiram a muita coisa e têm muitas histórias para contar. Um ano numa república equivale a cem anos de vida normal.

João Baía,
estudante de Sociologia

“Estive numa residência”

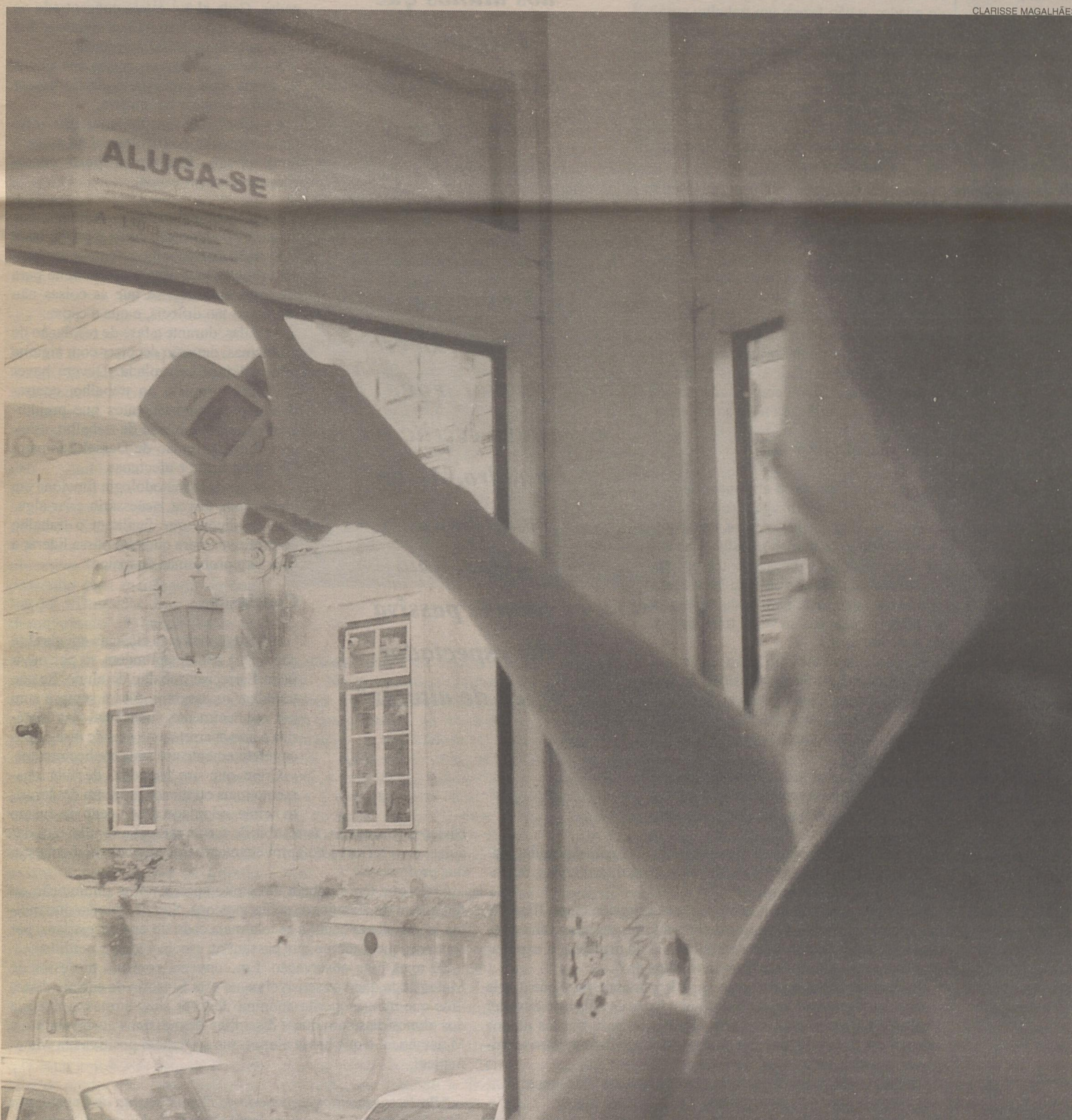
Estive numa residência de estudantes. Na altura recebia a bolsa mínima e o que eu pagava era descontado na bolsa. Mudei no início deste ano não devido ao ambiente, mas porque se tornava muito complicado viverem 22 raparigas partilhando apenas uma cozinha, uma sala e com uma casa de banho para cada quatro residentes. O facto de dividir o quarto com uma pessoa que não conheço ou de ter que apagar a luz porque a colega de quarto queria dormir pesou na minha decisão. Decidi mudar para estar mais à vontade, por causa da privacidade e pela possibilidade de ter um espaço próprio, mesmo sabendo que os encargos serão maiores.

Diana do Mar,
estudante de Jornalismo

“Fica-se em condições precárias”

No meu primeiro ano estive numa casa que arranjei por intermédio de um amigo meu. Acabei por ir morar com ele por ser de confiança. Depois mudei de casa, para viver mais perto da universidade, já que o preço era mais ou menos o mesmo. Não fazia a mínima ideia da existência do certificado de habitabilidade. O primeiro ano é sempre um bocado complicado porque uma pessoa quando chega cá não faz ideia das condições que vai encontrar. Muitas vezes fica-se em situações precárias, a pagar muito, acabando por ser explorado pelos senhorios que, de uma forma ilegal, não passam recibos. Tive conhecimentos das residências universitárias quando vim para cá. Quanto às repúblicas, já tinha algum conhecimento mas não fazia a mínima ideia de como funcionavam.

Rodrigo Ferrão,
estudante de Direito



Para os novos estudantes de Coimbra os telefonemas sucedem-se em busca de um quarto onde ficar

EDITORIAL

Grandes males pedem grandes remédios

A decisão reitoral, que vem colocar em cima da mesa a vergonhosa hipótese de exclusão, merecia outra resposta

No dia 29 a Academia de Coimbra reuniu numa Assembleia Magna convocada a pedido de um abaixo-assinado que reuniu cerca de 1300 assinaturas. Na Cantina dos Grelhados terão comparecido cerca de 400 pessoas. Não seria de esperar que, pelo menos, os estudantes que deram o seu nome para a realização da Assembleia Magna realmente lá fossem? Ainda assim, muitos dos que subiram ao púlpito congratularam a Academia por aquela "casa-cheia".

Ora, quando uma Assembleia Magna é considerada satisfatória por reunir algumas centenas de estudantes, não é lícito esperar que se consiga um boicote ao pagamento da propina a que adiram os cerca de 20 mil estudantes da Universidade de Coimbra – e só com um boicote de larga escala seria possível obter resultados concretos.

O problema da falta de participação e sensibilidade quanto às lutas estudantis é uma realidade que deve ser combatida, em especial pelos dirigentes associativos. Agora, face à impossibilidade de um boicote alargado, pode-se criticar a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e todos os que defenderam o fim do actual boicote? Não. A decisão tomada na última Magna foi, sem dúvida, uma derrota. Mas, dada a possibilidade efectiva de exclusão de alguns estudantes da Universidade de Coimbra, não seria legítimo que se continuasse obstinadamente a manter esta forma de luta.

Agora, o fim do boicote, humildemente reconhecido como uma derrota, deveria ter sido o retrocesso necessário para seguir em frente na contestação. Assim, surpreende a moção apresentada pela DG/AAC, que, para além de um cordão humano em frente ao Pavilhão de Portugal onde decorreria uma reunião de Conselho de Ministros, propunha a realização de uma manifestação nacional em Lisboa. Só pela união podem os estudantes vencer as batalhas da sua luta e, neste contexto, as manifestações nacionais são inegavelmente importantes. Mas, na altura em que cai uma das mais antigas formas de combate ao sistema de propinas e depois de um ano lectivo em que as manifestações nacionais foram de resultados, no mínimo, questionáveis, não seria de esperar que surgissem as já há tanto tempo faladas novas formas de luta?

A decisão reitoral (anunciada em período de férias por um reitor apostado, desde a polémica do valor da propina, em granjear o descontentamento dos estudantes), que vem colocar em cima da mesa a vergonhosa hipótese de exclusão, merecia outra resposta. A DG/AAC respondeu, é certo, com um sistema de apoio ao estudante boicotante e carenciado. É uma medida louvável e o compromisso de assegurar a permanência de todos os estudantes na Universidade de Coimbra revela o imprescindível sentido de responsabilidade de uma direcção-geral perante a academia que representa. Mas as medidas avançadas pela DG/AAC estão longe de ser uma medida de força contra o sistema de propinas. Para começo de ano, seria de esperar mais. *João Pereira*

O fracasso no ensino da Matemática e não só...

João Carvalho *

forma imediata;

2 - Possibilita a cada um ir trabalhando ao seu ritmo;

3 - Diminui o sentimento de culpa pelo facto de não trabalhar em casa, produzindo o mesmo efeito nos pais que não têm tempo ou conhecimentos para ajudar os filhos em casa: "ele trabalha na escola!";

4 - Mostra-lhe que as coisas não são tão complicadas como poderia parecer e que estão ao seu alcance, melhorando a sua auto-estima e funcionando como motivação para o trabalho;

5 - Mesmo que não tenha um grande empenho em seguir a matéria, o acompanhamento no decurso das aulas facilitará o seu estudo posterior;

6 - Ganha hábitos de trabalho. É frequente os docentes do ensino superior apontarem essa falha aos alunos.

II - Para o docente:

1 - Em geral os alunos gostam de trabalhar desta forma;

2 - Assim, com os alunos a trabalhar, as aulas têm tendência a ser mais disciplinadas. Cada aluno estará concentrado na sua tarefa e por isso menos sujeito a distrair-se com questões marginais;

3 - Acompanha o progresso dos alunos de forma mais próxima, podendo dosear melhor o avançar na matéria;

4 - Com este tipo de aulas não sofre tanto a pressão do barulho ou da indisciplina na sala. Está em melhores condições para liderar a aula.

Neste acompanhamento contínuo das matérias, o aluno não deixa para depois a realização dos trabalhos, sente o seu próprio progresso, e isso é estimulante para ele, pois apercebe-se que as coisas não são assim tão difíceis, e que é capaz.

As aulas, durante a fase de resolução de problemas, deverão decorrer com alguma informalidade controlada. Deverá haver um clima propício ao trabalho, contrariando os comportamentos que prejudiquem o bom ambiente de trabalho, usando a feliz expressão de Daniel Sampaio: De forma firme e afectuosa.

Para que esta metodologia funcione em pleno, será, talvez, necessário criar algumas condições que facilitem o trabalho do professor, para que este possa liderar a aula sem problemas de maior.

Conclusão

A Matemática e as ciências em geral (e não só...) não se aprendem só por ouvir falar. É preciso trabalho do aluno. Se não trabalhar os assuntos, ficará sempre com um conhecimento superficial das matérias e isso acarreta uma grande insegurança relativamente aos seus conhecimentos.

Creio que um esquema de funcionamento mais ou menos próximo do descrito acima, adoptado desde cedo no ensino

básico e secundário, fará subir de forma radical o rendimento das aulas, com reflexos no aproveitamento dos alunos e no bem estar dos professores.

Creio que terá também um efeito apreciável na diminuição do fenómeno do abandono escolar precoce. Sou de opinião que muitos jovens abandonam a escola mais cedo do que desejariam, por sentirem que o tempo que passam na escola é tempo perdido.

Só mais uma observação. Em conversa com um professor de Matemática que usa sensivelmente esta filosofia de ensino, disse-me que num inquérito anónimo feito às suas turmas, a maioria dos alunos disseram que a disciplina de que mais gostavam era a Matemática, e que havia alunos que só tinham positiva em Matemática!

*Professor auxiliar convidado do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

A comunicação social tem dedicado uma atenção especial ao fenómeno do insucesso e abandono escolar no nosso país. É muito grave que após a adesão à União Europeia de mais dez novos países, Portugal continue a ser o último em termos de literacia.

Fala-se muito no mau aproveitamento a Matemática, mas a razão pela qual as coisas vão mal a Matemática é a mesma pela qual vão mal noutras matérias. Como é sabido vão mal a Física, a Química, a Português, a Filosofia, etc. O que se passa é que na Matemática o descalabro é mais evidente, devido às características próprias da disciplina.

Uma notícia vinda no "Jornal de Notícias" de 4 de Março de 2004, intitulada "Grau zero de compreensão em Português", noticiava que num estudo do Ministério da Educação, dizia-se, entre outras coisas, que 43 por cento dos alunos do 6º ano tinham obtido zero numa prova de compreensão da leitura e expressão escrita de Português.

A razão deste descalabro assustador deve-se ao facto de os estudantes não trabalharem as matérias que são ministradas. Limitam-se a ouvir a exposição e a copiar do quadro, e não fazem um trabalho autónomo dos assuntos leccionados. A solução parece óbvia: fazer os alunos trabalhar as matérias! Mas como? Como me parece difícil que trabalhem em casa, com toda uma enorme gama de solicitações e distrações, sem motivação nem estímulo familiar, a solução, que me parece única, será fazê-los trabalhar nas aulas.

Pelo que se vê dos alunos que chegam ao ensino superior, parece que o único trabalho que eles faziam nas aulas do básico e secundário, era copiar o que estava escrito no quadro. Assim adoptam, nas aulas, uma atitude passiva de espectador difícil de alterar.

No sentido de dar um contributo positivo para a resolução desse problema, apresento a seguir a minha proposta de trabalho para a Matemática e as ciências exactas, e que poderá, com as adaptações necessárias, ser utilizada noutras matérias.

Filosofia de laboratório

O que eu proponho é um outro tipo de aulas em que a aprendizagem seja efectiva e contínua. Para que isso ocorra, dever-se-ia então fazer os alunos trabalhar nas aulas, aproveitando para isso o tempo que têm de passar nas salas de aula. Nesse sentido, e especialmente para a Matemática e as ciências exactas, deveria trabalhar-se da seguinte forma:

1º - Reduzir ao mínimo a exposição oral do professor. Este faz a exposição da matéria, no menor tempo possível. É difícil, nas circunstâncias actuais, prender a atenção dos alunos durante muito tempo. Em seguida,

2º - Coloca uma lista de problemas, para os alunos resolverem na aula, durante o resto do tempo, com a sua ajuda e estímulo. Nesse sentido:

3º - Desloca-se pela sala, por sua iniciativa, para estimular, para acompanhar o desenrolar do trabalho, para tirar dúvidas, ou para atender a pedidos de ajuda.

Esta forma de trabalhar, que pode ser designada como filosofia de laboratório, ou metodologia de laboratório, assegura uma diferença radical relativamente à clássica aula do professor a explicar e os alunos a ouvirem e a "passarem o quadro".

O papel de liderança do professor é importante, para que a aula decorra de forma produtiva. Na terceira parte da aula este deve ter a atitude de quem está próximo e presente, para que os alunos criem a confiança de que têm ajuda, se for necessária, para terminar as tarefas com êxito.

Trabalhar nas aulas desta forma, tem inúmeras vantagens:

I - Para o aluno:

1 - Obriga-o a um contacto mais íntimo com a matéria dada, de

"Pelo que se vê dos alunos que chegam ao ensino superior, parece que o único trabalho que eles faziam nas aulas do básico e secundário, era copiar o que estava escrito no quadro. Assim adoptam, nas aulas, uma atitude passiva de espectador difícil de alterar"

ENSINO SUPERIOR 5

Estudantes contestam plano de pagamento de propinas

Boicotantes reúnem esta noite com a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

A Reitoria da Universidade de Coimbra exige que os alunos tenham as propinas em dia até ao final de Outubro para que possam efectuar a matrícula. A decisão já motivou o fim do antigo boicote e o protesto de vários estudantes

Adalgisa Leitão
Margarida Matos

Os estudantes que se querem matricular este ano na Universidade de Coimbra têm que regularizar este mês a sua situação relativa ao pagamento da propina. Na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FC-TUC) o prazo de pagamento, inicialmente estabelecido para dia 30 de Setembro, foi alargado até ao dia 15 de Outubro. Já os estudantes das restantes sete faculdades têm até ao dia 22, data em que terminam as matrículas, para saldar a totalidade da dívida.

Esta noite, o Gabinete de Apoio ao Estudante Boicotante, criado pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), reúne com os estudantes boicotantes. Segundo o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, esta reunião tem como objectivo "tranquilizar as pessoas passando uma mensagem de confiança do trabalho que está a ser desenvolvido". E aconselha os estudantes boicotantes a continuarem a ir às aulas: "Lutamos pelo ensino superior universal e gratuito e jamais admitiremos que a secular Universidade de Coimbra ponha em causa um direito fundamental de todos os homens, o direito à educação". Miguel Duarte assegura: "Queremos que a universidade assuma o compromisso de não excluir ninguém. Ninguém ficará excluído enquanto a AAC existir. Lutaremos até às últimas consequências". E não descarta a possibilidade de a AAC, em última circunstância, apoiar financeiramente os estudantes com dificuldades. Para tal garante que já está a ser criado um fundo para a resolução desta questão, caso seja necessário. E, diz o dirigente, até ao final de Outubro este processo tem que estar resolvido. Miguel Duarte afirma ainda que "os estudantes apoiados pelo gabinete não se devem preocupar com as multas, pois a AAC vai assegurar que estes



Direcção-geral vai prestar apoio aos estudantes que não podem pagar propina

montantes não lhes sejam cobrados". Neste âmbito, o Gabinete de Apoio ao Estudante Boicotante tem como função, ao receber a informação da dificuldade do estudante, ajudá-lo a elaborar uma carta, e remeter outra da AAC, alusiva à situação específica, dirigida ao reitor, Seabra Santos, e ao administrador dos Serviços de Acção Social da UC, António Luzio Vaz.

Todo este processo surge na sequência do plano de pagamento de propinas apresentado pelo reitor, Seabra Santos, em Agosto. Este plano consiste num sistema de pagamento faseado das propinas em atraso. Assim sendo, os estudantes da Universidade de Coimbra com propinas em situação irregular num montante superior a 200 euros poderiam liquidar a dívida de forma faseada, em prestações anuais equivalentes a 20 por cento do total em débito. Esta medida apli-

car-se-ia aos alunos que tivessem dívidas respeitantes aos anos lectivos de 2002/2003 e anteriores. No entanto, o estudante que voluntariamente aderisse a este sistema comprometia-se igualmente a pagar, nos termos do regime normal, as propinas relativas a 2003/2004 e seguintes. Isto porque, ao abrigo da nova Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior (Lei nº 37/2003, de 22 de Agosto), "o não pagamento implica não só a nulidade de todos os actos curriculares praticados no ano lectivo a que o incumprimento da propina se refere, como também a suspensão da matrícula e da inscrição anual, com a privação do direito de acesso aos apoios sociais até à regularização dos débitos". A primeira sanção acima referida já estava prevista na anterior lei (113/1997), apesar de nunca ter sido cumprida pela universidade. Foi a decisão de aplicação da segunda sanção que

levou à criação pelo reitor do plano de pagamento das propinas. De acordo com o plano proposto pela UC, com início já este ano lectivo, o pagamento de cada prestação teria de ser feito antes da inscrição no ano lectivo seguinte, mas nunca depois de 30 de Setembro de cada ano.

Magna termina com o antigo boicote às propinas

No passado dia 29 de Setembro, foi convocada uma Assembleia Magna a pedido de um abaixo-assinado que reuniu cerca de 1300 assinaturas. Em causa estava o facto de o prazo de pagamento de propinas dos estudantes da FC-TUC terminar no dia seguinte.

Uma das questões mais polémicas desta Magna foi a revogação do boicote vigente, uma proposta que acabou por ser aprovada. A decisão de apresentar uma moção que pusesse fim a esta forma de

contestação foi determinada, segundo Miguel Duarte, "pelas circunstâncias". O dirigente associativo defendeu que era necessário clarificar uma posição de continuar ou não com o boicote. Este constituiu uma forma de luta definida em Assembleia Magna em 1997, aquando da criação da propina prevista pela Lei de Financiamento. Para o presidente da DG/AAC, "promover o boicote constituiria um apelo aos estudantes para que não fizessem parte da universidade, uma vez que não teriam hipótese de se matricular". Contudo, esta situação é "particularmente injusta", porque foram os estudantes boicotantes que ajudaram a demonstrar não só a discordância com as propinas, como também o facto de as universidades não conseguirem sobreviver só com os montantes provenientes do Orçamento do Estado, conclui o dirigente.

Maioria dos candidatos entra na primeira opção

Na primeira fase de candidatura ao ensino superior, foram colocados 88 por cento dos candidatos. Resultados da segunda fase são hoje dados a conhecer

Filipa Oliveira

Segundo dados fornecidos pelo Ministério da Ciência, Inovação e do Ensino Superior (MCIES), a maioria dos alunos da primeira fase de candidatura entrou na primeira opção (64 por cento). Já entre a primeira e a terceira opção, houve 90 por cento de colocados. Tal como no ano anterior, a Universidade do Porto voltou a ser a instituição universitária mais procurada do país, preenchendo 3623 vagas logo na primeira fase de acesso ao ensino superior. No que diz respeito à Universidade de Coimbra, para a segunda fase sobram 450 lugares das 3054 vagas inicialmente disponíveis.

No concurso nacional de acesso deste ano foram abertas 46.057 vagas, a que concorreram 42.595 estudantes, números que revelam a tendência para haver mais vagas que candidatos, tanto nos estabelecimentos universitários, como nos politécnicos. Nos últimos anos, tem-se verificado uma diminuição do número de candidatos ao ensino superior. Prova disso são os 63.307 estudantes que, em 1996, aspiravam a uma vaga na universidade e os 41.662 alunos que concorreram em 2003. Contudo, em relação ao ano lectivo anterior, o número de candidatos deste ano apresentou um ligeiro aumento, na ordem



A Universidade de Coimbra viu chegar na primeira fase de candidatura cerca de três mil estudantes

dos 2.2 por cento. Mesmo assim, a razão entre o número de vagas e o número de candidatos subiu significativamente.

À semelhança do que tem vindo a acontecer, a procura nas áreas do Ensino e das Humanidades continua a descer consideravelmente. Em relação ao ano passado, o número de candidaturas foi nesta fase inferior em 13 e seis por cento, respectivamente. Alguns cursos de engenharia têm também apresentado índices bastantes baixos de candidatura, tais como Engenharia do Ambiente ou Engenharia Geológica e de Minas. Em contrapartida, Engenharia Civil, Engenharia

Informática ou Engenharia Mecânica têm as vagas quase todas preenchidas. Muitas instituições que no ano anterior não receberam nenhum novo aluno, sentiram a necessidade de corrigir e reestruturar as formações, com a finalidade de reduzir este tipo de situações. É, ainda, na área da engenharia que muitos têm a possibilidade de aceder ao ensino superior com notas negativas. Em alguns estabelecimentos, na sua maioria institutos politécnicos, muitos acederam com notas inferiores a 9,5 valores. O último colocado em Gestão de Empresas no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, por

exemplo, obteve uma média de 8,75.

Médias mais baixas em Medicina e Direito

Os resultados de Medicina são aqueles que apresentam a média mais elevada de admissão ao ensino superior. No entanto, no ano lectivo 2004/2005, e pela primeira vez desde 1996, houve candidatos a entrar em Medicina com médias inferiores a 18 valores. É o caso da Universidade de Lisboa, em que a média desceu dos 18,18 para os 17,93, e da Universidade Nova de Lisboa, que apresentava 18,15 valores no passado ano e apenas 17,93 este ano. No panorama na-

cional, é a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto que tem a média mais elevada: o último aluno entrou com 18,5. Já na Universidade de Coimbra (UC), a média de Medicina mantém-se acima dos 18 valores (embora só por 18 décimas), apesar de ter descido cerca de quatro décimas entre 2001 e 2004.

A estes valores não é alheio o facto de, a partir deste ano lectivo, os alunos que aspiram a uma vaga em Medicina poderem contar com as 55 vagas das Regiões Autónomas: 20 nos Açores e 35 na Madeira. Este sistema é o resultado de um protocolo assinado entre as faculdades de Coimbra e de Lisboa e que permite aos estudantes efectuar os dois primeiros anos do curso fora do continente. Por outro lado, o MCIES tem vindo a apostar na abertura de mais lugares na área da Medicina, a fim de reduzir a falta de profissionais de saúde. Para este ano lectivo, a equipa ministerial, responsável pelo aperfeiçoamento nesta área, negociou com as universidades mais 169 vagas que no ano anterior.

Já em Direito, a Universidade do Minho apresenta a média mais alta (14,88) com 150 vagas que já foram preenchidas e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) tem a média mais baixa do ranking. Na FDUC, a faculdade mais antiga do país e uma das mais prestigiadas a nível nacional, as médias têm sofrido oscilações, tendo este ano baixado a fasquia dos 11 valores. Quando confrontado com esta situação, o presidente do Conselho Directivo da FDUC, Manuel Lopes Porto, defende que "a média tão baixa depende, em muito, da oferta, porque o curso tem imensas vagas" - das 360 vagas que a FDUC expõe, estão já preenchidas 281. A este respeito, o docente refere, ainda, que o centésimo aluno a ser colocado tinha 16 valores de média.

Reconversão de licenciados dá um passo em frente

Reescolarizar licenciados desempregados é o objectivo do Plano de Acção para promover o Emprego Científico e Qualificado que tem início já neste ano lectivo. Os resultados das candidaturas são conhecidos dia 11 de Outubro.

André Ventura

O programa de requalificação de licenciados lançado pelo Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior (MCIES), pretende reabilitar desempregados com cursos superiores em áreas com menos saídas profissionais para outras que se adequem às actuais

necessidades do mercado. Assim, nove universidades e cinco institutos politécnicos de todo o país anunciaram a abertura de um total de 864 vagas num leque de cursos destinados a licenciados no desemprego há mais de um ano. A Universidade de Coimbra é aquela que abre mais vagas com um total de 100.

A assessora de imprensa do MCIES, Fátima Alves, explica que os cursos de reconversão profissional "que agora se iniciam a título experimental vão ter duração de três semestres de estágio, e destinam-se a pessoas que, sendo possuidoras de um curso superior em áreas de menor empregabilidade, pretendem ingressar em cursos de áreas mais orientadas às necessidades de mercado, obtendo, assim uma segunda licenciatura". Desta forma, os cursos inseridos neste programa incidem na informática, turismo, artes (conservação e restauração), apoio social à terceira idade, engenharias, serviços em área internacional e meteorologia. Fátima Alves

acrescenta ainda que se procurou que a oferta de cursos fosse efectuada de forma adequada às necessidades de cada região. Quanto à receptividade deste programa, a assessora de imprensa adianta que "de uma forma geral, o projecto está a ter uma boa adesão por parte dos estudantes". O prazo de inscrições decorreu entre o dia 20 de Setembro e o dia 27 de Setembro.

No entanto, quatro requisitos são necessários a quem quiser inscrever-se: ser titular de um curso superior, concluído até 20 de Setembro de 2003; apresentar um comprovativo da titularidade desse curso; apresentar comprovativo da inscrição no Centro de Emprego (o que pode ser feito no acto da matrícula); e entregar o respectivo curriculum vitae.

Este plano estabelece que todos os alunos seleccionados para as vagas postas a concurso vão ter uma bolsa correspondente ao salário mínimo nacional, acrescida do valor da

propina fixada pela instituição que frequentarem.

Na Universidade de Coimbra são 15 os cursos disponíveis, nas faculdades de Letras e de Ciências e Tecnologia: Estudos Artísticos (com 10 vagas), História de Arte (10), Arquitectura (4), Engenharia Informática (9), Comunicações e Multimédia (9), Engenharia Civil (4), Engenharia Electrotécnica e de Computadores (9), Engenharia Física (4), Engenharia Geográfica (9), Engenharia Geológica (6), Engenharia de Materiais (7), Engenharia de Minas (3), Engenharia Mecânica (8), Engenharia Química (4) e Química Industrial (4).

As listas de admissão aos cursos serão publicadas a 11 de Outubro, com as matrículas a decorrerem entre esse dia e 18 do mesmo mês. Hoje são anunciadas as vagas que o ensino superior particular e cooperativo e o ensino concordatário dispõem ao abrigo deste projecto.

**És aluno da Universidade de Coimbra?
Tens quadros, fotografias ou outras obras para expor?
Contacta-nos!**

Núcleo de Estudantes de Eng. Civil da AAC

Pólo II - Pinhal de Marrocos 3030-290 Coimbra

965283048

Surgem primeiros projectos para liderar a academia

A aproximação dos estudantes à Associação Académica de Coimbra é um elemento comum a todos os projectos já esboçados

Margarida Matos

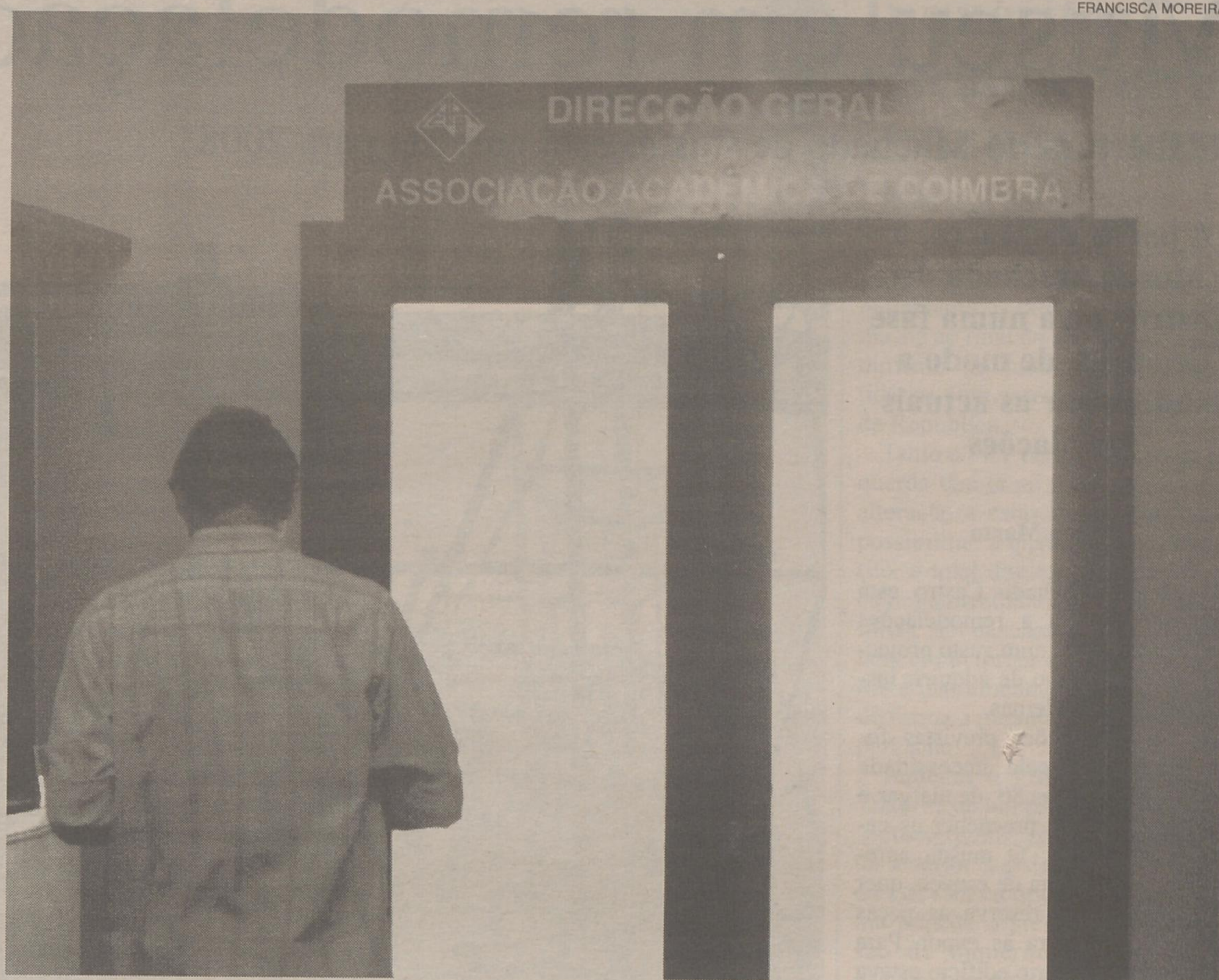
A dois meses das eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) três nomes assumem já uma futura candidatura. Os estudantes adiantam algumas directrizes de projectos, ainda em fase de construção.

O actual presidente da Mesa da Assembleia Magna, Cláudio Schultz, assume esta candidatura com o intuito "de fazer mais e melhor". Para o estudante de Engenharia de Minas "é fundamental voltar a amar a academia para voltar a acreditar nas causas da AAC". E explica, "é necessário levar esta 'casa' ao estudante através de inúmeras iniciativas". Só assim se "vai perceber que a AAC é muito mais do que fazer manifestações e greves", concretiza. Cláudio Schultz defende assim que uma DG/AAC "tem que sair para a rua, numa espécie de 'presidência aberta', de modo a existir uma maior interacção entre os estudantes e aqueles que os representam". A contribuição das famílias na frequência do ensino superior, a análise das implicações da Declaração de Bolonha são também prioridades do projecto. Quanto à equipa que o acompanha, o estudante aposta num grupo de trabalho que reúna ele-

mentos novos e antigos, num misto de renovação e continuidade.

Cátia Almeida, actual membro do Conselho Fiscal e que pertenceu, aquando dos dois mandatos de Victor Hugo Salgado, ao Gabinete de Saídas Profissionais, é também candidata ao cargo de presidente da DG/AAC. A estudante de Direito considera que esta candidatura "está a ser construída com base no sonho e no ideal", uma vez que a DG/AAC "não é um benefício, mas uma tarefa e um dever para o qual somos escolhidos". Cátia Almeida defende que "é urgente cativar os estudantes para a AAC, pois a comunidade estudantil não sente a academia". E justifica: "As actividades não estão a ser conduzidas para a generalidade das pessoas, mas para um grupo específico que de alguma forma já está inserido na academia". Assim, "é urgente uma campanha de marketing da AAC para que este espaço não seja só um ponto de passagem". Já no que diz respeito aos membros do projecto, embora a constituição da equipa esteja ainda numa fase embrionária, Cátia Almeida refere que o projecto é composto por algumas pessoas que no ano passado integraram a lista E, de Paulo Leitão, mas pretende também integrar elementos novos.

De Direito surge também outro candidato. Trata-se de Fernando Gonçalves. Actualmente a representar os estudantes de Direito no Conselho Directivo da Faculdade de Direito, Fernando Gonçalves afirma que é "necessário ter uma academia cada vez mais interventiva, que assuma causas e que tudo faça para as conquistar". O estudante define co-



Futuros candidatos à direcção geral apresentam as primeiras ideias

mo as principais linhas do projecto que lidera "uma maior interacção com a sociedade civil para projectar ainda mais a AAC e uma maior participação e mobilização dos estudantes". Estes objectivos passam, no entender de Fernando Gonçalves, por um "trabalho contínuo de informação e por veicular uma men-

sagem fácil". O processo de internacionalização do ensino superior e as saídas profissionais merecem também destaque no seu projecto. O estudante refere ainda que a sua equipa está em permanente construção e "visa criar um grupo de trabalho o mais plural possível".

Já o movimento Muda AAC, que

apresentou há dois anos a candidatura de Daniel Martins à direcção-geral, afirma, pela voz de um dos seus membros, Renato Teixeira, ainda não ser altura de pensar em eleições. Contudo, Renato Teixeira declarou que qualquer elemento do Muda AAC pode ser um futuro candidato.

Livros mais baratos para estudantes

A I Feira do Livro Universitário AAC vende a "preço de saldo" livros curriculares.

Uma oportunidade para atenuar os elevados custos de quem estuda no ensino superior

João Pereira

Desde segunda-feira que nos Jardins da Associação Académica de Coimbra (AAC) está montada uma tenda gigante. Lá dentro, cada faculdade da Universidade de Coimbra tem uma banca, onde estão à venda livros a preços abaixo do normal.

Por norma, os livros são vendidos dez a 20 por cento mais barato, mas os descontos podem ir até aos 40 por cento (no caso dos "livros do dia") ou mesmo até aos 80 por cento, se se tratar dos "livros em saldo".

De acordo com o coordenador-geral do Pelouro da Cultura da AAC, Fernando Neves, o objectivo é possibilitar o acesso não só a livros caros, como também a publicações difíceis de encontrar. O modelo da Feira do Livro Universitário, explica o responsável, pretende imitar "o modelo de supermerca-

do".

A feira vai contar ainda com uma série de eventos culturais paralelos, de workshops a exposições, entre outras actividades, algumas das quais organizadas por secções culturais da AAC. Hoje, pelas 21h30, tem lugar uma conferência, no mini-auditório Salgado Zenha, sob o título "Dr. António Arnaut e os seus 50 anos de vida literária". Já na sexta-feira, o mesmo espaço recebe "Portugal e o Mistério Templário", uma palestra audiovisual a cargo de Alexandre Loução.

Nos Jardins da AAC está ainda montada uma esplanada, onde são servidos gratuitamente café e água. O objectivo, explica Fernando Neves, é proporcionar um "espaço de tertúlia", onde as pessoas se possam sentar e discutir, num "ambiente calmo".

Para o coordenador-geral do Pelouro da Cultura, este é um "dos grandes eventos da academia" dos últimos anos. O investimento na feira, avança, é muito avultado, mas essa é uma questão que não toca à AAC. O evento é organizado em parceria com duas empresas de distribuição e edição, cabendo à associação académica apenas tratar "das questões de logística". A selecção de livros, por exemplo, foi feita com a ajuda dos núcleos de estudantes, que forneceram as listas das obras de maior importância em cada curso.

A feira termina no dia 15 mas, assegura de Fernando Neves, trata-se de um evento a repetir já no próximo ano.

PUBLICIDADE

Mãos Que Falam

Cursos 2004/2005:

Língua Gestual Portuguesa

Inglês para adultos

Desconto de 5€ na matrícula do curso de LGP com a apresentação desta edição do jornal A CABRA (não acumulável)

cc Golden, 4º piso, loja 40 -
Av. Sá da Bandeira 115 - 3000-351 Coimbra

239 822 700

www.maosquefalam.com

8 CIDADE

Museu em remodelação

Reabertura do Machado de Castro está prevista para 2008

A partir de Março, o Museu Machado de Castro entra numa fase de obras, de modo a modernizar as actuais instalações

Suzana Marto

O Museu Machado de Castro está encerrado devido a remodelações que se enquadram num vasto projecto, com o objectivo de adquirir instalações mais modernas.

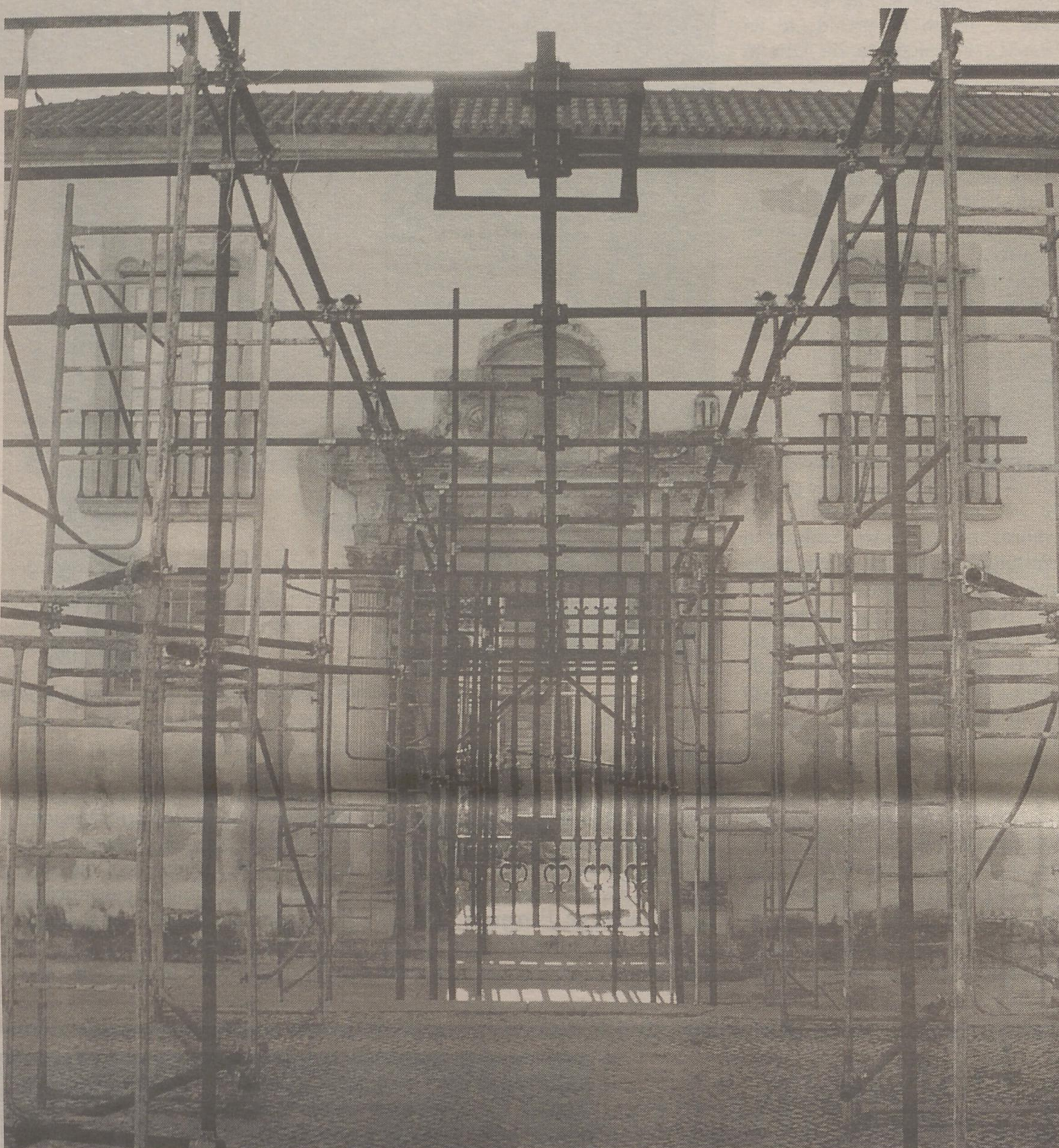
As transformações previstas foram motivadas pela necessidade sentida, já nos anos 80, de alargar o edifício, a fim de preencher as carências existentes. O museu apresentava, então, falta de espaço, quer para guardar em reserva as peças que tem, quer para as expor. Para além disso, o próprio edifício estava muito envelhecido, sendo que o Museu Machado de Castro contém um conjunto de peças de várias épocas, desde a civilização romana. A directora do museu, Adília Alarcão, acrescenta que "havia uma necessidade de fazer uma intervenção completa de fundo".

Em 1990, um primeiro projecto chegou a ser executado, mas parou cinco anos depois, pelo facto de o Instituto de Museus Portugueses (IMP) o considerar demasiado básico. Por isso, em 1999 criou-se um programa que Adília Alarcão designa como "bastante mais ambicioso", e que englobava um alargamento das instalações.

Este programa foi elaborado pela directora do museu, a sua equipa e o IMP. No ano seguinte, foi lançado um concurso público, através do qual foi seleccionado um projecto realizado pelo arquitecto Gonçalo Byrne. Embora a ideia apresentada não resolvesse todos os problemas, Gonçalo Byrne demonstrou interesse pelo respeito das várias épocas do edifício. O plano inicial sofreu evoluções, devido a alguns pontos deixados em aberto, para serem resolvidos em conjunto. De facto, esta remodelação exige uma grande colaboração entre a equipa do museu e a do arquitecto.

O museu vai estender-se para um terreno contíguo, que abrange uma parte do pátio e casas particulares vizinhas. Da mesma forma, uma parcela, onde existiam igualmente habitações, foi cedida pela Câmara Municipal de Coimbra, perante as dificuldades de espaço.

Prevê-se também a aquisição de um prédio vizinho. Essa casa, que é inadequada à Alta de Coimbra devido à sua altura, cobre a vista do museu. Segundo Adília Alarcão, este espaço é necessário ao museu "quer do ponto de vista da área, quer do ponto de vista da paisagem e da respiração dos edifícios". Apesar do espaço ainda ser insuficiente para um grande museu, a directora acrescenta que "veio tirar uma grande preo-



Obras no Machado de Castro terminam dentro de quatro anos

cupação, porque não existia uma área reservada para exposições temporárias".

As inovações

Uma das novidades será o pátio, que vai deixar de ser relvado e vai ser aberto ao público, para que "o visitante sinta que é um espaço aberto, onde pode entrar e admirar a vista", diz Adília Alarcão. É uma zona completamente pública, com sanitários, lojas, pequenas exposições, bancos e um restaurante que se expande para um terraço.

No encaixe da varanda, o edifício tem uma falta de fachada causada pela demolição de casas que aí estavam encostadas já desde a Idade Média. O arquitecto propôs refazer essa parte com uma estrutura metálica aberta, de modo a que haja um efeito de transparência. A modelação da fachada vai inspirar-se no criptopórtico, para que possa ser vista uma parte interna do edifício do museu.

O criptopórtico vai ser constituído por dois níveis: o inferior e o superior. O primeiro será explorado para uma exposição sobre Aemínio, que foi o nome dado pelos romanos à cidade de Coimbra, e sobre a im-

portância deste espaço, bem como sobre a forma como foi encontrado e reactivado. Neste nível, o visitante faz a visita "sem pôr directamente os pés no chão", pois está em cima de uma plataforma rolante. Depois, sobe pela escada romana até ao nível superior, onde não há objectos expostos, pois o criptopórtico é uma peça "tão forte do ponto de vista arquitectónico, que fala por si próprio", sublinha Adília Alarcão. No entanto, as pessoas que não subirem as escadas poderão usar o elevador pelo qual têm acesso a este nível. Este projecto não deixou de parte as pessoas deficientes, nomeadamente as que têm dificuldades de locomoção. Assim, a directora do museu atesta que "não há escadas nos andares e existem elevadores de um para o outro".

No espírito de respeitar e explorar o próprio edifício, o arquitecto tentou utilizar as diferentes épocas das peças. Assim, libertaram as paredes da igreja do século XVIII, que se encontravam bloqueadas no edifício. A igreja evoluiu tecnicamente, transformando-se numa sala de espectáculos, de colóquios ou congressos, sem modificar o espaço.

A capela da tesoureira foi levanta-

da e é tratada como um objecto por si só. Adília Alarcão descreve-a como "um caixote que ali se pôs, mas que por outro lado ilumina o espaço". A capela da tesoureira justifica a que se exponham neste lugar as esculturas do século XVI, porque é utilizada como um dos suportes do cenário da exposição. O arquitecto fez de um desnível que não podia deixar de existir uma estrutura baixa de meio metro, na qual as pessoas se podem sentar e até proporcionar leituras de poesia.

A última novidade do projecto é a criação de uma sala multiusos. Depois de prospecções geotécnicas para conhecer a natureza do terreno descobriu-se que o pátio era um aterro de 2700 metros quadrados, do tempo dos romanos. O arquitecto planeou fazer um aproveitamento deste espaço e transformá-lo em sala multiusos.

O que é procurado com a remodelação é que as peças tenham uma maior visibilidade e sejam exploradas do ponto de vista estético. É também objectivo que o museu tenha uma dimensão onde os espaços sejam numerosos e diversos, surpreendendo quer ao nível das exposições, quer ao nível do edifício.

Novo departamento de Medicina nasce em Coimbra

Diana do Mar

Os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) criaram um novo departamento de Medicina, que passa a integrar os três serviços daquela área e ainda três unidades funcionais.

Uma dessas unidades é a de nutrição clínica, que surge num contexto de actualidade, face aos graves problemas nesta área, nomeadamente entre os jovens. O dirigente da unidade, Fernando Santos, explica a criação deste novo departamento como "uma decisão do conselho de administração, no sentido de uma nova organização hospitalar". Fernando Santos refere ainda que o hospital teve necessidade de prosseguir numa estrutura diferente e adequada à modificação do departamento, depois de todo um percurso de trabalho e dedicação na área de nutrição do serviço de medicina I.

O novo departamento proporciona melhores condições de atendimento ao doente, facilitando a prestação de serviços e um maior desenvolvimento de cada uma das unidades de acordo com as necessidades e capacidades técnicas que existem. Fernando Santos conclui que "este é um projecto muito bem conseguido que só necessita de ser desenvolvido de acordo com as expectativas que já existiam".

Assembleia Metropolitana vai amanhã a votos

João Campos

Decorrem amanhã, a partir das 18 horas, as eleições para a Assembleia da Grande Área Metropolitana de Coimbra (GAMC).

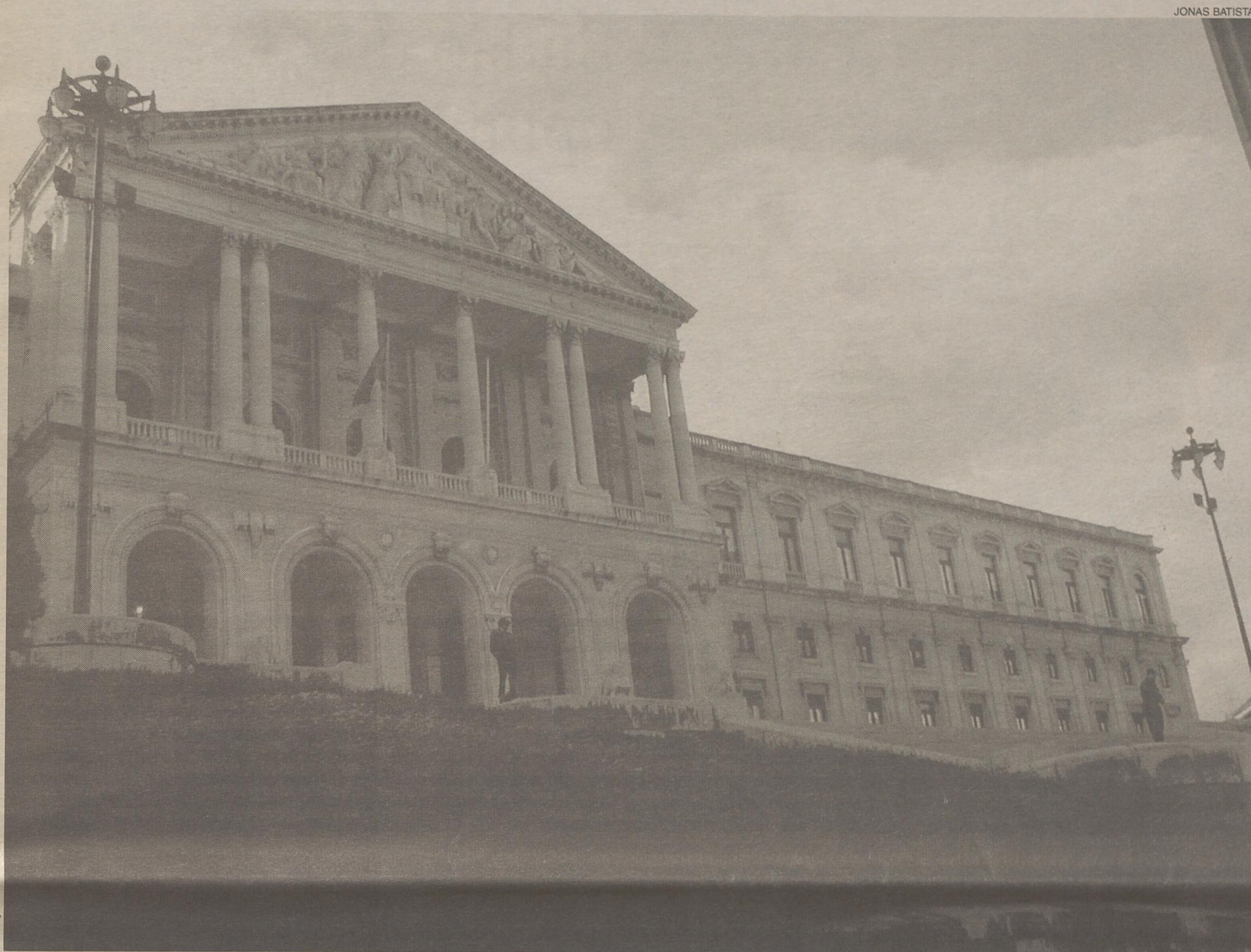
A Assembleia Metropolitana é um órgão deliberativo composto por 49 elementos, provenientes das assembleias municipais dos 16 concelhos que constituem a área. O acto eleitoral vai decorrer ao mesmo tempo em todas as assembleias.

Para esta eleição houve uma tentativa de formar uma lista única. No entanto, a CDU, que já em Julho havia contestado o processo eleitoral, optou por apresentar uma candidatura alternativa.

Assim sendo, perfilam-se duas listas: uma composta pela coligação PSD/PP e pelo PS, encabeçada por Maló de Abreu, e outra composta pela CDU e encabeçada por Mário Nogueira.

A GAMC foi criada no passado mês de Março e foi a primeira área metropolitana a ser formalizada na região centro.

NACIONAL 9



Ministra da Educação visita Parlamento para responder a questões da oposição

Parlamento debate Educação

Ministra desloca-se à Assembleia da República para ser questionada pela oposição

A polémica colocação de professores, a Lei de Bases da Educação e a educação sexual vão estar no centro da discussão

Helder João Pinto
Rui Simões

Hoje, a ministra da Educação, Maria do Carmo Seabra, vai estar presente na Assembleia da República, para responder a uma sessão de perguntas sobre a educação. Em cima da mesa vão estar questões como a colocação de professores, a educação sexual e a nova lei de bases da educação.

De entre os diversos partidos da oposição, são unânimes as vozes de contestação ao desempenho da actual ministra da Educação, assim como do seu antecessor, o igualmente social-democrata, David Justino.

Questionada acerca das principais temáticas que o seu partido irá abordar no decorrer da sessão, a deputada socialista Ana Benavente afirmou que “vão ser levantadas questões em relação à colocação de professores”, que considera “um verdadeiro escândalo”, levando a que a revisão

curricular do secundário entre em funcionamento “sem condições nenhuma”. Além deste tema quente, o Partido Socialista deverá também pegar nas questões da educação sexual (“parada nas escolas”, segundo Ana Benavente), das mudanças na rede escolar - que levaram à abertura do 3º ciclo em escolas secundárias e ao seu fecho em escolas básicas, numa situação “contrária à lei”, e do abandono escolar.

PCP e BE igualmente críticos

Na mesma linha contestatória, o PCP, pela voz da deputada Luísa Mesquita, questionará a ministra quanto à problemática colocação dos professores, que terá “prejudicado irremediavelmente o ano lectivo”. Outra matéria que será alvo de discussão será a revisão curricular do ensino secundário que, segundo este grupo parlamentar, “tem lacunas muito graves, podendo levar a modelos diferenciados de aprendizagem, e, consequentemente, a qualificações de primeira e segunda qualidade”. Os parlamentares comunistas irão, ainda, questionar a Lei de Bases da Educação, que, apesar de ter sido vetada pelo Presidente da República, continuará a “interessar ao Governo”, embora traga “graves prejuízos para o ensino público no

país”. O PCP pretende ainda discutir a educação sexual, que terá sido “grandemente penalizada na revisão proposta por PSD e PP”, e o tamanho da fatia do próximo Orçamento de Estado dedicada à Educação, na sequência do desinvestimento dos últimos anos.

Por seu lado, também o Bloco de Esquerda pegará nas questões acima referidas. Assim, para Pedro Sales, assessor para a Educação do BE, Maria do Carmo Seabra “deverá ser questionada acerca do inenarrável processo de abertura do ano lectivo que estará comprometido no seu todo” até porque “sendo este um governo de continuidade, como foi afirmado pelo primeiro-ministro, terá de assumir as responsabilidades e não sacudir a água para cima do capote de David Justino”. Os bloquistas pretendem, ainda, saber quais são os planos que o Executivo PSD/PP tem para a Lei de Bases da Educação, que consideram “um processo que tinha urgência, para o Executivo, e sobre o qual, agora, não sabe o que fazer”. Sobre esta lei, os bloquistas tinham sérias reservas, por poder implicar “a privatização do ensino, acabando com a definição de rede pública de ensino”.

Tal como as outras forças partidárias de esquerda, também o BE irá questionar a ministra sobre a ques-

tão da educação sexual, que continua, segundo Sales, afastada das escolas portuguesas.

Ministério parco em palavras

Contrariando as teses críticas da oposição, relativamente à colocação de professores, fonte oficial do Ministério da Educação, contactada por A CABRA, afirmou que “os professores estão todos colocados e o ano lectivo está pronto a arrancar”.

Já no que concerne às restantes questões que os partidos da ala esquerda da Assembleia da República pretendem levantar - Lei de Bases da Educação e implementação efectiva da educação sexual - a referida fonte escusou-se a prestar declarações.

Nos últimos dias, a contestação tem aumentado de intensidade, com a titular do Ministério da Educação a ser acusada, pela Federação Nacional de Professores, de “incompetência” no concurso de colocação de professores e de ainda “não ter dito nada sobre políticas educativas”. Assim, a FENPROF veio exigir a demissão da ministra. Neste contexto, com a contestação a subir de tom, a presença da ministra no Parlamento poderá ser decisiva na definição do seu futuro à frente da pasta da Educação.

Inquéritos parlamentares com nova cara

André Ventura

As novas regras dos inquéritos parlamentares deverão ver a luz do dia até ao final do ano, após o entendimento de todas as forças partidárias com assento na Assembleia da República.

Tanto o PCP como o Bloco de Esquerda têm já na forja projectos de alteração a estas regras que visam possibilitar, a quem peça um inquérito, o total direito a requerer todos os depoimentos e diligências necessárias ao desenrolar do processo, bem como tornar as comissões imunes à instrumentalização da maioria de forma a garantir a máxima transparência.

Também o PSD tem propostas. Trata-se de um projecto de lei apresentado pelos sociais-democratas na anterior legislatura, quando ainda estavam na oposição. Este diploma impede o presidente da comissão de inquérito de ser de um partido que apoie o Governo. Por outro lado, propõe ainda que qualquer pretensão - ouvir alguém ou pedir um documento - só possa ser rejeitada por dois terços dos votos, dificultando, assim, a paralisação das comissões.

Segundo o “Diário de Notícias”, o deputado socialista Jorge Magalhães veio já afirmar que o PS está aberto a melhorias na lei, mas rejeita o condicionamento da actividade e do poder de iniciativa do partido.

Vazio legal na venda de crianças

Joana Moreira

A transacção de crianças com vista à adopção não constitui crime em Portugal, sendo o Código Penal omissivo nessa matéria. Contudo, ainda este mês deverá entrar na Assembleia da República uma proposta relativa à criminalização da venda de crianças que seguirá, no essencial, o diploma da ex-ministra da Justiça, Celeste Cardona.

O documento previa a criação do “crime de comercialização de pessoa”, através do qual é punido, com pena de prisão de cinco a 15 anos, quem “alienar, ceder ou adquirir pessoa, por qualquer meio e a qualquer título, nomeadamente para fins de exploração sexual ou extracção de órgãos”. Previa ainda prisão até dois anos, para quem obtiver ou der consentimento na adopção de menor, mediante pagamento ou compensação.

A nova proposta, apresentada pelo PSD, é mais severa, prevendo uma pena de prisão até três anos, e deverá corrigir algumas falhas existentes no anterior projecto que levaram, por exemplo, à existência de duas penas diferentes para a punição do “intermediário” na venda.

10 INTERNACIONAL



Primeiras reacções ao debate inaugural mantêm Bush como favorito

Bush inspira mais confiança aos americanos

Semelhanças entre candidatos e satisfação dos americanos com desempenho de Bush abrem as portas a segundo mandato do republicano

Ricardo Duarte
Ana Bela Ferreira

A campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos da América, cujas eleições estão marcadas para o próximo dia 2 de Novembro, registou na passada quinta-feira o início de um ciclo de três debates televisivos. O próximo debate está previsto já para depois de amanhã.

A campanha, que tem sido pauta da pela discussão e acusações mútuas relativas à posição dos dois candidatos face à guerra no Iraque, não têm faltado as "trocas de galhardetes" entre os candidatos. Recentemente, Bush acusou Kerry, num spot eleitoral, de que, tal como no windsurf, o seu adversário muda a sua posição em função do vento e sublinha que o democrata não tem capacidade de travar a guerra contra o terrorismo. Por sua vez, Kerry, num comício junto à Disneyworld, acusou o seu adversário de viver num mundo de fantasia e de este tardar em admitir a real situação do Iraque.

Enquanto que a comunidade internacional mostra preferência pelo candidato democrata, John Kerry, os

americanos ainda dão a vitória ao republicano, George W. Bush. Na base disto está o facto de John Kerry não ter sido capaz, até ao momento, de se afirmar perante o povo norte americano como uma alternativa realmente convincente nas questões mais importantes e o facto de não se verificar um clima de insatisfação perante o mandato de Bush, prova que "se os eleitores estão satisfeitos, não há porque mudar", explica o professor de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, José Manuel Pureza. Isto apesar do olhar crítico da Europa em relação à actual administração Bush. Para o docente, os dois candidatos às presidenciais "diferem no estilo, mas não na política". Se Kerry for eleito não haverá grandes rupturas, dado que este se insere na linha de continuidade dos anteriores presidentes. No entanto, no que toca ao plano internacional, a tradição do partido democrata é muito mais multilateral e, deste modo, "Kerry demonstra-se mais aberto à aliança, ao envolvimento e à parceria, ao contrário do republicano George W. Bush", refere José Manuel Pureza.

Tendo em conta as actuais sondagens, tudo leva a crer que os americanos estão dispostos a dar uma segunda oportunidade a esta administração. Com os debates e a aproximação das eleições, é natural, explica Pureza, que a diferença percentual entre os dois candidatos diminua, pois os indecisos tendem a decidir melhor as suas posições. No

entanto, pode não ser suficiente para inverter a lógica de vitória de George W. Bush.

A questão Nader

Por outro lado, há ainda a considerar a candidatura de Ralf Nader, dos Verdes, que vai concorrer somente a alguns estados, que são decisivos para a composição do colégio eleitoral. Recorde-se que, nas eleições anteriores, onde o número de votos conseguidos pelos Verdes, teria sido suficiente para o triunfo de AL Gore. Por isso, a posição de Nader tem menos acolhimento na opinião pública que é anti-administração Bush. José Manuel Pureza sublinha, ainda, que "esta é uma situação muito antipática e difícil de justificar, dado que os votos não são de ninguém, conquistam-se".

Ao olhar para o percurso do actual presidente, "é possível verificar que foi marcado por um ciclo muito singular, centrado na gestão interna americana". Mas, "com o 11 de Setembro, há uma súbita mudança de eixo para o plano internacional, há uma espécie de cruzada belicista que tem no Iraque o seu episódio fulcral", continua o especialista.

No entanto, há neste fim de mandato mudanças importantes: Bush, que se apresenta este ano na Assembleia Geral da ONU, tenta estabelecer pontes provocando uma desagregação ideológica dentro do bloco republicano. Todavia, muitos são da opinião de que Kerry pode devolver protagonismo à ONU, ao passo que o republicano não.

Sudão divide opinião mundial

A resolução para a crise sudanesa parece não estar para breve, embora vão aumentando as queixas de violações dos Direitos Humanos

Adalgisa Leitão
Helder João Pinto

O Sudão vive uma das mais terríveis tragédias a nível mundial. Ao conflito que se arrasta há cerca de 20 anos, entre o governo central muçulmano e as populações animistas e cristãs do Sul, acresce agora um outro conflito.

As milícias árabes "janjaweed", pró-governamentais, têm perseguido e assassinado as minorias africanas. Contam-se já cerca de um milhão de mortos e deslocados. Aldeias queimadas, terrenos arrasados e violações são algumas situações relatadas pelas organizações de direitos humanos. Os que sobrevivem fogem para campos de refugiados, onde a situação não é animadora, pois apesar da ajuda internacional, quase não existe comida, água e higiene básica. As doenças proliferam devido às péssimas condições de vida e à escassez de medicamentos.

A situação foi denunciada a 7 de Maio pelo Alto Comissário dos Direitos Humanos, Bertrand Ramcharan, que apontou casos de graves

violações aos direitos humanos em Darfur, considerou serem verdadeiros crimes de guerra ou crimes contra a humanidade. Desde então têm sido várias as pressões internacionais, que pouco efeito têm sortido. Várias organizações humanitárias vêm denunciando a situação no terreno, perante a passividade de grande parte da opinião pública mundial.

A nível internacional não há unanimidade em considerar a situação que se vive no Darfur como um genocídio. Legalmente, genocídio significa "extermínio sistemático de grupo racial ou cultural". Desde o início do conflito que a comunidade internacional, através da ONU, vem tentando persuadir o Governo sudanês a tomar o controlo da situação. No entanto, até agora a sua voz não tem sido escutada.

As atrocidades continuam a ser praticadas. Todos os dias mais aldeias são queimadas, terrenos devastados, aumentam o número de deslocados e os testemunhos de mortes e violações. Os Estados Unidos da América não hesitam em considerar a crise que se vive no Darfur como genocídio, defendendo a intervenção internacional no terreno. Porém, a ONU tem preferido a diplomacia, acreditando que a solução da crise no Sudão deve passar pela intervenção do próprio governo sudanês. Classificando a situação que se vive no Darfur de genocídio, a ONU seria obrigada a intervir, de acordo com o artigo 8 da Convenção Contra o Genocídio.

Kofi Annan pede tréguas em Gaza

Israel promete não parar ofensiva, enquanto Arafat pede apoio da comunidade internacional

Rui Simões

O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, pediu no fim-de-semana a Israel que acabe com a sua operação militar na Faixa de Gaza, responsável pela morte de mais de meia centena de pessoas na última semana. Kofi Annan pediu também à Autoridade Palestiniana (AP) que actue "no sentido de impedir que militantes palestinos lancem 'rockets' contra alvos israelitas", acrescentando que "as duas partes em conflito têm obrigação de proteger todos os civis".

No entanto, contrariando as pretensões do secretário-geral da ONU, o primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, anunciou a intenção de continuar

e reforçar a operação militar "Dias de Penitência", em curso na Faixa de Gaza.

Sharon justificou-se, em declarações à rádio militar israelita: "Devemos alargar as nossas zonas de operação para conseguir distanciar os lança-rocket", a fim de que as localidades judaicas para lá da fronteira deixem de estar no seu alcance", anunciou.

Do lado palestino, o presidente da AP, Yasser Arafat reagiu condenando o ataque israelita e apelando ao Mundo "para que pare estes crimes desumanos e racistas".

Um porta-voz da Casa Branca afirmou, por seu turno, que Israel "tem direito a defender-se", lançando no entanto um apelo aos dois lados para promoverem o "road map", o plano de paz apoiado pelos EUA.

Desde o reinício da Intifada, no fim de Setembro de 2000, morreram já cerca de 4500 pessoas. Perto de um milhar eram israelitas, sendo os restantes palestinianos.

rádio universidade de coimbra e a cabra apresentam

sofia lisboa
[silence 4]

raquel ralha
[belle chase hotel | wraygunn]

ellas

Quarta, 6 de Outubro, 21.45, TAGV

1ª parte **PRENSA** - Queres Ser Cinderela?

produção



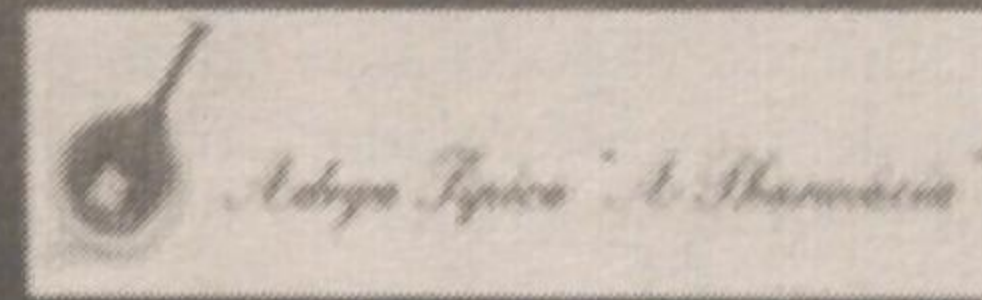
organização



www.ruc.pt

A CABRA

apoios



À margem da direita

Em cima a Torre da Cabra, cercada pelo complexo da antiga universidade. Depois, descem quase até ao Mondego filas sobrepostas e multicolores de casas antigas. A fotografia típica de Coimbra, aquela que mais facilmente se encontra em postais e panfletos turísticos, é tirada da margem esquerda do rio. Por trás da objectiva, fica uma Coimbra tantas vezes esquecida. Há o Choupalinho, a Quinta das Lágrimas ou o Portugal dos Pequenitos, locais conhecidos de quase todos, mas “o outro lado” da cidade, dizem os estudantes que lá moram, tem um carácter próprio, muito diferente da Coimbra que aparece nos postais *Por João Pereira*

VELINDRO



A margem esquerda é a face muitas vezes oculta de Coimbra

São cerca de 300 os passos que separam, pela Ponte de Santa Clara, o Largo da Portagem, no lado direito do Mondego, e a Avenida João das Regras, do lado esquerdo. A distância é curta, mas chega para separar duas realidades muito diferentes.

Em dias de bom tempo, especialmente ao final da tarde e no fim-de-semana, atravessar a ponte significa deixar a agitação da Baixa para encontrar um Choupalinho calmo, onde pescadores, sentados em cadeiras desdobráveis ou no chão, alguns protegidos do calor por guarda-sóis de praia, tentam a sorte ou matam o tempo da reforma. Zé do Arame (“ou então Zé do Alicate”, foi assim que se identificou) é um deles. De boné verde na cabeça, óculos muito graduados, vai atirando engodo aos peixes (pedaços de pão esfarelado que guarda num saco de plástico) e conta que pesca no Mondego desde muito jovem. Agora, aos 69 anos, está reformado e vem para ali quase

todos os dias. Hoje a pescaria não lhe está a correr bem. Mostra o único peixe que apanhou, ainda vivo, dentro de uma rede que mantém debaixo de água. Pesca por não ter muito mais que fazer: “Se tiver vontade, deito os peixes todos fora”.

Com saudosismo, Zé do Arame recorda nomes e baralha tempos. Explica que a alcunha lhe vem da altura em que fazia caricaturas em arame para os estudantes de Coimbra e gaba-se de ser muito conhecido na cidade: “Entrava nos bares e cafés sem pagar nada e também me deixavam entrar na Queima e na Latada”.

Como ele são muitos os que parecem lançar a linha para cortar o ócio da reforma. Outros, mais novos, trazem os filhos pequenos, que dividem o tempo entre brincadeiras e a observação atenta dos peixes que se debatem no fundo de baldes. De dentro de um carro estacionado ouve-se, muitos decibéis abaixo do que é normal na Praça da Canção,

uma música de um conhecido grupo português. É este o ponto de partida de uma Coimbra que, para muitos estudantes, só existe em raras ocasiões do ano.

Onde o rural e a urbano se misturam

Os novos estudantes que chegam à Universidade de Coimbra cedo tomam contacto com a “Coimbra dos estudantes”. A recepção ao caloiro encarrega-se de lhes dar a conhecer as ruelas da Alta, os bares e as tas-cas, o Pólo I da universidade, as Escadas Monumentais. O alojamento é procurado nas zonas típicas: as imediações da Praça da República, Celas, a zona da Sé Velha, o Bairro Norton de Matos, a Conchada ou o Vale das Flores. Para alguns, a Festa das Latas representa o primeiro contacto com a margem esquerda. Mas há todos os outros. Aqueles para quem a Coimbra da margem esquerda é uma realidade quotidiana. São

aqueles que estudam “do outro lado”. Entre estes, estão os alunos de Desporto, que diariamente se deslocam ao Estádio Universitário.

João Coelho está há três anos em Coimbra, na faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Mora na Tulha, para lá do Convento de Santa Clara-a-Nova. O curso não foi o único factor que determinou a escolha deste local. Quando veio para Coimbra, os dois irmãos mais velhos já lá moravam, de maneira que a margem esquerda acabou por ser uma opção natural. E uma opção de que não se arrepende. “Tem as suas vantagens viver na zona de Santa Clara”, explica, afirmando que “é tudo completamente diferente, há mais silêncio e a vida é mais saudável”. E acrescenta que muitas zonas “parecem aldeias, onde toda a gente se conhece”, desde os vizinhos até a dona da mercearia.

Este carácter bairrista é confirmado por outros moradores. Hélder

Wasterlain mora em Santa Clara com a família desde os oito anos. É aluno de História da Arte e presidente da Rádio Universidade de Coimbra, ocupações que o obrigam a atravessar a ponte todos os dias. Também ele afirma que na margem esquerda “se mistura a ruralidade com a urbanidade”, mas frisa que a primeira é “a que prevalece”.

“Há semanas em que não vou ao lado direito”

João Coelho sai de casa para as aulas no Estádio Universitário. Almoça normalmente nas cantinas da Escola Agrária ou do Instituto Superior de Contabilidade e Administração. Ao final da tarde joga ténis ou futebol. Ao jantar, troca as cantinas “por uma tasca qualquer” ou cozinha em casa. A noite termina “huns cafezitos, que estão abertos até às duas da manhã”. Quando se desloca à margem direita é para ir ao cinema ou para alguma saída nocturna. Mas

são incursões raras: “Às vezes quando vou apanhar o comboio [para ir ao fim-de-semana a casa dos pais] percebo que passei a semana toda sem ter atravessado a ponte”. Uma afirmação que surpreenderia Daniel Pinto, advogado estagiário, um habitante da margem esquerda para quem “fazer a vida toda deste lado é um desafio”. Um desafio com que não se depara no seu quotidiano, uma vez que o escritório onde estagia fica na margem direita. Ainda assim, afirma que as coisas já foram mais difíceis. A abertura de uma superfície comercial como o Lidl deu às pessoas a possibilidade de não terem que ir à margem direita fazer compras. E mesmo para aqueles que têm que fazer a travessia, as coisas já foram mais complicadas, diz, lembrando os tempos de estudante, em que tinha de apanhar dois autocarros para chegar à Praça da República.

Daniel admite que, embora não corresponda inteiramente à verdade, a margem esquerda acaba por repre-

sentar a “Coimbra dos futricas”. Apesar disso, sublinha que cada vez mais há casos de pessoas que, tal como João, “fazem toda a vida estudantil deste lado”. Um lado que, na opinião de Helder “é muitas vezes

esquecido, enquanto se trata muito bem daquele rosto”, diz apontando para a Alta da cidade. Daniel considera mesmo que a expressão “margem esquerda” tem uma “carga pejorativa, que alguns tentam amenizar usando antes ‘margem oeste’”. De qualquer forma, tanto o advogado estagiário como o estudante de História da Arte são unânimes em afirmar que não deixariam o sítio onde vivem para se mudarem para o lado direito. A situação de João é diferente. Agora que vai ter que deixar o T2 onde mora, está a pensar mudar-se com

um dos irmãos para a Rua do Brasil, um local na margem direita, mas suficientemente próximo do Estádio Universitário. Quanto a esta questão, Helder é peremptório: viver na margem esquerda “é uma questão de qualidade de vida”.

Pela praxe

Quase toda a margem esquerda é “Japão” – é esta a designação dada ao território que se encontra fora dos limites praxísticos. De facto, a praxe coimbrã pode apenas ser exercida até ao meio da Ponte de Santa Clara. A excepção, segundo o “Código da Praxe”, é o espaço delimitado pela Avenida de Corníbriga, Avenida João das Regras, Estrada da Guarda Inglesa e Rua Luís António Verney. Este espaço corresponde à zona do Estádio Universitário. Ainda assim, explica o dux veteranorum, João Luís Jesus, apenas metade destas vias (a que se encontra adjacente ao estádio) se encontra dentro dos limites da praxe. Contudo, é hábito que, por decreto do Conselho de Veteranos, a praxe possa também ter lugar na Praça da Canção, durante as Noites do Parque da Queima das Fitas.

VELINDRO



PUBLICIDADE

I Feira do Livro Universitário

AAC

Jardim da AAC
4 a 15 de Outubro
12h às 24h

Apoios:

Organização:

Pelouro
da
Cultura

Três pontos do sofrimento

Com o resultado feito na primeira parte, a Briosas teve de sofrer para segurar a vitória

O Gil Vicente entrou bem e esteve em vantagem, mas um final de primeira parte em bom plano deu a vitória, por 2-1, à Académica

Tiago Almeida

Ainda sem vitórias neste início de temporada, a Académica, a jogar em casa, via-se obrigada a somar os três pontos, para não se afundar na tabela.

No entanto, a equipa que viajou de Barcelos entra melhor. Luís Coentrão, aos oito minutos, confirma essa superioridade, com um remate colocado, à trave. Pouco depois, Joeano quase desvia a bola, após cruzamento de Luciano. Mas era o Gil Vicente que impunha o ritmo no jogo. Através de Carlitos e Júlio César, as alas gilestas criavam muitos problemas a Fredy e a Nuno Luís, os laterais da Académica.

Aos 25 minutos, Pedro Roma salva mesmo a sua equipa, ao defender um remate de Júlio César, em posição privilegiada. No minuto seguinte, o mesmo jogador ganha espaço, pela esquerda, e consegue fazer o cruzamento para a área, onde encontra Fábio. Com um desvio oportuno, o brasileiro inaugura o marcador.

A Briosas acusa o golo e o Gil Vicente assume o domínio do jogo. No entanto, na melhor fase da equipa de Barcelos, a Académica chega ao empate. Zé António, com um cabeceamento indefensável, responde da melhor forma a um livre marcado por Luciano, na esquerda do ataque anfitrião.

O empate no jogo motiva a Académica que, logo de seguida, beneficia de uma grande penalidade, depois de um empurrão de Marcos António ao marcador do golo academista, Zé António. Ricardo Fernandes não aproveita a ocasião e permite a defesa de Paulo Jorge. Ainda antes do intervalo, a Académica chega à vantagem. Fredy, na esquerda, faz um lançamento de linha lateral directo para a



Joeano, com golo de belo efeito, contribuiu para a vitória

área, onde Joeano cabeceia, desmarcado, fazendo a bola sobrevoar Paulo Jorge.

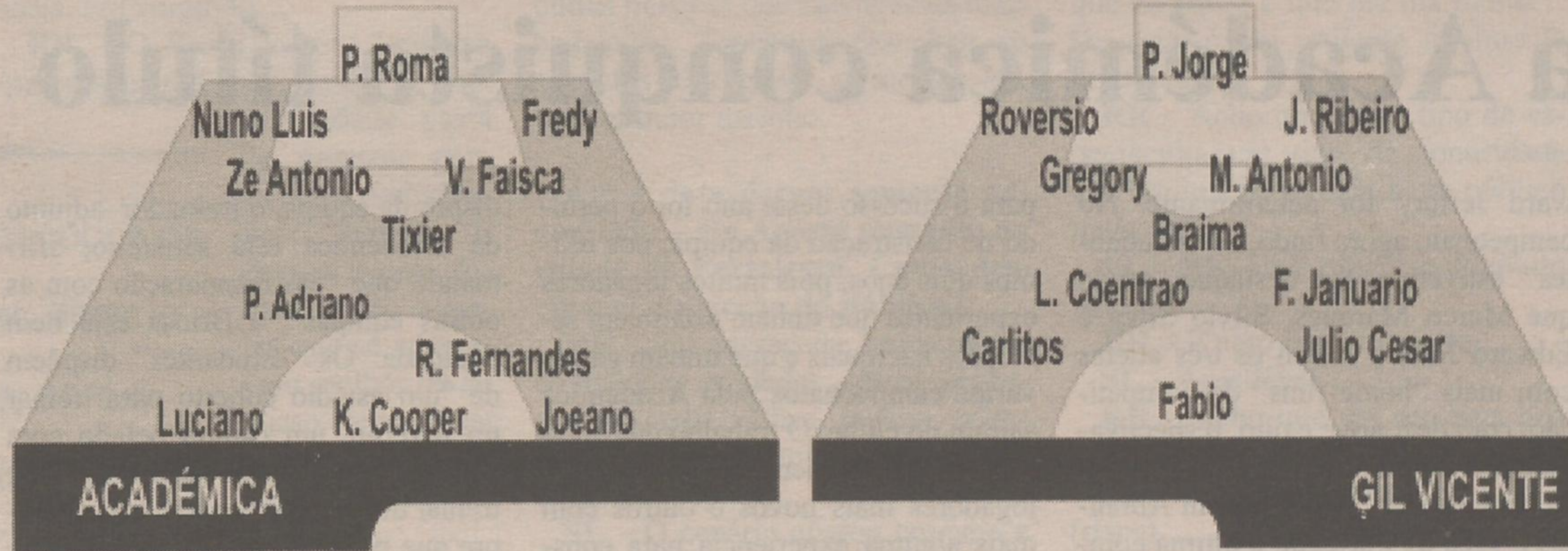
Na segunda parte, a vantagem da Briosas acaba por levar a equipa a actuar em contra-ataque. O Gil Vicente, quase sempre através do talento de Júlio César, tenta, algumas vezes, o empate. Pedro Roma, aos 52 e aos 66 minutos, evita, com mérito, o golo dos gilestas. A Académica, só a espa-

ços, aparece com perigo na área adversária. Joeano, aos 73 minutos, em boa posição, perde tempo de remate e desperdiça uma ótima oportunidade.

Na recta final, a equipa de Barcelos arrisca tudo e obriga os academistas a sofrer, para garantirem a vitória. Nesta fase, o Gil Vicente queixa-se mesmo de uma grande penalidade, após uma suposta mão à bola, em resposta a uma remate forte de um avançado

gilesta.

Depois do apito final, João Carlos Pereira, o técnico da Académica, afirmou que "perante as circunstâncias, foi a vitória possível" e apesar de reconhecer "alguma sorte durante o jogo", gostou da "atitude da equipa". Já Luís Campos, treinador do Gil Vicente, considerou a vitória da Académica "de uma injustiça gritante" e a exibição do árbitro "muito infeliz".



Coimbra recebe acrobacia internacional

Coimbra vai ser visitada por 120 dos melhores ginastas acrobatas de todo o mundo numa competição que promete ser espectacular

Ricardo Duarte

Decorre em Coimbra, nos próximos dias 8 e 9 de Outubro, a Taça do Mundo de Ginástica Acrobática. A organização está a cargo da secção de ginástica da Associação

Académica de Coimbra, com o apoio da Federação Internacional de Ginástica (FIG), da Federação Portuguesa de Ginástica, da Federação Portuguesa de Trampolins e Desportos Aquáticos, e da Associação Ginástica do Distrito de Coimbra.

Esta prova faz parte do calendário oficial da FIG, cotada com a categoria A - a mais importante - sendo pontuável para o ranking mundial de desportos acrobáticos.

A competição é aberta a todas as federações filiadas na FIG, nas três especialidades de pares (femininos, masculinos e mistos), e nas duas de

grupos (trios femininos e quadras masculinas). Os preliminares disputam-se com a execução de um exercício de equilíbrio e um dinâmico. Nas finais, reservadas aos primeiros oito classificados em cada especialidade, será executado um exercício combinado.

Atletas representantes da Bélgica, Cazaquistão, Espanha, Grã-Bretanha, Índia, Irlanda, Polónia, Portugal e Rússia, irão competir numa das mais importantes provas da modalidade, e onde estarão em jogo prémios monetários no valor de cerca de 10.600 euros.

Para Jorge Abrantes, presidente

da comissão organizadora, o facto desta prova ser realizada em Coimbra, é a prova da confiança na capacidade organizativa coimbrã, e um estímulo para a prática da modalidade em Portugal. Esta será também uma oportunidade única para assistir às exibições de cerca de 120 ginastas de topo, proporcionando um grande espectáculo.

O palco deste evento será o Pavilhão Jorge Anjinho (OAF), sito na Avenida Infanta D. Maria, com capacidade para acolher 2000 espectadores. Os preços variam entre os 6 euros nas sessões preliminares e os 7,5 euros nas finais.

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

Tempos Modernos

“O Organismo Autónomo tem que ser moderno”

Depois de mais um ano zero para o futebol português, logo outro se avizinha.

De ano zero em ano zero, até onde?

Na época passada, a época pré “Euro”, era tempo de transição: entravam novos estádios, modernos, novas gestões desses espaços com uma preocupação bem vinçada com a segurança, enfim, as “coisas” eram diferentes porque já éramos “modernos”.

Esta época a velha estrutura voltou: as ligas profissionais começaram sem se saber muito bem quantas equipas descem de divisão. Fica para mais tarde a decisão. Já se está mesmo a ver o que vai acontecer: choradinhos e juras de perseguição por parte de quem estiver “com a corda na garganta”.

Mas não só: a modernidade parece que passou ao lado de dirigentes que continuam a utilizar as velhas tácticas de guerrilha utilizadas há 30 anos, como se novidade fosse.

Os ataques, as defesas, as suspeitas de conspiração continuam as mesmas e na mesma continuação a estrutura, a orgânica, os regulamentos... A Liga de Clubes continua com um presidente em regime de substituição, mas é moderna, e prova disso é o “site” criado na internet.

Também a Académica/OAF parece ter sido “afectada” por este “vírus da modernidade”: depois da “novela” com a Câmara e Assembleia Municipal por causa da gestão do estádio, eis a nova e moderna gestão do estádio a fazer a briosas entrar no tempo da modernidade.

Mas também aqui surgem resquícios de velhos hábitos do futebol luso. Se por um lado a pré-época não foi pacífica, sem que tenha existido a necessária clarificação eleitoral, por outro lado, a resposta, essa, foi a “tradicional”: segundo dados saídos na imprensa nacional, a Académica tem um dos orçamentos mais altos da Superliga.

É certo que o tempo para fazer balanços sobre o plantel ainda não chegou. Mas o início nada brilhante da equipa, sobretudo no aspecto exibicional, preocupa.

O Organismo Autónomo tem que ser moderno. Dizem que esta é uma inevitabilidade histórica. Mas será que ser moderno é hipotecar o futuro com orçamentos altos?

Para que depois, mais uma vez, venha o próximo, dizer que o clube “foi gerido de forma irracional e agora é preciso estabilizar as finanças do clube”?

Até quando vamos ouvir este fado?

Futsal entra com o pé direito

Em jogo da primeira jornada da série A do campeonato nacional da 2ª divisão, a Académica bateu o Amanhã da Criança por 8-5

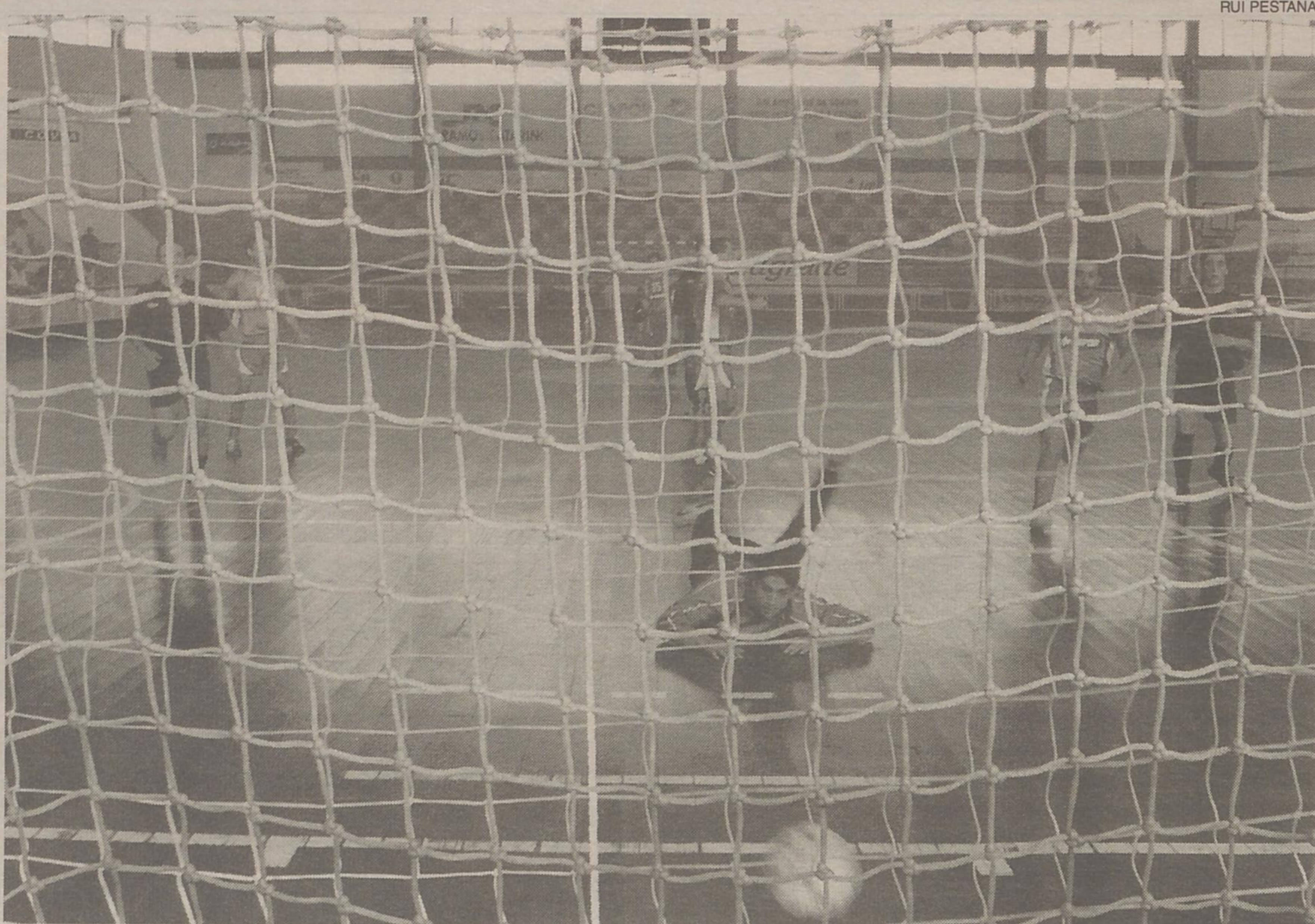
João Campos

O técnico Francisco Batista apostou num cinco inicial formado pelo guarda-redes João Simões e pelos jogadores de campo Rui Moreira, Zito, André Matos e Luisinho.

A partida começou equilibrada, e com oportunidades de parte a parte. A um remate inicial da equipa que veio da Maia, a Briosia respondeu com duas oportunidades, por Zito e Luisinho. A partir dos cinco minutos, a formação visitante começou a acercar-se da área academista, enervando a equipa da casa. Assim, foi com naturalidade que aos sete minutos o Amanhã da Criança inaugurou o marcador, numa jogada finalizada por Rui.

O golo enervou os jogadores da Académica, que não conseguiam furar a bem montada defesa maiata, levando Francisco Batista a trocar todos os quatro jogadores de campo. A meio da primeira parte, os estudantes chegaram ao empate: Bicho fez um passe a furar toda a defesa visitante e J.P. só teve de escolher o lado para onde queria rematar. Este golo trouxe mais concentração à equipa, confirmada três minutos depois, com a reviravolta no marcador. Um grande golo de Rick que, a passe de Pichel, fuzilou o guarda-redes nortenho.

A dois minutos do intervalo, Bicho cometeu uma falta e, numa decisão muito contestada pelo público, foi expulso pela equipa de arbitragem. Na conversão do respectivo livre directo,



Académica sofreu para ganhar num jogo com muitos golos

e após alguma tensão nas bancadas, Filipe restabeleceu a igualdade. A reacção academista a este lance foi imediata, com dois golos no minuto seguinte. O primeiro por Luisinho, após trabalho individual; o segundo por Teixeira, a concluir uma jogada colectiva. Assim, a Briosia foi para o intervalo a ganhar por 4-2.

Na segunda metade, a Académica entrou disposta a resolver de imediato o jogo, pressionando o adversário e criando duas oportunidades de golo, em jogadas individuais de Zito e Luisinho. Não surpreendeu portanto que a formação de Francisco Baptista tivesse chegado ao quinto golo, por in-

termédio de Zito. O Amanhã da Criança reagiu e reduziu três minutos depois, por Miguel.

Após o terceiro tento maiata, a Briosia tornou-se mais pressionante. Esta pressão levou o adversário a cometer mais faltas e a causar dois livres directos consecutivos, ambos convertidos com sucesso pelo capitão Pichel, colocando o placard em 7-3. A perder por quatro golos de diferença, o técnico Vítor Magalhães arriscou tudo e substituiu o guarda-redes por um jogador de campo. Esta alteração fez com que a equipa do Amanhã da Criança pressionasse a baliza da Académica, resultando em dois golos,

apontados por Pinto e Miguel. A 20 segundos do final, Luisinho bisou e deu a "estocada final" nos maiatos, após combinação com André Matos.

Apesar de satisfeito com o resultado, o técnico Francisco Batista considerou que a sua equipa "não fez uma grande exibição". Para o futuro, o técnico lembra que o objectivo da equipa é conseguir os pontos suficientes para garantir a manutenção na 2ª divisão nacional.

O próximo jogo da Académica realiza-se no próximo fim-de-semana, com a deslocação a Vila do Conde, para defrontar a formação do Rio Ave.

Basquetebol começa a perder

Rui Pestana

O basquetebol da Académica perdeu, na primeira jornada do II Campeonato da Proliga, contra Basket de Almada. A deslocação ao Complexo Desportivo de Almada saldou-se numa derrota por 92 - 77.

Frente a um Basket de Almada com jogadores mais experientes, e candidato a chegar aos "playoffs", a Académica nunca conseguiu contrariar o favoritismo "dos da casa". Face às limitações do plantel academista, os estudantes tiveram de viajar para Almada com apenas sete jogadores.

Os reforços norte-americanos Zane Gilliard (posição 2/3) e Dwight Anglande (posição 5) já alinharam frente ao Basket de Almada, isto apesar de terem chegado a Portugal há menos de uma semana. O novo treinador academista, João Moutinho, tentou assim esconder as saídas de jogadores tão influentes na época passada como Jacinto Silva, Morgan, Bruno Costa e Dário Furtado.

O basquetebol da Académica está neste momento em penúltimo lugar da Proliga (15º), numa época em que João Moutinho apenas promete "trabalho de forma a fazer o melhor possível". O jogo Académica - Marinhense da segunda jornada ficou adiado para Janeiro, e assim no próximo dia 17 a Académica desloca-se ao pavilhão do Galitos.

Académica cumpre no râguebi

João Campos

A equipa de râguebi da Académica deslocou-se no passado sábado até Cascais, onde derrotou a formação local por 53-6, em jogo da segunda jornada da primeira fase do Campeonato Nacional da 1ª Divisão.

Os comandados de Rui Carvoeira justificaram o seu estatuto de favoritos para este encontro, e não tiveram grandes dificuldades para bater a formação da zona de Lisboa, construindo uma vantagem tranquila e controlando a partida desde o princípio.

Foi uma boa reacção da equipa academista, campeã nacional em título, à derrota sofrida no passado fim-de-semana, em Coimbra, frente ao Benfica. Com este resultado, a Briosia soma agora uma vitória e uma derrota na competição.

O próximo jogo dos "estudantes" realiza-se já no próximo fim-de-semana, em Monsanto, frente à equipa do Direito.

Basebol da Académica conquista título

Uma boa exibição dos "estudantes" permitiu-lhes ultrapassar a equipa da Universidade de Aveiro e sagrarem-se campeões nacionais

**Bruno Gonçalves
Tiago Pimentel**

A equipa da secção de basebol da Associação Académica de Coimbra conseguiu no passado dia 26 de Setembro recuperar o título de campeã que já lhe fugia desde 2000. O conjunto de Coimbra venceu a formação da Universidade de Aveiro por 8-3, num jogo em que a inspiração de Ed-

ward Jeffery foi determinante. No campeonato agora findo, os "estudantes" estiveram em destaque, sendo que Marco Marques, Sílvio Silva e Edward Jeffery foram os três atletas com mais "home runs" da competição, com dez, nove e oito, respectivamente. No próximo fim-de-semana os "estudantes" disputam em Abrantes a Taça de Portugal, a última competição da época.

No ano passado a Académica foi derrotada na final, mesmo tendo feito uma época sem perder um único jogo até ao playoff da final, onde perdeu os dois últimos jogos. Contudo, Sílvio Silva, atleta e treinador-adjunto da Académica, acha que "esta foi uma experiência positiva, pois permitiu aos jogadores mais jovens ganhar experiência numa situação de pressão".

Para Sílvio Silva, o principal factor

para o sucesso deste ano foi o período de construção da equipa, nos últimos dois anos, pois muitos jogadores experientes que tinham estado em selecções nacionais e que tinham ganho vários campeonatos pela Académica saíram do clube. O trabalho de captação de atletas assentou num misto de jogadores mais novos e outros com mais alguma experiência para construir a base da equipa.

Este ano Sílvio Silva considera que a Briosia já ultrapassou os objectivos a que se propunha inicialmente, com a participação em alguns torneios internacionais, o que deu alguma visibilidade e experiência ao clube. E diz ainda: "Todos ficaram muito agradados com a nossa equipa e com a nossa qualidade de jogo, mas principalmente com a nossa idade".

Em relação às infra-estruturas ao

dispor da equipa, o treinador-adjunto da Académica está satisfeito, afirmando que "em comparação com as outras equipas", a Briosia está bem equipada. Os "estudantes" dispõem de "um estádio coberto para treinar no Inverno, um campo pelado com iluminação nocturna onde é possível treinar duas vezes por semana e, sempre que possível, um campo relvado, caso único a nível nacional".

Para a próxima época os objectivos passam por realizar um campeonato mais calmo e ganhar tudo a nível nacional. Sílvio Silva não acredita que venham a acontecer contratações sonantes, pois "o grupo está muito unido", sendo que o intuito da direcção é "premiar a equipa campeã". Quanto à Europa, o objectivo é fazer boa figura "pois o nível exigido é muito elevado".

**CAMPO UNIVERSITÁRIO
DE MONTANHA AAC 2004**

**15,16 E 17 DE OUTUBRO
SERRA DO GERÊS**

INSERIDO NO PROGRAMA DESPORTIVO DA FESTA DAS LATAS 2004

Actividade Surpresa
Paintball
BTT
Tirolesa
Rappel
Slide
Zarabatana
Escalada
Paralelas
Festa Convívio

Mais informações e inscrições disponíveis na Secretaria da DGAAC, ou no Pelouro do Desporto da DGAAC, ou através do número 239 410 400



INSCRIÇÃO: 30 EUROS

(inclui viagem, estadia e equipamento desportivo)

ORGANIZAÇÃO PUBLICIDADE
DGAAC 2004
DESPORTO

“Ellas” cantam “a força da mulher”

Vozes famosas do século XX reencarnadas no Teatro Académico de Gil Vicente

Raquel Ralha (Belle Chase Hotel, Wraygunn e Azembla's Quartet) e Sofia Lisboa (Silence 4) unem-se num projecto de homenagem a algumas das maiores divas da música do século XX

Carina Fonseca
Marta Piores

Hoje, pelas 21h30, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) serve de cenário à comemoração do lançamento da primeira edição de mais uma série d'A CABRA, bem como da nova grelha da Rádio Universidade de Coimbra. Tendo como primeira parte uma projecção de vídeo denominada “Queres ser Cinderela?” da responsabilidade do PRENSA - Grupo de Teatro & Afins, o evento centra-se no novo projecto musical “Ellas”.

De onde surgiu a ideia do projecto “Ellas”?

Raquel Ralha - A ideia foi-nos proposta pelo José Cardoso [responsável pela produtora Cantigas da Rua], que trabalha connosco também noutros projectos. Entretanto, para além das nossas vozes, estamos a trabalhar com um pianista, um contrabaixista e um guitarrista. E surgiu essa ideia de prestarmos homenagem às divas do século XX.

Sofia Lisboa - Pelo menos para mim, acho que tinha tudo a ver connosco, pelo menos em gostos pessoais acho que nos identificamos bastante.

Já se conheciam anteriormente?

RR - Pontualmente, cruzámo-nos nalguns concertos (risos).

SL - Conhecimento de bastidores... (risos)

Quem são as vossas “Ellas”?

RR - Nós não nos vamos unicamente restringir àquelas divas que vamos apresentar agora neste espectáculo, no TAGV. Há uma vastidão de hipóteses para explorar... A seu tempo havemos de alargar o repertório. Neste momento, estamos a cantar versões da Nancy Sinatra, Peggy Lee, Nina Simone, Marilyn Monroe...

SL - Edith Piaf, Rita Lee...

RR - Outras menos conhecidas, como Magali Noël...

Como foi feita a selecção das divas?

RR - Foi terrível fazer a selecção porque...



Raquel Ralha e Sofia Lisboa mostram-se entusiasmadas com o novo projecto musical.

SL - Tentámos criar um critério de selecção, mas depois havia outras músicas que se calhar já não tinham directamente a ver com uma temática que estivessemos a tentar arranjar. De maneira que não houve propriamente um critério... Talvez a época seja mais ou menos a única coisa que tenham minimamente em comum. Foi mais por gostos pessoais. Foi surgindo...

RR - O Pedro Renato [guitarra/percussão] fez uma recolha de uma quantidade vasta de músicas para as quais podíamos fazer versões. E dessas, depois, fomos vendo aquelas que se adaptavam melhor ou ao nosso registo ou aos nossos gostos pessoais...

Sofia, falaste numa temática... Há mesmo alguma temática que vocês pretendam criar?

RR - Temática do... “girl power” (risos).

SL - Não sei, há duas ou três músicas que falam de mulheres se calhar um pouco submissas... Quer dizer, há duas ou três músicas que têm um tema em comum, mas depois há outras que não têm. Portanto, acho que não há mesmo uma temática.

RR - Mas sempre por trás, de fundo, a força da mulher. Sempre. Não numa perspectiva radicalmente feminista, não é disso que se trata... É esse prestar de homenagem à mulher.

Em relação às músicas, mais propriamente ditas, há algum critério particular?

SL - O Pedro Renato apresentou-

-nos uma selecção [de músicas] e depois escolhemos conforme o registo da voz, o gosto pessoal, etc...

RR - Algumas canto eu, outras canta a Sofia e outras são cantadas em conjunto. Tentámos enveredar pelas versões menos conhecidas, se bem que há algumas que as pessoas provavelmente vão reconhecer. É também a vontade de dar a conhecer outras músicas que não aquelas mais badaladas. Tentámos descobrir os segredos das divas e mostrá-los, com o maior carinho.

Até à data deram somente um concerto - em Agosto passado, na cidade de Portalegre. Como descrevem a reacção do público?

RR - Foi engraçada, havia público de todas as idades - estrangeiros, pessoas mais velhas, jovens, crianças... Foi nuns claustros e foi bom. O sítio era óptimo.

SL - O cenário ajudou também e a noite estava muito agradável. Acho que fomos bem aceites.

Agora actuam no TAGV. Há alguma modificação a assinalar para este concerto, em relação ao que já deram?

RR - Não. Aquele foi um concerto de aquecimento. Este agora vai ser o primeiro a ser dentro de uma sala, vamos manter o alinhamento que tínhamos. As pessoas em palco vão ser as mesmas, somos cinco.

SL - Depois o resto fluiu naturalmente.

Mais concretamente, quem vos acompanha em palco?

RR - No piano, Paulo Figueiredo; no contrabaixo, Luís Oliveira; e na guitarra e objectos de percussão, Pedro Renato.

Quais as expectativas para este

espectáculo?

RR - Eu estou cheia de vontade, estou muito contente...

SL - Tenho saudades [de actuar]... Já não actuo desde o final da digressão [dos Silence 4]. Acho que mesmo que tivesse continuado com os Silence 4 até agora, tinha a mesma vontade de ir para o palco com este projecto, porque é um projecto que eu adoro e que me diz muito... Ou seja, é um projecto totalmente diferente.

RR - Acho que é um tipo de espectáculo, um tipo de sonoridade que facilmente agrada a um público mais vasto.

SL - Não é um espectáculo muito pesado...

RR - É algo bem-disposto...

SL - Agradável...

RR - Acho que vai ser uma boa noite. Esperemos que sim.

SL - Vai ser uma prova de fogo... (risos)

Prevêem-se novas actuações a curto prazo?

RR - Sim, sim, sim...

SL - Espero bem que sim! (risos)

RR - A partir de Outubro... as coisas estão a ser tratadas, no processo normal.

SL - Estamos a receber convites, estamos a agendar...

RR - Venham eles! (risos)

Existe algum concerto em concreto que queiram revelar?

RR - Ainda não podemos adiantar, porque as coisas estão a ser negociadas. Ainda estão a “fermentar”.

E quando é que poderemos ouvir-vos em casa - versão CD?

RR - Está prevista a gravação de um disco, mas provavelmente só para o próximo ano.

No início ou em meados de 2005?

RR - Ainda não temos hipótese de responder a isso.

Outros projectos

A CABRA tentou saber quais os próximos passos no que respeita às demais formações de cada uma d'“Ellas”.

Raquel, em relação aos teus projectos paralelos - Wraygunn, Belle Chase Hotel, Azembla's Quartet - alguma novidade a salientar?

Está tudo a correr... Estou nos quatro projectos, cada um com o seu “timing”. Não tem sido complicado conciliar as coisas, até porque como os elementos dos vários grupos se dividem, há sempre essa hipótese de conciliar.

Sofia, sabemos que os Silence 4 estão, de momento, em “stand-by”. Para quando um regresso?

Não sei... não sei responder, sinceramente. Nós não temos qualquer previsão. Por enquanto, continuamos com os nossos projectos, com o nosso dia-a-dia... E se um dia surgir a ocasião, por que não?

Surgiram rumores da edição de um CD dos Silence 4 para breve...

Sim, mas é um CD ao vivo, já gravado. Não é nenhum regresso... Vai sair no final deste ano, em princípio, se tudo correr bem.

“Ghosts” invadem Centro de Artes Visuais

O Centro de Artes Visuais/ Encontros de Fotografia (CAV) apresenta “Ghosts”, mais que uma exposição, um jogo de percepção estética, que vai mexer com os sentidos do visitante

Bruno Vicente

“Ghosts” é uma exposição encomendada a Julião Sarmento, que vive sobretudo dos laços que cria com o visitante, sendo a interactividade que resulta dessa relação um dos pontos fortes da mostra. Nesse sentido, a exposição recorre a instalações que combinam vídeo e áudio, onde a reconfiguração do espaço expositivo é uma constante.

Aberto ao público a partir de sábado, o certame surge como uma produção do CAV que, desde a sua inauguração em 2002, procura consolidar posição entre as instituições artísticas de maior relevo no panorama nacional, apostando na divulgação de inúmeros projectos artísticos.

Na prática, o visitante é atraído por elementos sonoros que conduzem a diversas salas de exposição. Uma vez no local, os projectores são activados pela presença humana. Mas, para espanto do espectador, vislumbra-se apenas pouco mais que corpos em fuga. Nesse sentido, é o olhar do espectador que transforma as entidades em espectros, em “ghosts”. Julião Sarmento recorre, desta forma, à presença e ausência para criar um jogo de per-

cepção onde o protagonista é o próprio visitante.

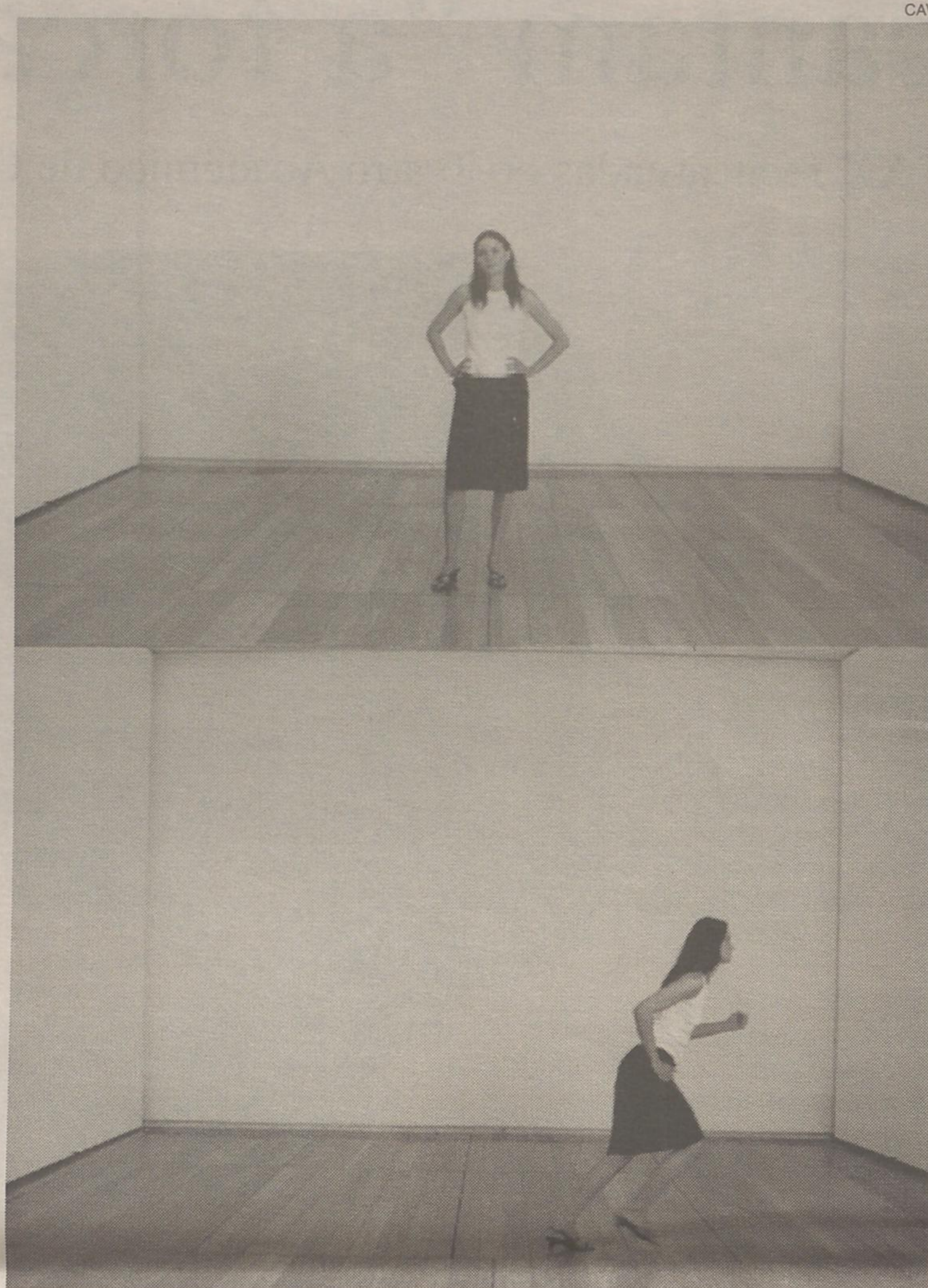
O facto de não serem reveladas imagens precisas ao visitante, mas antes imagens vagas, causa no espectador um sentimento de incredulidade, já que a imagem é ocultada depois de ter sido insinuada. Com esta valorização do contexto e desvalorização do facto objectivo é proposta ao espectador uma vivência alimentada pela imaginação.

De salientar que a exposição é acompanhada por um catálogo que reproduz as obras expostas e inclui uma nota introdutória do director do CAV, Albano Silva Pereira, bem como um ensaio de David Barro.

Em paralelo à exposição de Julião Sarmento, o CAV realiza a terceira edição do programa “Project Room”, onde este ano participam Rui Calçada Bastos e Susana Gaudêncio. O objectivo do evento prende-se com a divulgação de artistas portugueses emergentes no panorama nacional ou ainda sem grande reconhecimento público.

O trabalho de Rui Calçada Bastos, “Casting Thoughts” (2000), consiste na união da imagem a preto e branco com o som. Assim, é captada a face de uma mulher enquanto se desloca num metropolitano, sendo que o seu olhar está em constante alteração. Em simultâneo, é produzido o som de uma agulha quando esta chega ao fim de um disco de vinil. O resultado é uma aproximação do visitante aos pensamentos e sensações da protagonista.

Já o trabalho de Susana Gaudêncio é constituído por “Panorama” (2001) e “Noite Branca” (2004). A autora aposta na relação entre o cinema e a pintura. Assim, numa sequência de gravuras e num filme de



Imagens fugazes são ponto central da exposição “Ghosts”

animação, é explorada a imaginação, onde tanto ambientes como personagens são baseados em experiências pessoais da própria autora.

O programa “Project Room” inclui um ensaio de Miguel Amado e

é acompanhado por um desdobrável que reproduz as obras expostas.

A exposição “Ghosts” e o programa “Project Room” arrancam no dia 9, pelas 22 horas, no CAV, e estão patentes até 26 de Dezembro, com entrada gratuita.

Música embala a cidade

Cláudia Martins
Carla Moura

Durante os meses de Setembro e Outubro, Coimbra homenageia a música com uma série de espectáculos ao vivo no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV).

No próximo sábado, às 21h30, a Orquestra Espanhola da Sociedade Musical “La Artística Manisense” actua sob a direcção de Pere Vicente Alamà, numa organização da Câmara Municipal de Coimbra.

Já o brasileiro Chico César actua na segunda-feira, também pelas 21h30, com o espectáculo “Voz, Violão e Você”. É o regresso às origens de quem iniciou a carreira apostando no formato acústico.

Esta temporada musical teve início na passada sexta-feira quando o Duo Contracello subiu ao palco do TAGV para comemorar o Dia Mundial da Música. O par, constituído por Miguel Rocha (no violoncelo) e por Adriano Aguiar (no contrabaixo), conta já com 20 anos de actividade e produziu um espectáculo invulgar devido à combinação instrumental e ao facto de terem contado com o comentário de Luís Cardoso. Estes músicos, protagonistas do único duo europeu de violoncelo e contrabaixo, dedicaram neste mesmo dia duas sessões destinadas a jovens estudantes.

O TAGV trouxe ainda as comemorações do 70º Aniversário do Conservatório Regional de Coimbra e “Americanto”, uma mestiçagem musical do continente americano.

Hoje é a vez do novo projecto de Sofia Lisboa e Raquel Ralha – denominado Ellas – subir ao palco do teatro académico, para interpretar Peggy Lee, Edith Piaf, Jane Birkin ou Rita Lee, entre outras vozes famosas do século XX.

Cineastas franceses estreiam em Coimbra

No mês de Outubro, cinco cidades portuguesas vão ouvir nas suas salas de cinema a chamada “língua do amor”

Nuno Braga

A 5ª Festa do Cinema Francês aposta numa programação repleta de estreias nacionais e ante-estreias em Coimbra, Faro, Lisboa, Porto e Santarém. Ao todo, são 32 filmes divididos pelos mais diferentes géneros cinematográficos. Desde a comédia, ao drama, passando pela ficção científica e a animação.

A Alliance Française brinde Coimbra e os seus visitantes com a exibição de 14 longas-

metragens, algumas muito esperadas, entre os dias 18 e 21 de Outubro, nos Cinemas Millennium Avenida. A abertura oficial é amanhã, dia 7 de Outubro, no Cinema São Jorge, em Lisboa, que recebe 25 filmes até ao dia 17 de Outubro.

Entre as películas em exibição em Coimbra está mais recente filme de Jean Luc Godard, “Notre Musique”, um drama dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.

Outra das estreias mais esperadas é “Les Choristes”, de Christophe Barratier, uma comédia dramática muito elogiada pela crítica francesa e um dos mais recentes êxitos cinematográficos em França, onde teve mais de 6 milhões de espectadores.

Enki Bilal, um reconhecido autor de banda desenhada, estreia “Immortel”, adaptado

da trilogia Nikopol, um filme de ficção científica com Linda Hardy e Charlotte Rampling.

Alain Didier, director da Alliance Française de Coimbra, refere que “este evento faz parte da paisagem cultural de Coimbra e é a melhor prova da vitalidade do cinema francês”. O objectivo é divulgar a produção francesa em Portugal através da sensibilização do público. Esta produção da Alliance Française, organizadora do evento, mantém a sua estrutura de dividir as reproduções por várias cidades do país. No ano passado foram distribuídas por Lisboa, Porto, Coimbra e através de uma parceria com a RTP.

Este ano o objectivo é mais ousado. Pela primeira vez, a Festa do Cinema Francês expande-se para lá destas três cidades, numa tentativa de descentralizar e de chegar ao

maior número de pessoas possível. Deste modo, teremos filmes franceses em Faro, entre 22 e 24 de Outubro, no Fórum Algarve-Multiplex SBC. A festa chegará também a Santarém, com a exibição de sete filmes entre 29 e 31 de Outubro, no Cine-Teatro Sá da Bandeira.

Esta festa não conta apenas com a exibição de filmes. Existe uma série de actividades que irão ser promovidas em torno deste evento. Está prevista a presença de realizadores nas várias cidades, entre os quais Tony Gatlif (Porto), Noémie Lvovsky (Coimbra), bem como Sébastien Lifshitz e Catherine Breillat (Lisboa). A 23 de Outubro, a Orquestra Metropolitana de Lisboa interpreta, na Sociedade de Geografia de Lisboa, temas que integraram bandas sonoras de filmes franceses.

FESTA DAS LATAS
COIMBRA 1 OUTUBRO 2004

ORGANIZAÇÃO: DIRECÇÃO GERAL
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA



QUARTA 20
SERENATA
CONVÍVIO

QUINTA 21
SARAU ACADÉMICO
FESTA DA CERVEJA

SEXTA 22
SÁBADO 23
DOMINGO 24
SEGUNDA 25
TERÇA 26
CORTEJO

PUBLICIDADE



"Turakianos" visitam Coimbra para dar a conhecer o "sentimento pinguim"

Viajar é preciso

"A caminho das artes e das cidades" é o título que dá o mote para um festival de artes do espectáculo para um público jovem, que faz da itinerância a sua principal imagem de marca

João Vasco

Começa já no próximo sábado em Lisboa e em Évora o festival "Percursos pelo País, 2004". Uma iniciativa do Centro Cultural de Belém (CCB) que inclui teatro, dança, música, circo e artes plásticas, e que vai passar também por Coimbra de 16 a 24 de Outubro.

Um projecto que começou a nascer em 2002, como explica Madalena Victorino, da direcção artística do festival: "Há dois anos, surgiu a ideia de fazer com que o CCB saísse da capital, tivesse relações com o país, com as cidades, com as autarquias, com os teatros fora de Lisboa". A intenção era trocar experiências, espectáculos e públicos, e produzir um festival fora do chamado "mainstream". Por isso, quando confrontada com a pergunta "O que é o 'Percursos'?", Madalena Victorino, diz que "não é um festival 'normal'". Não se compraram espectáculos para se produzir um efeito de fogo de artifício. É um festival que se construiu a si próprio ao longo do tempo".

Assim, desde essa data que diferentes companhias de Portugal, Espanha, Itália, Bélgica e França começaram a co-habitar o espaço, a imiscuir-se nos hábitos e a participar nos projectos das diferentes camadas da população das cidades que acolhem o "Percursos pelo País,

2004" (Lisboa, Évora, Coimbra e Viseu). Foram-se criando aquilo a que a organização do festival chama de "residências artísticas". Espaços que têm como objectivo a realização de "projectos resultantes da mistura entre a vida das gentes, as histórias dos territórios e os imaginários dos artistas", revelam Madalena Victorino e Giacomo Scalisi, os dois responsáveis artísticos do festival.

Desta forma, durante o tempo em que durar o "Percursos", vai ser possível ver-se nas diferentes cidades espectáculos variados, que são, na sua maioria, o culminar do que se produziu nas "residências artísticas".

Um público "cigano"

Mas a originalidade de "Percursos" não se fica pelas "residências artísticas". Como sugere o próprio nome do festival, viajar é a palavra de ordem. Viagens propostas ao público de cada cidade que, durante os três fins-de-semana que abrangem o certame, pode deslocar-se em passeios organizados. A ideia é a de que os habitantes de cada uma das cidades envolvidas se desloquem até às outras para assistir aos espectáculos.

De Coimbra, por exemplo, há um programa de viagem até Lisboa, já nos próximos sábado e domingo, para se assistir a "Romance de Infância", "Pavilhão das Maravilhas" e "CCC", no Centro Cultural de Belém, e "Janelas", na Culturgest. Esta proposta de intercâmbio cultural, que custa vinte euros, inclui transporte de ida e volta e entrada em todos os espectáculos, ficando o visitante responsável por definir onde ficar, comer e passear.

Assim, apesar dos espectáculos em Coimbra só começarem no dia 16, "Percursos pelo País, 2004" está aberto aos coimbricenses já a partir de sábado. Um fim-de-semana "sui generis", tal como o que acon-

tece uma semana depois, quando os habitantes da Lusa-Atenas forem convidados a fazer "ping" em Lisboa e "pong" em Évora, para assistirem a vários espectáculos, num programa chamado "Ping Pong".

Já a ida a Viseu, para se assistir, entre outros, a "Ensaio Sobre a Cegueira", pelo grupo de teatro O Bando (espectáculo baseado na obra homónima de José Saramago), fica guardada para dia 22 de Outubro, numa visita que também se prolonga por esse fim-de-semana, e onde há a oportunidade de se passar uma noite "virtual" num hotel inteiramente ficcional - "Hotel Tomilho".

Este carácter deambulante de "Percursos" faz com que Madalena Victorino fale em dois tipos de público distintos: "O que está na cidade e usufrui dos espectáculos dessa cidade e um público viajante que, ao fim-de-semana, se desloca".

A responsável do CCB admite, no entanto, que este é uma aposta "arriscada" - "o público português não está muito habituado a ser convocado a deslocar-se para assistir a espectáculos culturais". Por isso, e pela escassez de procura até ao momento, Madalena Victorino faz questão de alertar que "os bilhetes já estão à venda". Mas não desanima, porque entende que o projecto vai muito para além da vertente do lucro: "Este é um trabalho muito pouco comercial, que pensa as artes como qualquer coisa que ajuda a viver melhor, a crescer, a olhar a vida de outra forma. É entretenimento, mas não só. É mais do que isso".

Um projecto que, na opinião da directora artística, "dá muito trabalho, mas que ao mesmo tempo é extremamente fascinante". "Revê-se o papel do programador cultural (saber ouvir os artistas, as cidades, as autarquias, os teatros, as escolas, que necessidades há...) e trabalhar-se para o país".

Seguindo este raciocínio, só resta

a Madalena Victorino lamentar que mais autarquias não tenham acedido a cooperar com o projecto: "Interessava-me que o Alentejo Litoral e o Norte participassem, por exemplo, mas ninguém disse que sim. Isso implicava um investimento financeiro, que algumas autarquias não se dispuseram a proporcionar".

A invasão "Turak"

Depois do arranque do festival, em Lisboa e Évora, entre 9 e 17 de Outubro, "Percursos pelo País, 2004" chega a Coimbra a 16 de Outubro. Durante mais de uma semana vai haver espectáculos para todos os gostos e a chegada à cidade de uns indivíduos muito especiais, os "Turakianos". De origem francesa, este povo ficcional, que vive pendurado por um fio, decide visitar Coimbra depois de uma passagem pelos Pólos e do encontro com pinguins. Uma experiência marcante para os "Turakianos", que vão contar tudo, ora na peça "O Ombro do Norte", no palco do Teatro Académico de Gil Vicente, ora no "Regresso da Expedição ao Ombro do Norte", uma exposição que estará patente no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, ou mesmo em visitas especiais a catorze Repúblicas da cidade do Mondego. Estas últimas vão receber a visita de "Turakes" em forma de marionetas, que prometem "alastrar o sentimento pinguim aos estudantes".

Para além das várias iniciativas da Turak Créations, terá também lugar um espectáculo de circo especial, em que cinco personagens procuram levantar voo - "Bechtout", da Compagnie Baro d'Evel, na Oficina Municipal do Teatro -, à operação mais arriscada de sempre feita por duas marionetas reformadas - "Bistouri", dos belgas "Tof Théâtre", na Praça 8 de Maio - e a "Pequenas Fábulas" e "Poemas Trágicos" também vindos da Bélgica.

Em palco...

Rui Pestana

Opinião

Tochas "unleashed"

"Work in Progress:

Ensaio Geral"

Pedro Tochas

Museu dos Transportes

28, 29 e 30 de Setembro

Pedro "Tochas" Santos não é um comediante comum e o último espectáculo que apresentou em Coimbra - "Work in Progress: Ensaio Geral" - é tudo menos convencional. Goste-se, deteste-se, ou mesmo para quem não apanhou algumas piadas, é impossível ficar indiferente.

Basta dizer que, após algumas ameaças em sair do palco devido a ruídos na assistência, Tochas brindou o Museu dos Transportes com uma surreal cena de "interactividade" com o público. Simplesmente, despejou meio litro de água sobre uma espectadora que teimava em perturbar o espectáculo. Para além disto, caprichou em repetir o início do espectáculo três vezes para os que chegaram mais atrasados.

O espectáculo teve duas partes, sendo que os "aficionados" saíram do Museu dos Transportes já depois da uma da manhã após uma conversa informal com o artista. "Work in Progress" é uma mistura de tudo um pouco o que Tochas já fez: stand-up comedy, malabarismo, teatro físico, mímica, esculturas com balões e o Palhau Tochas (o número da vassoura é imperdível e poético). Junte-se improvisado a gosto e a interacção com o público para termos três horas de pura demência e riso.

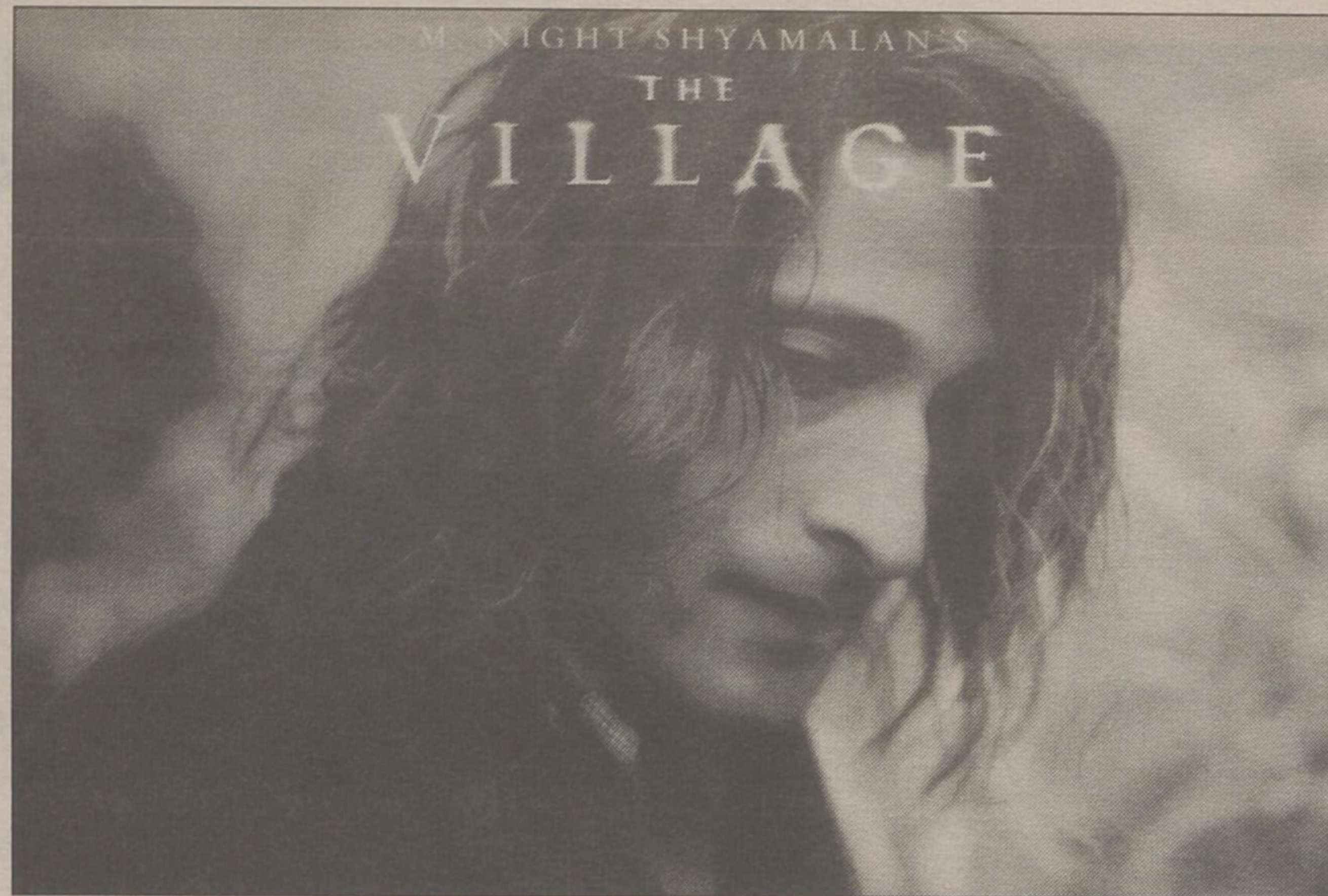
A primeira parte desenrolou-se em segmentos, uma história atrás da outra, sem ordem aparente. O resultado foi um espectáculo que "descambou completamente"; e ainda bem. Aliás, como avisava o prospecto, "algumas coisas vão correr mal outras vão correr bem, mas este é o desafio de criar um novo espectáculo". A capacidade de improviso de Tochas, o seu à-vontade e, acima de tudo, o riquíssimo reportório que foi acumulando em variadíssimas formações suplicam: "Não amarem o Tochas a um guião!"

Por outro lado, talvez essa seja a explicação para uma pessoa com o valor de Pedro Tochas ainda não ocupar um lugar de destaque na comédia mainstream portuguesa. E um pouco mais de auto-controlo vinha beneficiar a sua carreira mas ofuscava a originalidade e loucura que o caracterizam.

A segunda parte do espectáculo é uma oportunidade para o público "tratar por tu o Tochas", fazendo perguntas acerca do espectáculo ou da carreira do artista.

Tochas chegou a um estatuto, e acima de tudo criou um estilo, que poucos atingem em toda a carreira - enquanto está em palco, pode dizer e fazer o que bem lhe apetece. Como o próprio confessou em gargalhadas esquizofrénicas "posso fazer o que quero e dizer que estou a trabalhar!"

Vê-se...



As fixações do Noite

Shyamalan tem sido apelidado de “novo Spielberg” e de legítimo descendente de Hitchcock desde a sua primeira longa-metragem, “O Sexto Sentido”. Com “Sinais”, o homem cujo nome do meio é Noite atingiu um pico na sua obra adulta, apresentando, no pós 11 de Setembro e com os EUA em pleno pânico terrorista, uma história sobre uma família disfuncional que vai acompanhando pela rádio a progressão de um ataque alienígena – sendo que aqui alienígena traduz “alien”, que pode ser tanto extraterrestre como estrangeiro.

Deste novo “A Vila”, pode-se dizer uma de duas coisas (ou até duas de duas, se se quiser arriscar). Ou se limita a repetir os temas já tratados de maneira mais eficaz e intensa em “Sinais”; ou aclara o sentido do caminho do realizador, que não abdica de fazer filmes extremamente pes-

soais no seio do sistema de grande produção, e insere-se perfeitamente numa obra em que os temas do intruso, das relações familiares e do desencontro entre o real e os limites da percepção se têm vindo a politizar, fazendo-se discurso moral. Não deixa de ser curioso que pelo menos os primeiros dois tenham também sido temas de eleição de Spielberg, se bem que o intruso deste é saneamento do mal que existe no mundo que encontra (veja-se o recente “Terminal de Aeroporto”) e em Shyamalan ele é ameaça ao equilíbrio desse mesmo mundo.

Para além do mais, “A Vila” dá-nos a oportunidade de conhecer Bryce Dallas Howard, a belíssima atriz que substituirá Nicole Kidman no seguimento de “Dogville”, de Lars Von Trier, e traz-nos um Joaquin Phoenix em boa forma e um Adrien Brody para além do bem e do mal. Um filme a ver, sem dúvida e sem medo. **Jorge Vaz Nande**

O amor do medo

A arte de filmar ocupa, cada vez mais, um lugar decisivo, na concepção de um filme. Para M. Night Shyamalan, a flexibilidade, na hora de optar pelos diversos planos, não faz sentido. Para ele, “está tudo na câmara, no capturar do momento”. Em “A Vila”, mais do

que procurar o objecto (o medo), constata-se a preocupação do cineasta em examinar um conceito: a metaforização do terror humano. A procura é feita, sim, mas o que se esconde é o medo e o que se encontra é o amor.







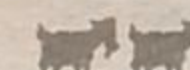



“A Vila” é habitada por uma comunidade isolada, que, num pacto com “as criaturas do bosque”, encontra o seu principal mecanismo de sobrevivência. Nesse grupo de personagens, ora nascem e crescem as noções de Bem e de inocuidade, representadas por Ivy Walker, ora predominam as de coragem, de consciência e de humanidade, caracterizadas por Lucius Hunt. Ao contrário de “Sinais”, mais extros-

pectivo e atemorizador, “A Vila”, para além de apresentar problemas de gestão no ritmo inicial da narrativa e nem sempre transmitir a noção exacta do espaço da acção, explora o lado humano e extenso dos receios e segredos contidos na nossa existência.

É neste sentido que aparece o simbolismo da harmonia, enquanto produto do poder dos anciãos da comunidade em causa, em finais do século XIX. Porque esse poder apenas constrói fronteiras físicas. Nunca emocionais, nem limitativas, do acto de pensar.

“This color attracts those we don’t speak of. We must bury it”. Esta é a frase central do filme. Se, por um lado, nos alerta para a fragilidade pontual que visita o ser humano resignado, na hora de reformular as suas crenças, por outro, faz-nos pensar que é possível enterar o medo, quando ele é feito de esperança, de uma só vontade, de uma só cor. O amor, esse, será sempre incompleto, se uma só cor, entre tantas, não o pintar. **Tiago Almeida**

A Vila de M. Night Shyamalan

Gustavo Sampaio	Uma clara analogia do mundo actual, dos seus frágeis equilíbrios, da receosa relação com os "outros".		
Jorge Vaz Nande	O que se vê é o que existe? E o cinema?		
Rui Pestana	É o medo que perpassa toda a película, o medo é a moral do filme.		
Tiago Almeida	Mais do que procurar o objecto (o medo), constata-se a preocupação do cineasta em examinar um conceito.		
A evitar 	Fraco 	Podia ser pior 	Vale o bilhete 
A Cabra aconselha 	A Cabra d'Ouro 		
Todas as críticas em acabra.net .			

Navega-se...

SHIFT

A revista define-se como sendo um meio de divulgação da cultura digital, que os autores resumem como sendo o choque entre a tecnologia e cultura. Começou por ser apenas uma revista electrónica tendo-se mais tarde expandido para o papel e até para a TV. Nos tempos que correm voltou a existir apenas na Internet. A revista tem os seus destaques de capa e tem também as secções fixas, entre as quais se destacam a RawShift e a ShiftList. A RawShift consiste apenas na apresentação de estatísticas. Todas elas são escolhidas a dedo e giram normalmente à volta de dados que ninguém se lembra de compilar. A ShiftList fala das últimas tendências sociais, a moda, os sítios essenciais do momento e de acontecimentos em geral. Ainda no número de Agosto era possível ler um artigo acerca da paixão de Vin Diesel pelas novas tecnologias ou outro sobre a importância da política e da ligação nas novas gerações à mesma.

<http://www.shift.com>

Razão

Mentes livres e mercados livres é o lema desta revista. Aborda política, cultura e ideais através de notícias, análises, comentários ou artigos. A ideia da revista é não ser nem de esquerda nem de direita e tentar honrar sempre as liberdades e as escolhas individuais. A vertente electrónica da revista é actualizada diariamente com notícias e é totalmente gratuita. Esta publicação pertence à Fundação Reason, uma fundação norte-americana dedicada à investigação e à organização educacional. A revista propriamente dita divide-se em quatro partes. A primeira secção inclui o editorial, as cartas dos leitores e informação sobre os contribuintes. Em seguida há as várias colunas e artigos de fundo dos colaboradores do mês em questão. Para finalizar temos a secção de cultura e críticas. Aqui encontramos textos sobre a descoberta da Internet pelos revolucionários iranianos ou porque é que a exposição de seios está na moda. Para mentes abertas e interessadas em novas opiniões.

<http://www.reason.com>

Informação SFF

Para finalizar fica o infoplease. Um almanaque na Internet com tudo o que



Tecnologia e Cultura

“Shift01”

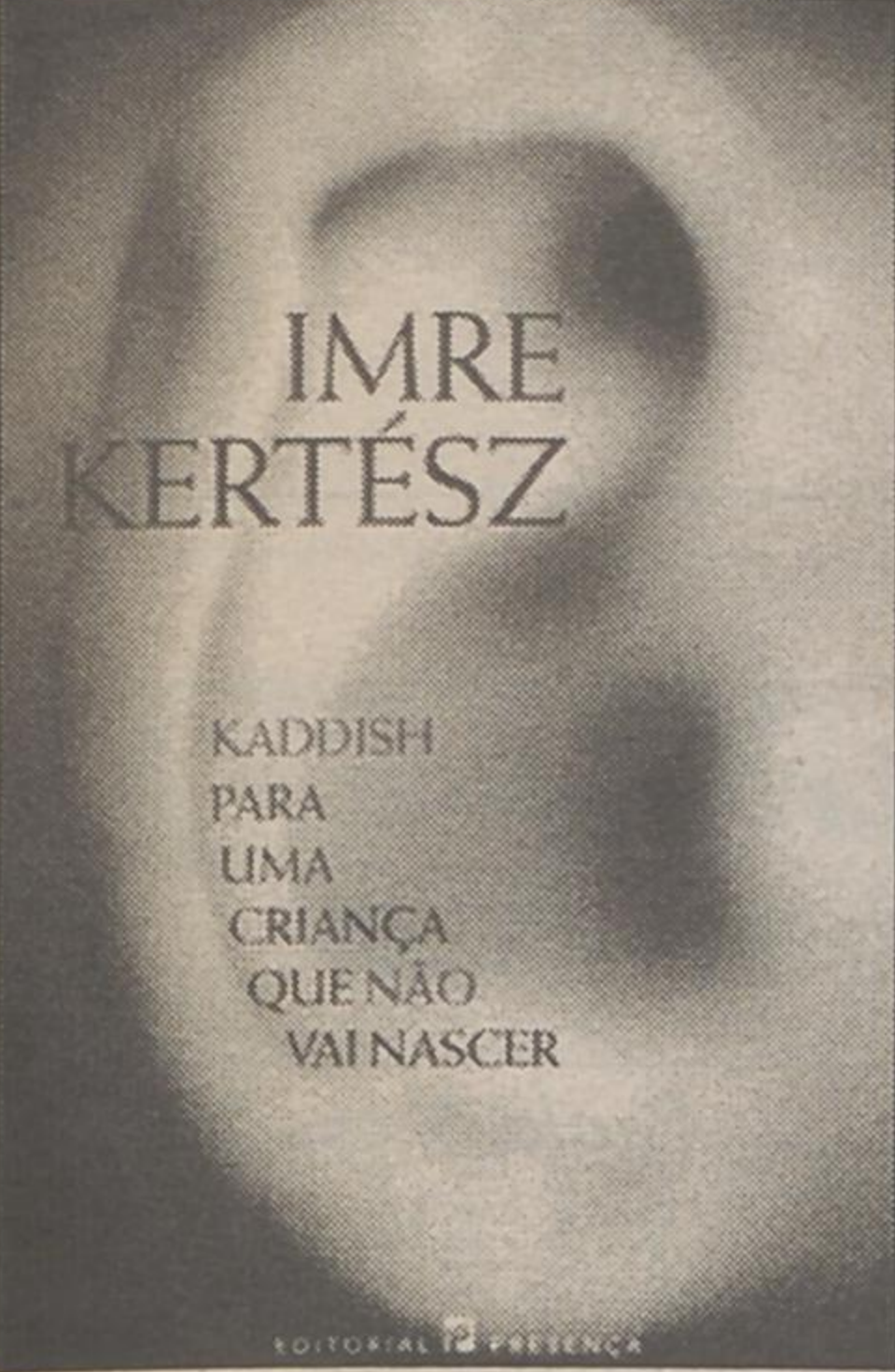
www.shift.com

se possa querer saber sobre (quase) todos os temas. A empresa que gere este sítio já existe desde 1938 e começou primeiro por ir respondendo a perguntas que lhe eram feitas. Já nos anos 40 começou a publicar um almanaque anual com informação diversa e desde 1998 que criou o infoplease para nos facilitar as pesquisas. Na página inicial deste almanaque temos informações sobre o dia em que estamos. Há um acesso directo a efemérides que tenham ocorrido neste dia, noutros anos, sabemos quem (das figuras públicas) comemora o aniversário e ainda há um espaço para as notícias do dia da Reuters. E todos os dias há na página inicial uma ligação para o significado de uma palavra diferente. Este sítio divide-se no almanaque, num atlas, numa enciclopédia, num dicionário e num dicionário de sinónimos. Claro que os conteúdos são mais virados para o público norte-americano, mas até o “Borda d’água” ter um sítio na Internet vamos ter de nos contentar com este almanaque.

<http://www.infoplease.com/>

Nuno Curado

Lê-se...



Imre Kertész

“Kaddish para uma criança que não vai nascer”

Editorial Presença, 2004

8/10

Entre o céu e a terra

Nascido em Budapeste no ano de 1929, Imre Kertész, de ascendência judaica e vítima do Holocausto (Auschwitz–Birkenau e Buchenwald), recebeu o Nobel da Literatura em 2002.

Ainda que acontecimento trágico, em “Kaddish para uma criança que não vai nascer” não há a autocomiseração do autor, que não se sente uma vítima dos homens mas, antes, se rege por qualquer coisa indefinida que permanece na sua história e na história de todos os seres humanos em geral. Kertész furta-nos à comoção fácil, não cai na armadilha, que encontramos amiúde em obras com esta temática, de explorar a tragédia. Pelo contrário, o seu refúgio parece ser esse: não permitir que dele se sinta compaixão, compaixão que é, também, uma forma de nos superiorizarmos aos que sofrem, fingindo uma dor (paixão) que, honestamente, não podemos saber sentir mas que queremos (assim a fingir, claro!) por que isso, de alguma forma, nos dá prazer. É exactamente esta ideia que Kertész quer fazer passar quando é interpelado sobre Auschwitz, mesmo quando querem nele acreditar como um herói.

A sua experiência, narrada no livro, veladamente, vai além do Holocausto: não é herói nem é uma vítima maior. Esta dimensão existencial serve como móbil do livro, mas não é tema central. O tema central é sim a arbitrariedade da história, da sucessão de acontecimentos, de um princípio qualquer que não controlamos e apenas padecemos, o de saber como gerir a nossa autodeterminação enquanto indivíduos únicos, seja por sofrermos Auschwitz–Birkenau, seja por sermos maus escritores e continuarmos a escrever. A própria escrita, tema nesta obra, é também uma imposição que Kertész, autor–personagem, recebe. Ser paciente da história, do amor ou mesmo da escrita não é mais, diz-nos, que possibilidades de cavar a nossa história, a nossa sepultura, no ar, de nos inscrevermos na história. Tal não significa que Kertész seja passivo, ao invés, ele diz “Não!” e é devido a um “não”, murmurado em toda a narrativa, que a sua história muda de registo. Um “não” a um filho que, possibilidade da sua existência, não quer ter. Toda esta narrativa é uma oração fúnebre (kaddish) a esse filho potencial, em que parece justificar o porquê. Um “Não!” aos que tentam submete-lo a uma história que não é a sua.

Ainda que não seja um livro de fácil leitura, devido ao modo intrincado da escrita, monólogo interior, uma quase oração, é um livro a considerar ler. É um escrito reflexivo, não piegas, com laivos do humor inteligente de quem soube escapar às memórias dolorosas, crítico de pseudo-filosofices e intelectualismos. Esta crítica estende-se, também, e de modo acutilante, ao modo como os judeus – sobretudo os que não sofreram directamente as experiências trágicas do nazismo – incorporaram, nos seus genes históricos e comportamentais “de judeus”, o Holocausto. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Lorenzo Gómez

“O Diário Sentimental de Júlio P.”

Vitamina BD Edições 2003.

7/10

Amores de verão...

Nas duas primeiras páginas desta história sobre o amor, o protagonista conhece acidentalmente uma mulher que o convida a ir até sua casa. E é com ela que ele vai ficar durante um ano, até ao fim do livro, provavelmente até ao fim da sua vida.

Personagem inseguro nas suas relações e insatisfeito consigo mesmo, Júlio P. vai partilhar com Lúcia histórias do seu passado amoroso, todas as aventuras, amores platónicos, episódios de sexo sem amor e encontros casuais que teve antes de a conhecer.

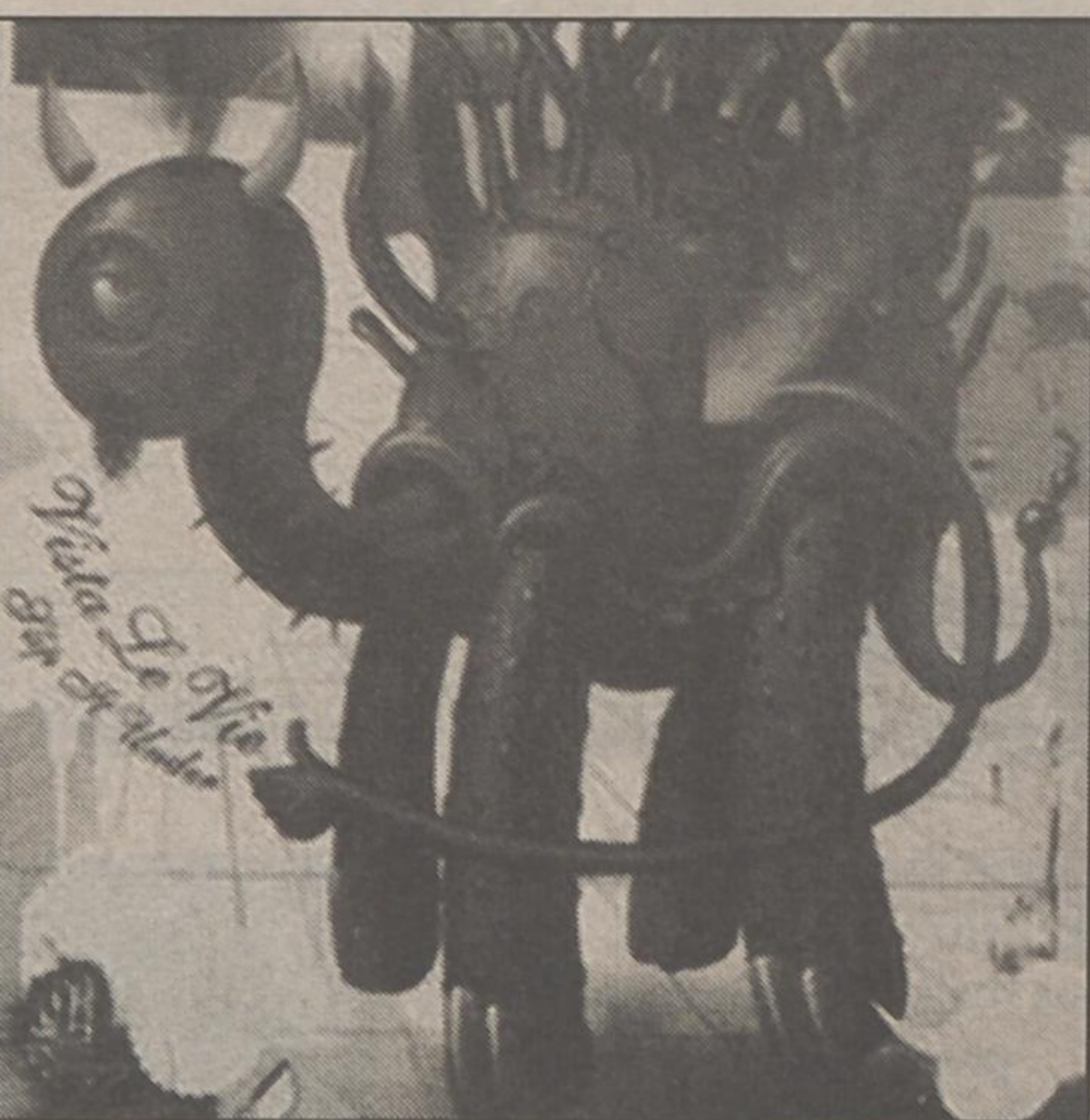
Embora com um argumento bem pensado, a estrutura da narrativa por vezes não é bem conseguida. As histórias que Júlio conta surgem sobre a forma de flashbacks intercalados com o tempo que passa com

Lúcia; contudo, esses flashbacks nunca são terminados, são antes retomados mais à frente, o que por vezes gera uma certa confusão no leitor. Nada que não se resolva com uma segunda leitura do livro.

Talvez o aspecto mais interessante da obra seja a capacidade que o autor tem de “dissimular” uma história dirigida a um público adulto. De facto, através do seu traço simplista e algo infantil, a par do carácter cómico dos diálogos, Lorenzo Gómez cria uma série de situações por vezes ridículas mas que funcionam como metáforas de situações reais e muitas vezes comuns.

Este álbum foi vencedor do prémio Injuve, e recebeu nomeações para autor revelação no salão de Barcelona em 2003, bem como para autor revelação, melhor argumento e melhor obra do salão de Barcelona em 2004. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



VISTA LE VIE

“Slip It Under”

F Communications, 2004.

7/10

Um “saber fazer” precoce

França, final de 2003. A editora F Com – abrigo de gente como Laurent Garnier e Ludovic Llorca – conhece a inscrição no seu catálogo de “Don’t”, um mui apazível EP de seis faixas assinado por uns quase secretos Vista Le Vie (VLV).

2004. Regresso aos minis pela dupla Max & Gilles. Após a estreia, sobre os VLV pouco mais se conhece além dos temas que percorrem “Slip It Under”. Do seu historial, sabe-se da relevância de um encontro na Rádio Nova (Paris), em finais da década de 90, entre Max, um aficionado pelo hip-hop e pelo hardcore, e Gilles, com o som de Detroit, o jazz e a soul a matar-lhe o coração, e lições de piano bem sucedidas no conservatório.

Apenas esta vasta amálgama de referências e experiências precedentes poderá justificar o à-vontade com que os VLV combinam matérias tão diversas, virtude pouco conhecida a projectos em início de vida. “Slip It Under” reflecte esta condição, através de exercícios bem arquitectados de uma electrónica (planante q.b.) que se abraça, sem reservas, ao hip-hop, ao jazz e às bandas-sonoras.

“For You (and you)” – com Ishmael Reed na voz –, é trip-hop com guitarras ácidas, a lembrar “Nighttime story” dos Lo-fidelity Allstars. “A cause for concern” também é trip (misteriosa), mas desta vez conduzida por beats mais velozes, mesmo que parcialmente pacíficos. Segue-se-lhe, em tons melancólicos, “Last One Standing”, um belo apontamento acústico, espécie de banda sonora alternativa à criada por Ry Cooder para acompanhar os crepúsculos de “Paris, Texas”.

A fechar o lote de instrumentais, “Erreur 99” é pintado numa tela apenas limitada pelo sinistro, com órgãos, de fundo, a marcar o suspense. Surpreendentemente, porque bastante diferente dos passos anteriores, o mini-álbum prepara a sua morte numa peça r’n’b/hip-hop/pop chamada “1st class” (com General Electrics na voz). Kelis não desdenharia cantá-la e, a acontecer, os VLV estariam na MTV. No entanto, não parece que a ambição do projecto passe por aí. **Tiago Pereira Carvalho**



Blonde Redhead

“Misery Is A Butterfly”

4AD (importação), 2004.

8/10

“Entre a verdade e a lenda, escolha-se a lenda”

Quando, em 2000, depois do mui (e devidamente) venerado “Melodie Of Certain Damaged Lemons”, que marcava o início da maturidade dos Blonde Redhead, estes resolveram romper o contrato com a Touch & Go, muitos duvidaram da continuação do projecto dos irmãos Pace e da pequena Kazu Maki-no, sobretudo quando quatro longos anos de silêncio lhe sobrevieram. Mas se longa foi a gestação deste novo trabalho, a sua edição pela etiqueta 4AD (a casa-mãe da santíssima trindade do barroco oitocentista: Cocteau Twins, Dead Can Dance e This Mortal Coil) torna-se uma coincidência feliz (e uma referência aqui justificável a pensar em todos os gurus musicólogos).

“Misery Is A Butterfly” vem confirmar que o trio nova-iorquino encerrou (quase) definitivamente o baú da no-wave e do art-rock, géneros que marcaram as suas primeiras etapas, muito por culpa dos ídolos Sonic Youth e Glenn Branca, num gesto tentador e comum em que homenagem vence a criatividade (o próprio nome da banda é o título de uma música dos desconcertantes DNA, liderados por Arto Lindsay...). Mais filtrado pela imaginação e pela emoção do que propriamente pela razão, é provavelmente o álbum mais negro e simultaneamente mais delicado dos Blonde Redhead, onde uma espécie de pop neo-romântica, longe dos sentimentalismos adolescentes que grassam por terras nórdicas, clama o seu lugar como “expressão do inexprimível”, ou seja, e mais uma vez, do amor torturado e muitas vezes proibido, do humanismo esquecido e do sonho corrompido.

Ok, esquecendo a adjectivação apetecível, temos aqui uma simples banda que não tem medo de abraçar a insegurança e a vulnerabilidade das suas próprias imperfeições, em composições marcadas agora por guitarras mais cansadas e menos angulosas, teclados mais cuidados e uma bateria seca e inebriante; os violinos e o violoncelo fazem pequenas aparições, o que somando a uma produção limpa e polida, contribuem para a luxúria pop que os Blonde Redhead abraçaram definitivamente - bem-aventurados os destinatários de canções como “Messenger”, “Maddening Cloud” ou “Magic Mountain”.

Henrique Costa

22 ESTÓRIAS

Crónica da Vida Moderna

1º episódio

K. apanhou o comboio rápido pela manhã, quando o ar ainda era puro e levemente respirável. Sentia-se tenso, com um nó no estômago e as mãos a tremer de insegurança, mas prosseguiu o seu caminho tal como tinha delineado na noite anterior, enquanto tentava adormecer, sem sucesso, sobre a almofada branca da mais pueril ansiedade.

A viagem foi demasiado longa. O tempo passou dificilmente. K. parecia estar enclausurado no interior de um limbo de sofreguidão, o sangue palpitante de incertezas, o fôlego intermitente de receios, e o olhar vazio, quase cínico, fixado no lado de fora da janela, no movimento mecanizado da paisagem, das árvores, das casas, dos carros. O comboio encontrava-se parado e o mundo movia-se no exterior, em filamentos de luz e cor, compondo um espectáculo majestoso aos seus olhos, inexpressivos, como que anestesiados pela dor, pela íntima vontade de desaparecer naquele preciso instante em que era abordado por uma rapariga que lhe pedia lume para acender um cigarro: "Muito obrigada".

No fim da linha, por fim, K. deparou-se com uma cidade viva, caótica, em plena efervescência. Os autómatos povoam as

ruas como formigas obreiras, formando carreiros até aos formigueiros mais próximos. Empresários, professoras, técnicos, secretárias, funcionários, directoras, mendigos, simples cretinos, uma miscelânea de actividades, interesses e ambições conjugados no mesmo espaço, sobrepovoado, claustrofóbico, profundamente doentio, mas simultaneamente excitante, vibrante, capaz de acordar a mais pútrida das mentalidades, reavivando o mais recôndito dos sonhos de adolescente. Ser dono do mundo inteiro.

Como o tempo era já escasso, correu para o metropolitano. Aquele mundo subterrâneo, habitado por autómatos e ratazanas, sempre o fascinara, mas o momento não era propício a devaneios maiores. K. concentrou-se pois no objectivo central, no propósito da viagem. Perversamente, formatar-se também ele num autómato obediente, integrado no sistema, como qualquer pessoa bem sucedida na vida moderna, embora não tivesse ainda total consciência dessa pretensão, ou preferisse não o admitir perante a própria consciência.

Todos estes pensamentos de K. desembocaram na estação mais próxima do seu destino. Subitamente, deixou de pensar, de existir. Encaminhou-se para a saída sem guardar qualquer recordação do breve caminho que percorreu. Subiu depois as escadas em di-



recção à luz, brilhante, do Sol. Caminhava esperançado, declarando para dentro: "Cidadão do

mundo, como Platão, em busca de um espaço próprio".

Gustavo Sampaio

(Na) Primeira Pessoa

Primeiro Dia

Abro os olhos debaixo de um tecto que desconheço. A cama não é desconfortável, mas é diferente; a noite não foi fria nem quente, mas foi diferente; o quarto não é pequeno, mas é diferente. Tudo é diferente do que estava habituado.

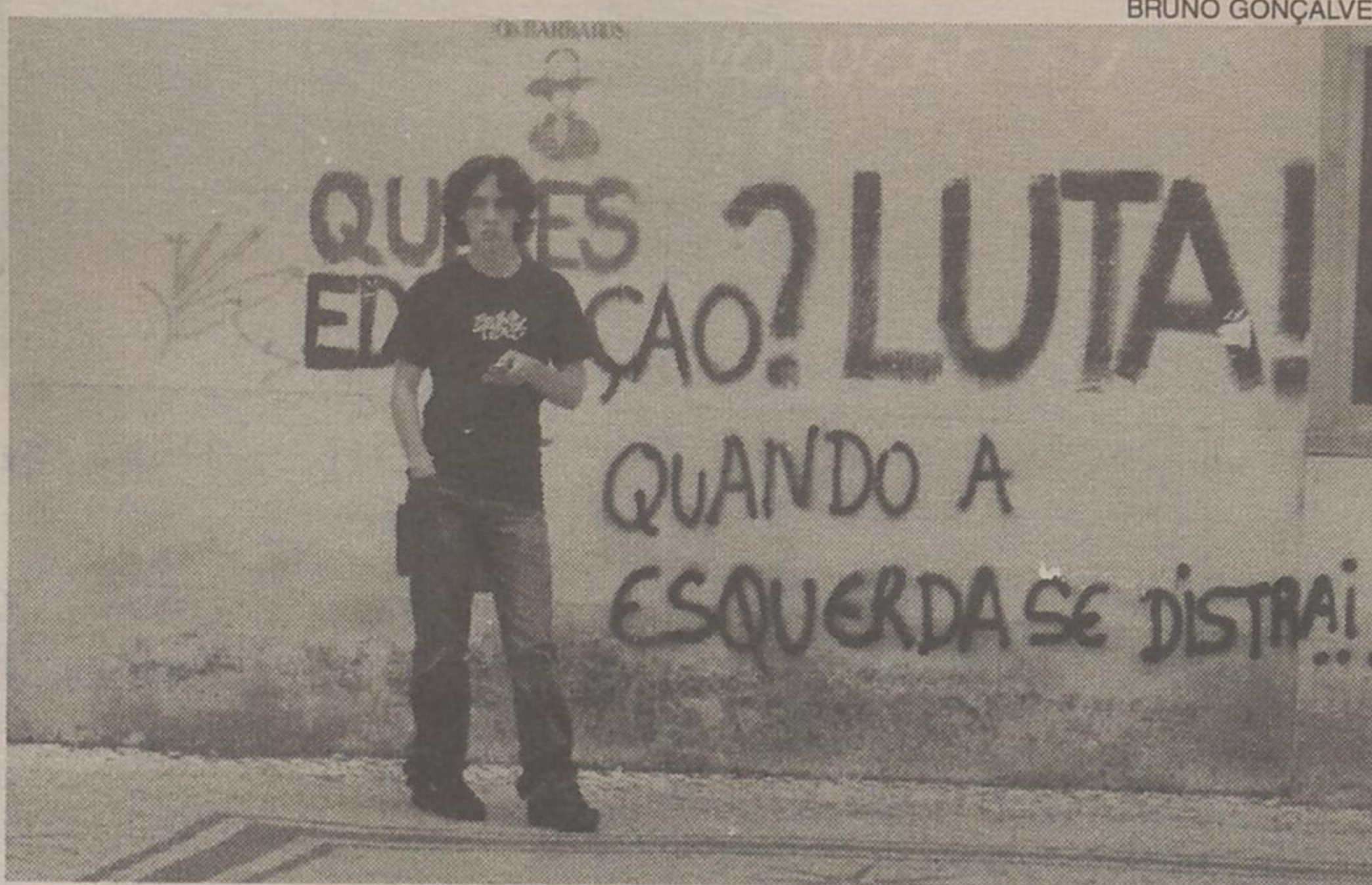
É estranho...ainda ontem estava com a minha família e com os meus amigos de infância, e agora estou aqui, sozinho, desamparado, numa cidade que mal conheço. Ouvi os últimos conselhos dos mais velhos, as últimas palavras de apoio e admiração dos meus amigos, recebi o último abraço dos meus pais e pus-me a caminho. Dizem-me que quando voltar serei outro... será que vou mudar assim tanto?

Hoje começo a minha caminhada rumo ao até agora desconhecido mundo universitário. Serão anos de estudo, de trabalho, de alegria,

de ansiedade, e espero eu, de sucesso. Dizem-me que vão ser os melhores anos da minha vida, mas ainda não me sinto totalmente seguro quanto a isso.

Daqui para a frente vou conhecer pessoas de vários pontos do país, fazer amizades, passar por novas experiências, desenvolver novos interesses... quem sabe se não encontro "aquela" pessoa? Estou na cidade dos amores, da história de Pedro e Inês... na cidade onde os meus pais se conheceram. Pode ser que isso seja um sinal.

Olho para o relógio: tenho meia hora para chegar à faculdade. Hoje não devo escapar à



praxe, mas essa é a primeira etapa da caminhada. Como disse ontem o meu pai: "faz parte". E eu agora faço parte deste mundo. Orgulhosamente. João Campos

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

O deus anoitecido de Mukavel

Ondulava Lusa, com seus pés de tamborzinho ritmado, por entre a noite cantada da selva. A aldeia de colmo silencioso pendurada no estalar da fogueira de lua e mar. Ao fundo, os gambozinhos e outros dissabores sonhados que tais.

Emolduradas no azul nocturno, as derradeiras ossadas do que se contava terem sido os botes de muita viúva trazida ao mundo. Dezenas de cascas de madeira que o tempo soprou cascas de noz anoitecidas num desígnio quase arqueológico. E nessa peste de cheiro salgado por certo a pele se engalinhava pela quase-presença de um novo olhar.

Lusa era ánsia soluçante. Atentara no esplendor da tarde passada: Mukavel chegara de biciletar. Nesse instante, de corpo entornado em suor, pôs aquele deus embrulhado em lona michuruca. Logo o assento de erva selvática e terra batida se viu convertido em templo ou ilha de admiração.

Mukavel, tornado Messias do embrulho, não desvendou logo os olhos da curiosidade. E pregou do alto do seu corpo de colibri esfomeado.

- Dentro daquele saco trago novos olhos para toda a gente...

A aldeia tresandava a murmúrio. Mukavel, inesperado propagandista, retorquiu.

- Quem gostar dos novos olhos, compra! Quem não gostar, cega!

Assim animado, converteu palhota em escritório de peregrinação. Para experimentar os novos olhos Mukavel cobrava. Podia ser em moeda, galinha ou favor a prestar. Estratégia para valorizar o produto e agigantar a expectativa.

A porta da palhota rentavelmente milagrosa engrossaram as gentes. Os carreiros transbordaram e os estômagos não almoçaram para ver com outros olhos.

Lusa desconfiava. Mukavel impusera o total sigilo - se é que pode existir o parcial - aos peregrinos pagadores. Forma esperta de não afastar a possível clientela. E assim Lusa - não pagadora - via proibir-se esse novo mundo do olhar.

Ao fim de tardias horas de consulta e de crédito, Mukavel decretou perante o fascínio generalizado.

- Logo à noite, ESPECIALMENTE - fez questão de erguer o braço e a voz - há consulta para todos... GRATUITAMENTE... - empenho do mesmo jeito empolgado de quem já folgou o bolso - Quando o sol terminar, consulta para a gente...

A aldeia desunhou-se pela refeição antecipada. De modo algum, a falta à comunhão sob as estrelas e a noite cantada do mato. Assim se profetizou, assim se cumpriu.

Findo o sol, Mukavel descobriu para todos o novo deus. A noite de gente arqueou-se. A partir daí, proibiu-se a palavra e decretou-se o ronronar único da fogueira ante a sombra de Mukavel.

A aldeia fez-se silêncio. O deus fez-se televisão.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Lurdes Lagarto (Ciência), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura), Rita Delille **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Bruno Gonçalves, Filipa Oliveira, Lurdes Lagarto, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carla Santos, Claudio Vaz, Diana do Mar, Dinarte Melim Velosa, Emanuel Graça, Gustavo Sampaio, Helder João Pinto, Joana Montenegro, Joana Moreira, João Cortesão, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaki, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Liliana Guimarães, Marília Frias, Mário Guerreiro, Marta Poiars, Nuno Braga, Nuno Curado, Nuno Felício, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Pedro Santos, Rui Pestana, Sandra Dias, Sandra Henriques, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Azevedo, Tiago Pereira Carvalho, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores** Andreia Ferreira, André Ventura, António Gil Leitão, Carla Moura, Cláudia Martins, David Jacob, Helena Fagundes, José Miguel Pereira, João Rijo Madeira, Laura Bastos, Márcia Bajouco, Marisa ferreira, Marisa Soares, Paula Costa, Rosa Ramos, Sandra Ferreira, Sandra Pereira, Teresa Neto **Fotografia** Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Joana Fonseca, Jonas Batista, José Sousa, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura, Velindro **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Violência humana começou há 12.500 anos

Investigadores descobrem raízes dos conflitos entre seres humanos

A descoberta, num esqueleto pré-histórico, de um ferimento por uma ponta de flecha remete a origem da violência para há 12.500 anos atrás, em Israel, no local de uma aldeia onde se acredita terem tido início os rituais de convivência humana.

Há muito tempo, que os cientistas defendiam o facto de a violência existir desde que os seres humanos começaram a viver juntos nos primeiros acampamentos. Contudo, este pressuposto não era factual dada a escassez de provas arqueológicas.

Recentemente, num estudo da revista "Journal of Human Evolution", dois arqueólogos, Fanny Bocquentin e Ofer Bar-Yosef, das Universidades de Bordeos e Harvard, descrevem a existência de uma ponta de flecha nas vértebras torácicas de um esqueleto com 12.500 anos, descoberto em 1931 no monte Carmelo, em Haifa, Israel.

Este fóssil comprova um assassinato cometido contra um homem adulto da tribo dos natufienses, que durante o período de 12.500 a

10.200 a.C. protagonizaram o início do sedentarismo e da agricultura.

O fóssil encontra-se, juntamente com outros 17 encontrados no mesmo local, no "Peabody Museum" em Harvard, tendo sido objecto de pouco estudo até ao momento em que Bocquentin e Bar-Yosef examinaram a colecção em detalhe e encontraram a ponta de flecha.

Os dois estudiosos deduziram, pela posição da flecha, que o homem tinha sido atacado a uma distância relativamente curta. A trajectória indica que a seta terá perfurado o pulmão esquerdo ou o coração.

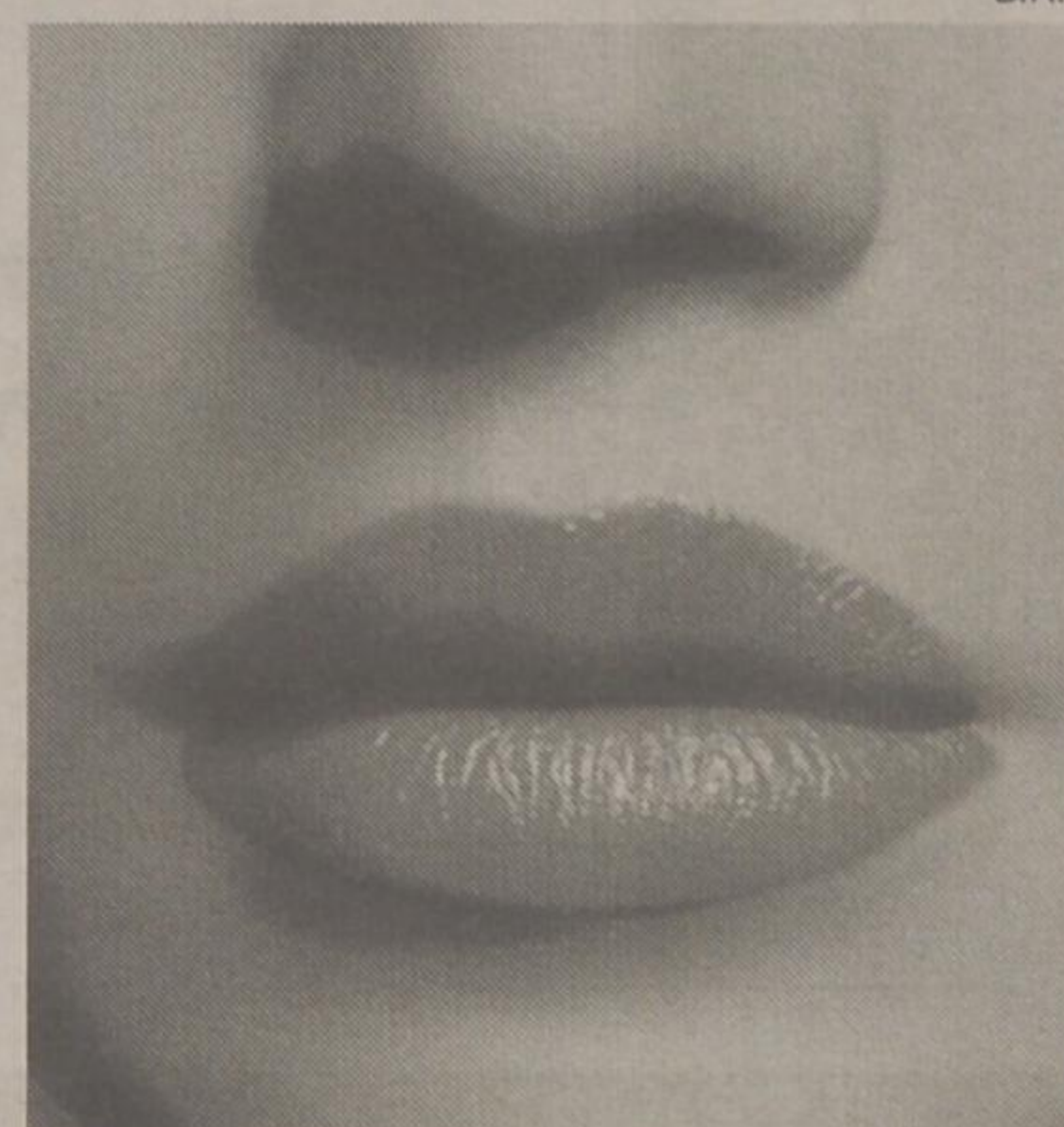
Até esta altura não existiam indícios de que os natufienses fossem um povo violento. Pelo contrário, este povo simboliza a transição dos caçadores-recolectores para a agricultura e o sedentarismo. As aldeias desta antiga cultura, formadas por casas de pedra semi-enterradas no solo, são os mais antigos vestígios conhecidos de convivência humana. Este povo foi também pioneiro na domesticação do cão selvagem, como mostram alguns ossos caninos descobertos ao pé de esqueletos humanos.

A ponta de flecha, indicativa de um acto violento nesta comunidade, vem abalar a certeza de que este era um povo harmonioso.



Primeira agressão humana conhecida teve lugar numa aldeia de Israel

A cara do futuro



"Future Face" é uma exposição patente no Museu da Ciência de Londres que levanta algumas questões sobre as implicações da possibilidade, cada vez mais recorrente, de alteração do rosto. A exposição explora a forma como a cara humana tem sido alterada ao longo dos anos e prevê como esta será em 2050.

Neste sentido, questiona se o crescente uso da digitalização para "melhorar" as caras das pessoas em fotos sugere o tipo de caras que as pessoas vão escolher ter no futuro.

A responsável pela exposição é Sandra Kemp, directora de investigação no Royal College of Art e especialista em cultura visual. A estudiosa afirma que o que está a acontecer digitalmente a preocupa e espera que esta exposição seja um lugar para a reflexão sobre o futuro.

Kemp sublinha que estamos progressivamente a caminhar para uma cara com a qual nenhum ser humano poderia ter nascido. Esta cara, como surge nas várias imagens da exposição, é equilibrada, suave e estreita com um queixo pequeno. As mulheres surgem, invariavelmente, com grandes lábios e olhos japoneses rasgados ao estilo dos desenhos animados Manga.

Um dos riscos apontados por Sandra Kemp é o da perda das características que nos tornam únicos, o caminhar para uma uniformização das faces humanas e, pior, para uma não-expressividade. A exposição alerta para o facto da alteração da face poder ter um enorme impacto na nossa própria concepção de identidade.

A exposição está em cena até 15 de Fevereiro de 2005.

Programa crucifica concorrentes

O canal TV3 da Suécia passa actualmente um "reality show" com o nome de "Expedition Robinson". Trata-se de um concurso, passado numa ilha, onde os participantes lutam diariamente pela sobrevivência, tal como aconteceu no concurso "Survivor", emitido em Portugal pela TVI.

Um dos desafios, em plena ilha quase deserta da Malásia, é uma prova onde os 20 participantes são pendurados numa cruz de madeira expostos ao calor e ao vento. O primeiro a desfalecer é automaticamente excluído. O que conseguir permanecer mais tempo na cruz é considerado vencedor. Assim crucificados, os concorrentes lutam entre si para ver quem resiste e quem consegue estar mais tempo "pregado" na cruz.

No último sábado, a vencedora foi uma jovem que desmaiou e caiu sobre a areia.

Esta situação causou bastante impacto nos espectadores e está a originar significativa polémica. A Igreja já protestou junto dos responsáveis do canal e ameaça mesmo excomungar os directores do programa e todos os participantes. Entretanto, os políticos democrata-cristãos também exigem a saída da "Expedition Robinson" da grelha da programação.

Mundos virtuais para atenuar a dor

Hunter Hoffman, um médico e investigador do Centro Médico Harborview da Universidade de Washington, em Seattle, nos Estados Unidos, está a testar uma nova forma de anestesia virtual. Esta consiste na projecção de diferentes realidades com objectivo de distrair os pacientes que sofrem de dores insuportáveis, como as causadas por queimaduras.

O especialista acredita que a dor contém uma forte componente psicológica e que, desta forma, pode ser controlada através de uma dis-

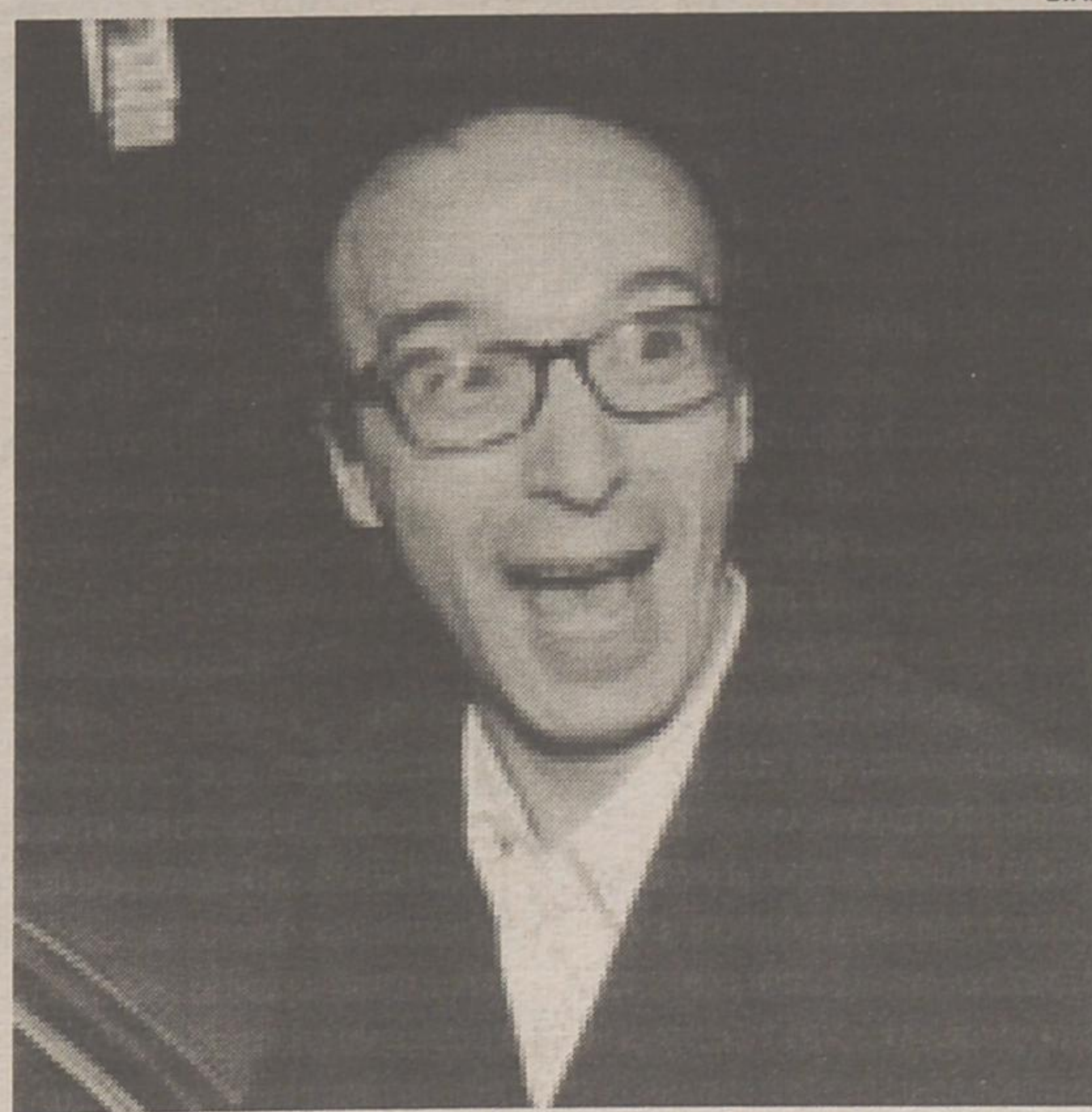
tracção profunda como mergulhar nas aventuras emocionantes dos mundos virtuais. Desta forma, a atenção do cérebro é desviada dos desconfortos físicos e este diminui a sua capacidade de processar sinais de dor.

Um dos espaços virtuais criados pelo cientista é o Mundo das Neves, uma viagem fantástica onde o paciente pode lutar contra ursos polares e pinguins agressivos. Esta nova "vacina virtual" já foi testada com sucesso em alguns doentes.

A realidade virtual também é

utilizada no tratamento de fobias e em casos de stress pós-traumático. Neste sentido, o médico desenvolveu um programa para os sobreviventes dos atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center, cujo objectivo é anular a sua sensibilidade em relação aos trágicos acontecimentos daquele dia. O objectivo da terapia é permitir que o episódio seja memorizado passo a passo. Este é analisado desde o início para gradualmente chegar aos lances mais perturbadores.

Roberto Benigni filma no Iraque



Depois de "A vida é bela" em que Roberto Benigni pega num cenário de horror dos campos de concentração nazis e o transforma, para o seu filho, num jogo bonito e engraçado, o actor e realizador italiano vira-se agora para o cenário de guerra iraquiano.

O protagonista do novo filme, "O Tigre e a Neve", também representado por Roberto Benigni, é Attilio, um poeta infeliz que chega ao Iraque "por acaso". O realizador descreve-o como o tipo de pessoa que vê num grão de areia uma explosão de vida e que acaba numa situação que o esmaga.

Benigni será novamente o protagonista da história e tal como em "A vida é bela" corre atrás da sua mulher na vida real, Nicoletta Braschi.

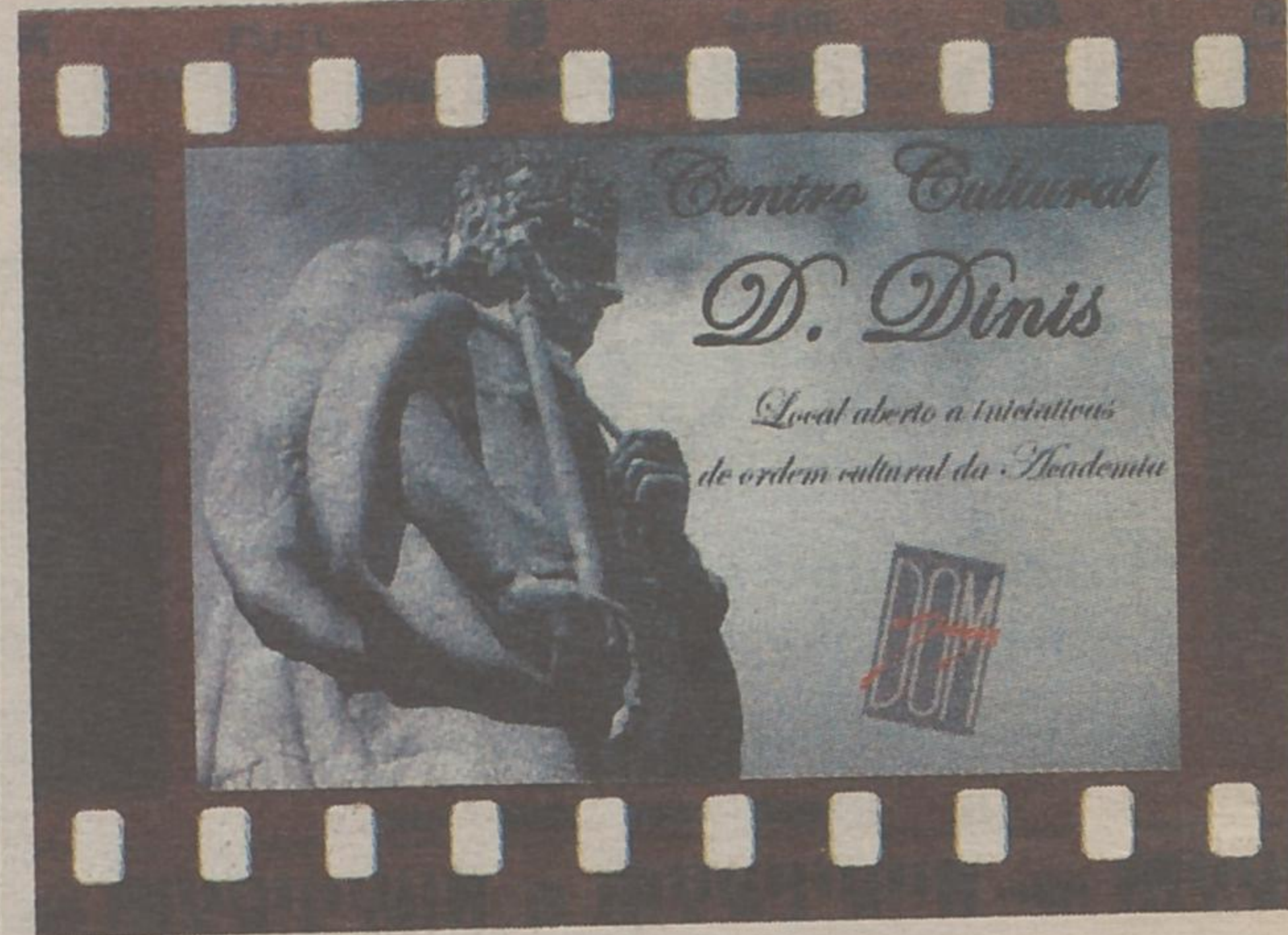
Numa entrevista recente sobre o seu novo filme a uma revista inglesa, Roberto Benigni disse que não estava a ser cínico ao filmar no Iraque. "A guerra tornou-se parte dos nossos sonhos. Apenas quando conhecemos o inferno podemos descobrir como abrir as asas e voar", explicou.

O filme deve chegar às salas de cinema ainda este ano.

Prostíbulos alemães vão ter aprendizes

O governo alemão vai, a partir do final do ano, cobrar multas a empresas que não contratarem aprendizes por cada 15 trabalhadores. Esta medida visa também os prostíbulos legalizados.

Alguns membros do Partido Verde tentaram modificar a lei para que não incluísse as prostitutas, mas o Ministério de Educação, responsável pela legislação, bloqueou as tentativas e disse que "causaria mais problemas excluí-las", informou a revista alemã Der Spiegel.



Outros rumos...

Por Claudio Vaz (texto e fotografia)

Coimbra

Um rumo em (in)comum

Coimbra, a famosa cidade dos estudantes está pronta para receber mais uma vez os seus novos caloiros, estudantes erasmus, pós-graduados, os que estão em doutoramento, festivaleiros, toda aquela malta que se renova todos os anos nos bancos das salas de aulas e dos cafés. Mas qual será o encanto que guarda esta cidade que encanta todos os que por aqui passam? São vários, muito variados, diversos, um tanto estranhos talvez, como as mentes e os corações dos que chegam cá todos

os anos e aceitam o desafio de compartilhar de peito aberto a experiência de fazer casa neste universo de apenas alguns quilómetros quadrados. A Coimbra da Alta, da Baixa, de Celas, do Arco da Almedina, do Penedo da Saudade, do Pólo II... Só para citar alguns só nossos, outros de todos, outros de mais alguém em especial, e outros mais que acabamos por conhecer por acaso, da mesma maneira que conhecemos uma nova amizade. Tantos sítios, jardins, cafés... Cafés. Quem ainda não se sentou ou não se vai sentar numa das mesas do Tropical, do Académico e do bar onde se encontra toda a gente, de todo o mundo, que vem para cá e que acaba por parar lá, o bar da Associação? São inúmeras as ocasiões e inúmeras as histórias... Estórias. Contos, lendas, boatos de con-

versas de corredor que ataçaram e ataçam a curiosidade dos que agora chegam, como o tesouro enterrado junto ao Arco da Almedina, Sócrates, o cão que assiste a aulas, as trupes que caçam caloiros à meia-noite, calabouços que aprisionavam estudantes matreiros no tempo em que a capa, batina e barrete eram uniformes... Cafés, lugares, estórias, diversos mundos... Mundos. Somos privilegiados por estudarmos numa universidade que recebe estudantes de quase todos os cantos do planeta. Estilos, ideias, cultura, opiniões, línguas, rumos... Esta coluna fala de viagens, de outros rumos, novos, diferentes, interessantes, conhecidos, pouco conhecidos, incomuns, que partem de uma sítio comum a todos nós, o mesmo ponto de chegada, o mesmo ponto de partida. Coimbra.



Comemoração de uma mística

Revitalizar o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), dar-lhe ritmo, incutindo nele todo um espírito ancestral, são os objectivos das comemorações de meio século de actividade

Paula Costa
Carla Moura

O CITAC comemora 50 anos, evento que vai ser celebrado com pompa e circunstância, e nada melhor que fazer uma viagem ao passado perspectivando o futuro. No fundo, deixar o seu testemunho, transmitindo uma mensagem aos que se iniciam neste caminho.

O CITAC foi constituído a partir

de membros do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC). O seu nascimento é ambíguo e a data de 1954 contraditória, existindo escritos que apontam para a sua formação em 1956. Foi em Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra que adquiriu a sua autonomia. Inicialmente, as suas actividades eram dirigidas ao público em geral, mas, devido aos estatutos adquiridos, foi posteriormente restrito ao meio estudantil. Actualmente, essa restrição foi eliminada. Nos anos de 1961/62, o CITAC editou os "Boletins de Teatro" e os "Cadernos de Teatro". Apenas quatro boletins foram publicados, devido ao seu custo elevado, tendo alguns desses cadernos de teatro sido reeditados recentemente.

Já na década de 70, o contributo do dramaturgo Ricard Salvat veio revitalizar o teatro português, influenciando também a dinâmica do CITAC da época. Adoptando de Brecht

uma consciência diferente de perspetivar o teatro, o público de então participava nos eventos e começou a criar uma distanciação ao ver o teatro como objecto, consciencializando-se e retirando daí uma mensagem construtiva e revolucionária. Resultado disso foi a peça "Macbeth, o que se passa na tua cabeça", encenada por Juan Oviedo. Esta peça, levada a cena pelo grupo, abalou as estruturas sociais, fazendo com que a PIDE a encerrar o pano do CITAC. O conteúdo histórico do CITAC foi então maioritariamente mutilado.

Contudo, as portas que Abril encetou vieram consolidar o trabalho que desde sempre caracterizou o CITAC, porque, segundo Vânia Álvares, presidente da Assembleia do CITAC, "a espada sempre esteve sobre a 'cabeça' do CITAC". No entanto, a responsável sublinha: "Os seus membros nunca desertaram, mantendo-se sempre em actividade".

Quanto às afinidades com o TEUC,

Vânia Álvares relembra que se limitam à partilha dos mesmos espaços. Artisticamente, os dois grupos diferem na forma: "O CITAC é mais experimental, o TEUC mais clássico". Mas estas diferenças não são motivo de divergência entre ambos. Pelo contrário, refere a presidente do CITAC, Sílvia Madeira, contribuem para uma solidarização mútua. E, prova disso, é o ACTUS, Festival de Teatro, realizado anualmente em parceria.

Perspectivando as actividades passadas, as responsáveis afirmam que estas continuam a dar frutos. Em 1994 o evento Kafka contribuiu para o alargamento cultural do grupo. Ainda assim, hoje, constitui uma referência enriquecida em muitas das suas apresentações. Daí os galardões que foram ganhos. Mas, o que mais resalta nestes encontros, na opinião de Vânia Alves, "é a partilha de experiências artístico-pessoais".

O CITAC desenvolve ainda um Curso de Iniciação ao Teatro, que tem

como objectivo formar artistas versáteis. Para isso, contribuem uma disciplina árdua e a dedicação dos seus membros. As suas actividades são desenvolvidas graças a diversos apoios financeiros, nomeadamente a Fundação Calouste Gulbenkian, o Ministério da Cultura, a Reitoria da Universidade de Coimbra, a câmara municipal, entre outras instituições.

O saldo das várias actividades "é positivo", dizem Sílvia Madeira e Vânia Álvares. Agora, toda a história do CITAC conflui num jantar comemorativo, que teve lugar este sábado, e noutros eventos preparados para o efeito, que têm por objectivo congrega todos os "citaquianos". As festividades prolongam-se por dois anos (devido às dúvidas quanto à data de fundação), levando os membros a reviver a mística do grupo e perpetuá-la para o futuro. Segundo Sílvia Madeira "a mística continua devido à inquietude e vivacidade de inovar o teatro".



Há dias que nunca se esquecem

11 de Outubro- nova grelha da RUC